

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ANA CAROLINA DRUWE

**Estratégias transmídia e juventudes pelo clima:  
reflexos do movimento Fridays for Future no Brasil**

São Paulo  
2023

ANA CAROLINA DRUWE

**Estratégias transmídia e juventudes pelo clima:**  
reflexos do movimento Fridays for Future no Brasil

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, na Linha de Pesquisa – Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos.

Orientação: Prof. Dr. Anderson Vinicius Romanini

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

---

Druwe, Ana Carolina  
Estratégias transmídia e juventudes pelo clima:  
Reflexos do movimento Fridays for Future no Brasil / Ana  
Carolina Druwe; orientador, Vinicius Romanini. - São  
Paulo, 2023.  
146 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes  
/ Universidade de São Paulo.  
Bibliografia  
Versão original

1. Ativismo. 2. Mudanças climáticas. 3. Fridays for  
Future. 4. Transmídia. 5. Media literacy. I. Romanini,  
Vinicius... II. Título.

302.2

CDD 21.ed. -

DRUWE, Ana Carolina. Estratégias transmídia e juventudes pelo clima: reflexos do movimento Fridays for Future no Brasil. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, 2023.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Banca examinadora.

Prof. Dr. Anderson Vinicius Romanini, Orientador.

Instituição: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a) Dr.(a): \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a) Dr.(a): \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a) Dr.(a): \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*"Nada por nós, sem nós"*  
Samela Sateré Mawé, 2022

## AGRADECIMENTOS

Àqueles que compartilharam suas experiências de luta e ativismo mostrando que a defesa pelo futuro é também a luta pelo comum: Fridays for Future Brasil, Amanda Costa, Betina Gorsch, Naiara Almeida, Mikaelle Farias, Renata Padilha, Gabriel dos Santos, Marcelo Rocha, Samela Sateré Mawe, Tukumã Pataxó, Thiago Karai, Mídia Índia, Engajamundo, Amazônia de Pé.

Àqueles que me apresentaram caminhos e proporcionaram encontros: Mayara Vivian, Daniel Lie, Jean Camoleze, Rodolfo Bonifácio, Johnny Miller, Isabella Guimarães, Grupo SemioData, Gabi Di Bella, Viviane Tabach, Isabelle Hillenkamp, Camila Carmo, e meus parceiros da Casa do Povo.

À Larissa Nascimento, por todo companheirismo nesse mergulho vertical nas águas caudalosas da pesquisa.

À minha família, por me trazer até aqui: Miriam, Ronaldo, Nicolas, Virgínia e Silvia.

Ao meu orientador Vinicius Romanini, por abrir as portas para que eu pudesse acessar o caminho que nos leva pelas próximas páginas.

## RESUMO

DRUWE, A.C. **Estratégias transmídia e juventudes pelo clima: reflexos do movimento Fridays for Future no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O movimento *Fridays for Future* levou, em 2019, mais de 7 milhões de pessoas às ruas decretando emergência climática. Sob a liderança da jovem sueca Greta Thunberg, surgiram as greves escolares pelo clima, representadas por jovens no mundo todo que suspenderam suas aulas para protestar pelo clima. Em 2021, por sua vez, assistimos à multiplicação do ativismo das juventudes pela criação de diferentes coletivos e iniciativas ambientais que sustentaram ações entre o *online e offline*, visibilizando a crise climática por meio de narrativas pessoais e perspectivas locais. A participação desses jovens está registrada nas redes sociais, nos noticiários e na história das conferências internacionais do clima. Diante disso, a presente pesquisa analisa os reflexos do movimento *Fridays for Future* no Brasil e seus desdobramentos práticos pelo surgimento de novas iniciativas protagonizadas por jovens lideranças. Por meio da etnografia digital, são apresentadas iniciativas que surgem em diferentes contextos geográficos, as quais evidenciam seus problemas locais a partir de estratégias próprias. Ao adotar a revisão bibliográfica, abordamos as noções de ativismo transmídia e organização transmídia para um entendimento mais amplo das estratégias comunicativas usadas no contexto da plataformização. Assim, chegamos à conclusão de que a transmídia se apresenta como uma competência midiática (*media literacy*) que influencia o modo de comunicação dessas juventudes. Em especial, destacamos como o movimento no Brasil ganhou abrangência por evidenciar diferentes perspectivas sobre o problema climático, promovendo a diversidade de vozes e narrativas que descrevem demandas e propostas de ação para um futuro global em um contexto de colapso ecológico.

**Palavras-chave:** Mudanças climáticas; Ativismo; Fridays for Future; Transmídia; Media literacy;

## ABSTRACT

DRUWE, A.C. **Transmedia strategies and Youth for the climate: reflections of the Fridays for Future movement in Brazil.** Master Thesis – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The Fridays for Future movement gathered over 7 million people in the streets in 2019 by declaring a climate emergency. Under the leadership of the young Swedish activist Greta Thunberg, school strikes for climate emerged around the world, with young people suspending their classes to protest for the climate. In 2021, in turn, we witnessed the proliferation of youth activism through the establishment of different environmental collectives and initiatives that engaged both in online and offline actions, turning the climate crisis visible through personal narratives and local perspectives. The participation of these young people is documented on social media, in the news, and in the recent history of international conferences. In light of this, the present research examines the impacts of the Fridays for Future movement in Brazil and its practical developments through the emergence of new initiatives led by young leaders. Through digital ethnography, we present initiatives that arise in different geographical contexts, which highlight their local issues through their own strategies. By adopting a literature review, we approach the concepts of transmedia activism and transmedia organization to gain a broader understanding of the communicative strategies used in the context of platformization. Thus, we conclude that transmedia presents itself as a media literacy that constitutes the communication practices of these youth movements. In particular, we highlight how the Fridays for Future movement in Brazil has gained breadth by showcasing different perspectives on the climate problem, promoting diversity of voices and narratives that describe demands and proposed actions for a global future in a context of ecological collapse.

**Keywords:** Climate change; Activism; Fridays for Future; Transmedia; Media literacies

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Página do perfil de Greta Thunberg o qual ela se nomeia oficialmente "pirralha" em resposta aos comentários de Bolsonaro .....	27
Figura 2 - Mapa colaborativo em que ativistas podem incluir suas ações como parte das estatísticas do movimento .....	30
Figura 3 - Formulário Google para cadastramento de ações .....	31
Figura 4 - Print da matéria publicada em 22 de março de 2022 .....	49
Figura 5 - Publicações de jovens ativistas no dia 19 de março de 2022 .....	49
Figura 6 - Postagem no dia 10 de março de 2019.....	54
Figura 7 - Logotipos usados por iniciativas vinculadas ao Fridays for Future no Brasil .....	60
Figura 8 -Greve pelo clima na cidade de São Sepé. ....	68
Figura 9 - Ian Coelho na entrega do Prêmio Exterminador do Futuro ao ministro Ricardo Salles.....	71

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	<b>11</b>
1.1 Considerações sobre a metodologia .....	15
<b>2. Mudanças Climáticas e disputas de narrativas</b> .....	<b>20</b>
2.1 O problema climático: como chegamos até aqui? .....	20
2.2 Movimentos ambientais nas Conferências das Partes: antecedentes das greves pelo clima .....	24
2.3 As greves pelo clima e o movimento <i>Fridays for Future</i> .....	26
<b>3. Ativismos, redes e plataformas</b> .....	<b>33</b>
3.1 Movimentos em rede e o uso das TICs .....	33
3.2 Ação coletiva e ação conectada: diferenças e aproximações .....	39
3.3 Plataformização da cultura, cultura das plataformas .....	42
3.4 Ativismo digital nas plataformas: possibilidades e implicações .....	47
<b>4. Pensar global, agir local: o movimento Fridays for Future no Brasil</b> .....	<b>53</b>
4.1 Fridays for Future Brasil: como o movimento chegou aqui? .....	53
4.2 Núcleos locais do Fridays for Future Brasil .....	63
4.2.1 Jovens pelo Futuro Xingu .....	64
4.2.2 Eco pelo Clima .....	68
4.2.3 Jovens pelo Clima Brasília .....	71
<b>5. Transmidialidade no ativismo pelo clima</b> .....	<b>75</b>
5.1 Transmídia e transmidialidades .....	75
5.2 Transmídia e ativismos .....	79
5.3 <i>Transmedia literacies</i> , competências transmídia .....	85
<b>6. Considerações Finais</b> .....	<b>89</b>
<b>Referências</b> .....	<b>93</b>
<b>Apêndice – Entrevistas transcritas</b> .....	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

O problema climático ganhou espaço significativo nos últimos anos e se tornou uma pauta transversal na esfera pública, afetando diferentes camadas da sociedade. Nessa toada, a participação de crianças e adolescentes nas discussões políticas sobre o futuro global tem sido cada vez mais frequente. A partir das redes sociais, esses jovens vêm tornando visíveis seus pontos de vista sobre a crise climática como problema intergeracional, demandando mais participação dos jovens nas decisões políticas que tangem o futuro de sua geração e das próximas. Tal participação trata-se de um fenômeno que aponta para transformações significativas na esfera pública que merecem atenção e estudo, sobretudo, no campo da comunicação.

Um exemplo recente, foco nesta pesquisa, são os protestos do movimento *Fridays for Future*. As greves globais pelo clima, implicadas nesse movimento, surgiram a partir de 2018 como forma de reivindicar mais espaço de participação das juventudes na construção de políticas de mitigação dos efeitos do aquecimento global. Figuras como a jovem sueca Greta Thunberg se tornaram mundialmente conhecidas enquanto lideranças que deram início a esse movimento, que se mantém ativo até pelo menos o ano de 2023, quando esta pesquisa se conclui.

Thunberg ganhou fama por suspender suas aulas para protestar pelo meio ambiente, quando, às sextas-feiras, se posicionava em frente ao Parlamento de Estocolmo, capital da Suécia, para cobrar dos governantes medidas concretas com o intuito de frear o aquecimento do planeta. A ação reforçava a atenção para as projeções científicas, que apontavam 1,5°C como limite máximo para aumento da temperatura global, de forma a evitar um colapso generalizado dos ecossistemas, impactando as gerações futuras assim como a biodiversidade em um todo. Segundo a jovem, o alerta da ciência não estaria sendo levado a sério pelos governantes, já que estima-se 10 anos como limite máximo para a implementação de medidas significativas que vão impactar em diversas esferas da vida em sociedade, como a transição energética para economias baseadas em energias limpas.

Em resposta a essa inércia, com apenas 15 anos de idade, segurando um cartaz escrito à mão, usando duas tranças no cabelo e uma capa de chuva amarela, a imagem de Thunberg e seu protesto ganharam repercussão midiática. Sua palavra de ordem – *Skolstrejk för klimatet* (greve escolar pelo clima) – se transformou em um dos maiores protestos ambientais da história, levando mais de 7 milhões de pessoas às ruas em setembro de 2019.

A viralização da imagem de Greta Thunberg foi o ponto de ignição para o surgimento de um movimento global e coordenado por jovens no mundo todo. A organização do *Fridays for Future* se dá entre jovens com idade entre 14 e 30 anos, que se distribuem em diversas cidades, países e contextos, tendo as plataformas digitais como modelo de organização e difusão de suas ações, ainda que outra parte se estabeleça em espaços *offline*, como ruas, avenidas e escolas. Pelas redes sociais, o movimento repercute suas ações ativistas e mobiliza protestos usando *hashtags*, *selfies* e produzindo conteúdos midiáticos em prol da conscientização ambiental através da justiça climática.

A repercussão do *Fridays for Future* também vai além do burburinho das redes. Em 2019, “greve pelo clima” foi eleita a expressão do ano pelo Dicionário Collins e, ao lado de Thunberg, o *Fridays for Future* foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz; tivemos ainda a participação de jovens ativistas que se diluiu em diferentes espaços e mídias, dos fóruns internacionais a reuniões privadas com líderes políticos. Protagonismos em séries documentais, capas de revista como a *Times* e *Forbes*, em retratos em visitas com representantes institucionais – de Papa São Francisco ao Dalai Lama – passando também por Príncipe Charles, até celebridades como Leonardo Di Caprio, divas pop como Billie Eilish e assim por diante. A capilaridade do movimento pode ser rastreada pela vasta documentação da figura de seus ativistas em canais multimodais, entre matérias na imprensa, vídeos no *Youtube*, postagens em diferentes mídias sociais.

A repercussão do movimento no Brasil, também mostrou seus efeitos através de notícias na imprensa sobre o movimento *Fridays for Future* que contribuíram para evidenciar uma série de jovens ativistas que utilizam das redes sociais para tornar visíveis suas lutas pessoais pelo meio ambiente.

Em uma pesquisa usando os termos “Geração Greta” e “Brasil”, é possível encontrar um conjunto de reportagens que buscam conectar o movimento global a atuação das juventudes brasileiras<sup>1</sup>. A atuação desses jovens, no entanto, estão focadas em seus próprios contextos locais e vivências pessoais, que diferem, em grande parte, da vivência dos ativistas europeus. Um exemplo é a atuação de Samela Sateré Mawé, jovem indígena do povo Sateré Mawé e integrante do movimento *Fridays for Future Brasil*. Ela utiliza seu perfil no *Instagram* para defender a proteção de territórios indígenas diante do garimpo ilegal e o protagonismo indígena nas decisões e formulações de políticas ambientais no Brasil e no mundo: "as lentes, os celulares e as conexões *online* se somam hoje aos tacapes e

---

<sup>1</sup> Para saber mais, ver referências como a matéria: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/04/opinion/1567603512\\_016582.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/04/opinion/1567603512_016582.html)

bordunas. As armas da luta indígena atual estão também na comunicação” (Sateré Mawé, 2022).

Já Marcelo Rocha, outro integrante do *Fridays for Future* Brasil, vive em Mauá, São Paulo, e conecta a pauta climática à vida nas periferias. Em seu vídeo no *TedTalk*, ele explica: “quando a gente fala de mudanças climáticas, a gente tem pouca oportunidade de contar as nossas histórias e de falar sobre os nossos territórios” (Rocha, 2021). É por isso que, como parte de sua atuação, Marcelo viaja o mundo e realiza palestras na forma de contação de histórias, trazendo sua própria história de vida de forma a inspirar mais pessoas a se conectar com a pauta climática.

Os dois exemplos descritos compõem as observações realizadas por essa pesquisa. Ainda que a atuação de Marcelo Rocha e Samela Saté Mawe não tenham aqui ganhado foco maior de atenção, ambas exemplificam as dinâmicas discutidas ao longo dos próximos capítulos. Com atuações locais na região Sudeste e Norte do país, respectivamente, esses dois ativistas são exemplos de integrantes do *Fridays for Future* Brasil, que embora participem de um mesmo movimento global, abordam o problema climático por diferentes pontos de vista, através de seus perfis pessoais que se conectam com a atuação coletiva, e global, do *Fridays for Future*. Em outubro de 2021, tanto Samela como Marcelo compartilharam de um mesmo espaço físico: a COP26, em Glasgow, onde ambos representaram a juventude brasileira e participaram de eventos, palestras e marcharam ao lado de Greta Thunberg nas greves pelo clima que aconteceram naquela ocasião na cidade européia, tão distante das comunidades as quais atuam em seus cotidianos.

Diante do exposto, esta pesquisa procura evidenciar e discutir as estratégias comunicativas do movimento *Fridays for Future*, tendo como objeto a atuação do movimento no contexto brasileiro. A partir da observação empírica, nos baseamos em metodologias que partem da etnografia digital (Dawson, 2020) e da etnografia aplicada à internet (Hine, 2015), somada a entrevistas semi-estruturadas (Martino, 2014) com ativistas e que são anexadas ao fim deste trabalho.

A partir da descrição da atuação de iniciativas brasileiras, identificamos algumas das maneiras pelas quais o movimento atua a partir da comunicação, em especial abordando a pauta climática ao evidenciar contextos locais e narrativas pessoais, se utilizando de ferramentas de fácil acesso, em especial as redes sociais e as plataformas digitais para organização e difusão de informação. Nossa contribuição no campo da comunicação se dá em situar essas dinâmicas ativistas no contexto das plataformas digitais, tendo como referência o conceito de plataformização da cultura e seus impactos na organização coletiva,

algo necessário para a construção da identidade de movimentos sociais. Nesse sentido, o trabalho etnográfico é atravessado pela revisão bibliográfica, abordando um conjunto de conceitos do campo da comunicação e dos movimentos sociais em rede.

A *plataformização* remete a um processo histórico de transformação das sociedades contemporâneas, na qual a infraestrutura das plataformas digitais, mediada pelas *Big Techs*, passa a penetrar diferentes setores econômicos e esferas da vida social a partir de um processo dinâmico e cruzado de estratificação de dados dos usuários em ambientes personalizados. Nessa empreitada, o comportamento humano se torna recurso a ser explorado por empresas, dificultando qualquer ação coletiva que não seja do interesse desse modelo de negócios. A organização dos indivíduos, assim, passa a restringir-se aos limites dos públicos calculados pela agência dos algoritmos, limitando a atuação dos movimentos sociais no contexto digital, visto que esses movimentos dependem da construção de uma identidade coletiva para sua permanência a longo prazo.

Nos perguntamos, assim, de que maneira a permanência de um movimento global como o *Fridays for Future*, que tem as redes sociais como força central, é capaz de perdurar no tempo? A partir da apresentação de um panorama das estratégias coletivas do movimento no Brasil, caracterizamos as estratégias do *Fridays for Future Brasil* como um ativismo transmídia (Hancox, 2020) ou, mais precisamente, uma organização transmídia (Constanza-Chock, 2014), compreendendo que sua linguagem atravessa diferentes formatos e mídias abarcando múltiplas vozes que fortalecem a pauta climática, reforçando sua complexidade e transversalidade.

Para elaborar tal discussão, nossa dissertação se estrutura da seguinte forma: no **capítulo 1**, apresentamos como o problema climático se transformou em pauta para movimentos ambientais e como espaços de negociação a exemplo das Conferências das Partes, que se tornaram palco para debate de uma cidadania global. É nessa toada que posicionamos o surgimento do *Fridays for Future* enquanto movimento jovem que tem como referencial essa trajetória histórica, que baseia-se em um conflito entendido nos termos da geopolítica, como um *conflito intratável*.

No **capítulo 2**, apresentamos conceitos fundamentais dentro das teorias das mídias que situam nosso objeto de estudo nas dinâmicas da “plataformização” da cultura e seus efeitos na produção de sentido coletivo. Nosso objetivo visa identificar os impactos das plataformas na configuração de novas coletividades, partindo do exemplo dos movimentos sociais que nascem nesse modelo, a partir dos anos 2010.

No **capítulo 3**, debruçamo-nos em descrever os processos observados com maior ênfase por esta pesquisa. Desse modo, situamos o movimento *Fridays for Future* no Brasil e suas dinâmicas de comunicação, bem como aprofundamo-nos em 3 iniciativas que nascem como núcleos locais do *Fridays for Future* Brasil, sendo elas: Eco pelo Clima (Rio Grande do Sul), Jovens pelo Futuro Xingu (Pará) e Jovens pelo Clima (Brasília). Tais coletivos nascem como iniciativas locais ou regionais do *Fridays for Future* Brasil, focados em debater o problema climático a partir das cidades, Estados e/ou biomas.

Por fim, no **capítulo 4**, nos debruçamos sobre o conceito de transmídia a partir de uma revisão bibliográfica que aborda o termo enquanto estratégia discursiva aplicada no ativismo. A transmídia, de modo geral, refere-se à prática comunicativa de contar histórias ou transmitir informações através de diferentes plataformas de mídia.

Conforme foi elaborado nesta pesquisa, compreendemos a transmídia como uma chave possível de entendimento da prática ativista do movimento *Fridays for Future* Brasil descrita até então, a qual as narrativas dos participantes fluem entre formatos e plataformas, trazendo conscientização e engajamento de públicos para a pauta climática a partir de diferentes pontos de vista.

### **1.1 Considerações sobre os procedimentos metodológicos**

A pesquisa baseia seus procedimentos metodológicos na etnografia digital, atravessada por uma revisão bibliográfica que foca na interseção entre os estudos de movimentos sociais, teoria das mídias e tecnologias digitais. Nesta seção, elaboramos como essas dinâmicas se deram ao longo do desenvolvimento da pesquisa, de forma a situar o leitor sobre o conteúdo dos capítulos por vir.

A relação entre movimentos sociais contemporâneos e as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs), pode ser elemento de estudo para diferentes campos do conhecimento. Do ponto de vista dos estudos dos movimentos sociais, Fominaya e Gillan (2017) destacam que há uma tendência a enxergar as TICs enquanto *frame* conceitual, onde essas ferramentas são entendidas a partir da sua utilidade prática para a ação coletiva. Os autores argumentam, entretanto, que estudar a chegada de novas tecnologias enquanto elemento de novidade nos impede de “detectar os pontos comuns subjacentes na natureza das comunicações, adoções tecnológicas, agências e poder” (Fominaya e Gillan, 2017, p.386).

Tomamos a noção de etnografia digital para situar os procedimentos metodológicos escolhidos para a realização desta pesquisa, no que tange a descrição do movimento *Fridays for Future* no Brasil (capítulo 3). Utilizamos as bases de uma etnografia baseada na internet (Hine, 2015), de forma a entendê-la enquanto espaço cultural imbricado nas práticas do nosso objeto: um movimento de alcance global organizado por jovens e que tem nas plataformas e redes sociais seus mecanismos – não só de difusão da mensagem – como também de organização coletiva.

A etnografia, em sua origem, baseia-se no estudo de indivíduos, grupos e comunidades dentro de seus próprios ambientes de atuação por um longo período de tempo, de forma a descrever e/ou interpretar práticas e comportamentos que remetem a fenômenos culturais. Diante disso, a etnografia digital se utiliza dos métodos etnográficos para estudar como as interações se dão a partir das tecnologias.

Entre os ambientes de interesse da pesquisa etnográfica baseada no digital, Dawson (2020) lista entre exemplos, os dispositivos e os aplicativos *mobile*, redes sociais e plataformas, *chats*, *e-mails*, *blogs*, videoconferências, internet das coisas (IoTs), entre outros. De modo geral, o autor destaca a etnografia como uma metodologia e não um método, justamente por oferecer uma estrutura geral para orientar a pesquisa, sem determinar as técnicas ou ferramentas específicas para tal.

Vale ressaltar, que os exemplos de ambientes digitais descritos por Dawson (2020), atravessam as práticas do nosso próprio objeto de estudo: o movimento *Fridays for Future* e suas práticas de comunicação, que se dão em um ecossistema midiático híbrido, *online* e *offline*, se utilizando de canais multimodais para formular suas ações e disseminar suas práticas. Na nossa pesquisa, optamos por uma imersão nas páginas do *Fridays for Future* e seus diferentes canais.

Como atentou D'Andreia "não é raro uma plataforma se modificar significativamente ao longo de uma pesquisa, deixando a sensação – injusta, mas compreensível – de que a análise está desatualizada antes mesmo de ser finalizada" (D'Andreia, 2020, p.53). O que o autor descreve foi, inclusive, vivenciado nesta pesquisa empírica na etapa de observação dos canais utilizados pelo movimento. A título de exemplo, um grupo de *Whatsapp* o qual acompanhamos desde o começo da pesquisa, ainda em 2019, foi simplesmente diluído, fazendo com que todos os integrantes ativos fossem direcionados a um novo grupo no *Telegram* sem garantir que os menos ativos acompanhassem o ritmo rápido da transformação. Nesse movimento, tivemos que ficar de fora do grupo, pelo fato da presente

pesquisadora ter mais de 30 anos – uma nova regra que foi acordada pelo grupo, em assembleia *online*, em dado momento do processo.

Dessa forma, os capítulos seguintes intercalam a teoria com a observação empírica, onde fluímos pelas páginas do *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, além de acessarmos *newsletters* e grupos de *Whatsapp* e *Telegram* do movimento *Fridays for Future*, realizando algo próximo do que Leitão e Gomes (2017) descrevem como uma etnografia digital pela perambulação:

Uma sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens, pode ser profícua quando acionada na observação de plataformas que têm como característica os trânsitos intensos e a efemeridade. (Leitão e Gomes, 2017, p.46)

Se não fosse por essa perambulação, provavelmente não teríamos chegado ao resultado que apresentamos no capítulo 4. A transmidialidade se dá, justamente, nessa navegação entre os diversos canais de mídia, de forma que a totalidade da experiência seja o próprio navegar, conduzido pela mente dos próprios usuários.

Remetemos a ideia de internet como espaço cultural, tal qual descreve Hine (2015) em *Etnography for the internet*. A autora define a internet como um fenômeno permeado, incorporado e cotidiano (no original, 3E: *embedded, embodied e everyday*). Por permeada (*embedded*), Hine (2015) refere-se aos contextos que a internet está associada através de conexões multimodais, entre o *online* e o *offline*, isto é, a produção de sentido se estabelece por processos não lineares e, por vezes, imprecisos, que vão construir relações multiespaciais difíceis de serem apreendidas pelo trabalho da etnografia, que deve escolher seus recortes e interesses. Por incorporada (*embodied*), Hine (2015) remete a maneira como os usuários atuam no ambiente na internet "como seres socialmente situados" que forjam perspectivas individualizadas, baseadas nas suas emoções e limites de ação dentro desses espaços.

Por fim, a dimensão cotidiana (*everyday*) da internet refere-se a infraestrutura técnica da internet e como ela se passa despercebida em nossos cotidianos. Nesse sentido, Hine (2015) nos deixa a seguinte pergunta: o que assumimos como evidente quando deixamos de notar a internet em nossas vidas? Devolvemos essa pergunta com uma outra : como então evidenciar os fluxos da transmidialidade de forma que eles se tornem objeto da investigação? A autora reforça que a abordagem etnográfica aplicada à internet "requer alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades on-line produzem sentido" (Hine, 2015, p.170). Em nosso caso,

procuramos responder a essa pergunta criando nossos próprios métodos de investigação baseados numa combinação entre relatos pessoais e observação de canais de comunicação digital.

Paralelamente à perambulação, nos propomos a conversar com ativistas de forma a checar como estariam sendo percebidas as reverberações de suas ações. De acordo com Martino (2018), “a entrevista é utilizada, em geral, quando o objeto da pesquisa são opiniões, vivências ou experiências de pessoas a respeito de um tema ou uma situação” (Martino, 2018, p.113).

Consideramos como premissa a entrevista como um método complementar a etnografia digital: os desejos e histórias de vida de ativistas, está refletido na sua produção de conteúdo. Tendo a entrevista semi-estruturada como princípio orientador, estabelecemos conversas flexíveis que partiram de perguntas em comum, ainda que tenham se desdobrado em outros assuntos conforme o foco dado pelos entrevistados. As entrevistas foram realizadas *online*, na plataforma Zoom, gravadas, transcritas e anexadas como parte dos apêndices.

Das 8 entrevistas realizadas selecionamos apenas 5 para compor o corpo de dados analisado. Os entrevistados foram escolhidos a partir de uma vivência e observação participativa da própria pesquisadora, que teve início a partir de abordagens, sem sucesso, através das caixas de entrada (*message inbox*) do Instagram.

No entanto, foi a partir da flexibilização da pandemia, com a retomada de certos eventos presenciais, que conseguimos acesso a uma rede de jovens interessados em compartilhar seus relatos. Os primeiros aconteceram a partir de uma vivência no acampamento Terra Livre, em Brasília, que aconteceu em abril de 2022. Nesse encontro, que reuniu mais de 300 comunidades indígenas e 7 mil pessoas na praça da Funarte, pude ter um contato direto com iniciativas socioambientais, entre elas o Jovens pelo Clima Brasília.

A partir de indicações dos próprios participantes, foram realizadas conversas *online* com duração de até 1 hora cada, que foram gravadas e transcritas como documentação não só de interesse da presente pesquisa, como pode ser material de interesse para demais trabalhos que possam surgir no futuro. É importante ressaltar que muitos participantes optaram por não dar entrevistas gravadas, mantendo apenas conversas informais que também foram importantes para a coleta de dados.

Outros participantes optaram por conceder entrevistas ainda que certas informações tenham sido editadas ou removidas, a pedido dos mesmos. Também verificamos que as

conexões existentes entre esses ativistas com outras redes e movimentos ambientais apontam para uma complexidade nas relações postas entre os diferentes agentes que participam ativamente da causa.

## 2. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E DISPUTAS DE NARRATIVA

Como nascem movimentos globais? O primeiro capítulo propõe situar o ativismo do movimento *Fridays for Future* nas principais discussões geopolíticas sobre clima. As mobilizações do *Fridays for Future* nascem, antes de tudo, de um apelo por ouvir a ciência, expresso em relatórios e pesquisas científicas como o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC).

Apresentamos a seguir como o problema climático se transformou em pauta para a política institucional e para movimentos ambientais que passam a intervir em espaços de negociação internacional, como as Conferências das Partes (COPs). Tais eventos se tornaram palco central para discutir a construção de uma governança climática a partir de uma cidadania global. É nessa toada que posicionamos o surgimento do *Fridays for Future*: o movimento formado por jovens que surge no ano de 2018, em um momento em que os relatórios do IPCC alertavam cada vez mais para a urgência em reverter o quadro de aquecimento global ao mesmo tempo em que grandes tratados como o Acordo de Paris apresentavam poucos avanços práticos.

### 2.1 O problema do clima: como chegamos até aqui?

Em agosto de 2021, o IPCC publicou um relatório científico apontando a participação humana como “inequívoca” no processo do aquecimento global. O que aquela comunidade formada por cientistas em 195 países tornava público com o documento, é que já não restavam dúvidas para a ciência: o aumento acelerado das emissões de gases de efeito estufa no planeta está diretamente associado ao modo de vida que as sociedades produzem, consomem e se estendem pelo globo terrestre.

Torna-se evidente para a ciência, a necessidade coletiva e imediata de reduzir significativamente as emissões e garantir que a temperatura global não passe dos 2°C, limite de temperatura máxima detectada por essa comunidade para evitar que desastres ambientais se tornem uma ameaça integral à vida.

O IPCC foi criado em 1988 para concentrar as pesquisas de cientistas do mundo todo, atualizando o estado da arte das investigações e descobertas acerca das mudanças climáticas. Seu principal objetivo, de acordo com Roque, era “organizar as atividades de modelagem, permitindo a comparação de resultados de diferentes modelos e a replicação das verificações – um critério essencial para garantir a confiabilidade” (Roque, 2021, p.

253). Tratava-se, assim, de criar mecanismos para coordenar o esforço global de mitigação do aquecimento do planeta.

Gare (2007) argumenta que a descoberta do aquecimento global como produto científico pode ser considerado um triunfo para a semiose humana. O que ele quer dizer, é que ao revelar uma ameaça palpável diante do aumento das emissões de gases de efeito estufa, e seus eventuais responsáveis por meio da prática científica, se determina do ponto de vista lógico, a necessidade de uma ação em escala global para prevenir a degradação ecológica.

Science can be construed as a semiotic process of interpreting, producing and reinterpreting signs. It involves hypothesizing to explain unexpected indexes of change, elaborating these hypotheses into models (icons) of these changes to deduce what can be expected in the future, and carrying out investigations to test such changed expectations, then using rhetoric to change the beliefs of others. (Gare, 2007, p.04)<sup>2</sup>

Seguindo a formulação de Gare (2007), ainda que uma base relevante de cientistas seja capaz de mostrar por meios lógicos a necessidade em enfrentar o problema das mudanças climáticas, as sociedades mostraram falhas ao lidar com esse mesmo problema na sua totalidade. Como escreveu o jornalista norte-americano, David Wallace-Wells, nos vemos diante de um caleidoscópio do clima: “podemos ficar hipnotizados com a ameaça à nossa frente e continuar incapazes de distingui-la com clareza” (Wallace-Wells, 2019, p.175).

Existiriam culpados pelas mudanças climáticas? Ainda que os relatórios do IPCC assumam uma linguagem calibrada para abordar as projeções e a eventual responsabilidade humana, a participação “inequívoca” dos humanos se tornou a principal chave das discussões e das subsequentes guerras narrativas, naquilo que Carril (2015) define como um conflito intratável. Isto é, embora exista um consenso sobre o problema climático, as diferentes percepções das Nações sobre esse conflito, implica numa dificuldade em transformar o consenso em efeitos práticos na sociedade:

con el cambio climático tratamos con un problema común global, pero no con consecuencias iguales, y una desigualdad histórica en la responsabilidad de las emisiones de gases que provocaron el problema. Por lo tanto, la toma de decisiones mediante las negociaciones internacionales se ha convertido en un

---

<sup>2</sup> "A ciência pode ser interpretada como um processo semiótico de interpretar, produzir e reinterpretar sinais. Isso envolve a formulação de hipóteses para explicar índices inesperados de mudança, desenvolvendo essas hipóteses em modelos (ícones) dessas mudanças para deduzir o que pode ser esperado no futuro e realizando investigações para testar tais expectativas alteradas, em seguida, usando retórica para mudar as crenças dos outros." Tradução nossa.

conflicto prolongado en que los intereses económicos y políticos retrasan la toma de decisiones al mantener el status quo. El poder y la hegemonía han prevalecido a lo largo de las negociaciones climáticas. Por lo tanto, su resolución no parte de encontrar un acuerdo racional entre iguales, porque no hay pares reales: hay riesgos, poderes desiguales, economías e intereses. Así, el proceso de negociación del clima resulta, entonces, en un conflicto. (Carril, 2015, p.55)<sup>3</sup>

De modo geral, o autor determina que algo se torna um conflito quando ao menos uma das partes apresenta objetivos incompatíveis com a outra. Embora reconhecido o consenso sobre a interferência humana ser perigosa no clima, o texto da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas não especificou como traduzir esse consenso em ação.

O fórum político para tal finalidade são as chamadas Conferências das Partes (COP), encontros anuais onde os líderes das nações participantes na redação do primeiro texto da convenção se reúnem para atualizá-lo, trazendo instrumentos legais e propostas que produzam efeitos práticos na vida da população, tanto na esfera coletiva como individual, alinhados ao que foi acordado pelas Partes. De modo geral, Carril (2015) conclui que a posição das Partes são, em grande parte, subjetivas e baseadas em discursos ideológicos. Em outras palavras, os interesses particulares das Partes determinam as posições das Nações diante do risco iminente, e de alcance planetário, das mudanças climáticas.

De acordo com a noção de Antropoceno, vivemos uma nova época geológica a qual a humanidade é vista como força planetária capaz de impactar os fluxos energéticos do planeta. Para Oliveira (2021)<sup>4</sup>, o Antropoceno é um fenômeno complexo no qual a humanidade teria se dobrado sobre ela mesma, se tornando um território para a manutenção de sua própria presença. Nessa nova geografia moldada pela presença humana, Oliveira (2021) argumenta que se faz necessário considerar que todas as decisões políticas feitas no presente também têm um impacto geológico, duradouro e intergeracional.

Enquanto no Antropoceno a humanidade é vista como unidade responsável pelas transformações do clima, outras vertentes de estudo veem o sistema social como verdadeiro desencadeador da crise. A crença da expansão humana, baseada na extensão do

<sup>3</sup> "com as mudanças climáticas, lidamos com um problema global comum, mas não com consequências iguais, e uma desigualdade histórica na responsabilidade das emissões de gases que causaram o problema. Portanto, a tomada de decisões por meio de negociações internacionais se tornou um conflito prolongado em que interesses econômicos e políticos atrasam a tomada de decisões ao manter o status quo. O poder e a hegemonia prevaleceram ao longo das negociações climáticas. Portanto, sua resolução não parte de encontrar um acordo racional entre iguais, pois não existem pares reais: há riscos, poderes desiguais, economias e interesses. Assim, o processo de negociação climática resulta em um conflito". Tradução nossa

<sup>4</sup> Essas ideias foram tema no encontro *Novas ecologias políticas e/ou Antropoceno* organizado pelo Instituto de Estudos Avançados da USP no canal do Youtube do IEA/USP em 29 de Nov. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x5GW7kr5tVc>. Acesso em 08 de Jul. 2023.

conhecimento pelo globo terrestre a partir do aparato técnico e industrial, entra em choque com a realidade que indica a finitude dos recursos naturais do planeta. Isso resultaria em um desequilíbrio nos ecossistemas, que vão impactar diretamente no clima. Essa desagregação lógica se configura em efeitos práticos, traduzidos pelo aumento da temperatura e inúmeras catástrofes ambientais que trazem consequências econômicas, políticas e culturais.

Estima-se que entre os anos 1990 a 2015, 5% dos mais ricos do mundo foram responsáveis por 37% das emissões de carbono do planeta.<sup>5</sup> O impacto da pegada de carbono, contudo, não se restringe às escolhas individuais somente. Mann (2021) descreve como o *lobby* das corporações estabeleceu estratégias de desinformação sobre as consequências desse modo de consumo e produção. O autor exemplifica como o início da prática lobista se deu através de campanhas das indústrias de bebidas alcoólicas, armas e tabaco nos Estados Unidos. Esta última, nos anos 50, ganhou o respaldo de uma comunidade científica financiada pelas próprias fábricas de cigarro para refutar artigos científicos que apontavam as conexões entre o consumo do cigarro e o desenvolvimento de câncer de pulmão.

De modo semelhante, nos anos 80, indústrias dos combustíveis fósseis como a ExxonMobil investiram em campanhas para desviar a atenção de pesquisas conectando o aquecimento do planeta ao aumento das emissões de gases vindos desse tipo de produção. Tal investimento, como aponta Mann (2021), teve início pelas próprias descobertas da equipe de cientistas da ExxonMobil que detectaram o quadro de irreversibilidade causada pelas mudanças climáticas.

A noção de negacionismo climático é resultante dessa prática adotada pelas corporações, cuja conduta chega à esfera pública pelos meios de comunicação. De acordo com Mann (2021), as elites globais que negam as mudanças climáticas assumem o problema como real, mas adotam uma forma mais branda de negação baseada na retórica do engano, distração e atraso. O inativismo climático, como denominou o autor, seria esse novo estágio do negacionismo e a principal característica da nova guerra climática:

The origins of the ongoing climate wars lie in desinformation campaigns waged decades ago, when the findings of science began to collide with the agendas of powerful vested interests. These campaigns were aimed at obscuring public understanding of the underlying science and discrediting the scientific message, often by attacking the messengers themselves—that is, the scientists whose work

---

<sup>5</sup> 'Elite poluidora': ricos do mundo precisam reduzir consumo para conter mudanças climáticas, diz grupo científico. BBC News. 19 de Abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56735127> Acesso em 08 de Jul. 2023

hinted that we might have a problem on our hands. Over the years, tactics were developed and refined by public relations agents employed to undermine facts and scientifically based warnings. (Mann, 2021, p.15)<sup>6</sup>

Nesse contexto, os Estados veem seu papel de mediação reduzir-se à lógica do mercado, gerando impasses e atrasos nas negociações que miram a implementação de novos acordos verdes. Carril (2015) argumenta que as mudanças climáticas deixaram de ser um objeto epistêmico, limitado ao campo da ciência, e se tornaram um objeto de risco para a política. Isto é, o risco do aquecimento global se baseia na percepção sobre a possibilidade de que algo aconteça no futuro, sendo necessário agir de maneira abstrata e intangível no presente. Segundo o autor, “el elemento estructural de cualquier negociación es que existe una disputa o un conflicto de fondo” (Carril, 2015, p.55).

De acordo com Wolton (2006), embora a informação tenha contribuído para visibilizar questões mundiais, não há um ponto de vista mundial sobre o mundo: “A globalização da informação acelera esta conscientização do caráter mundial e perigoso de certos problemas, sem por isso, por falta de uma língua e de uma cultura comuns, conseguir suscitar uma discussão comum.” (Wolton, 2006, p. 130).

Podemos pensar, nesse sentido, que estruturas sociais como a Organização das Nações Unidas (ONU) buscam operar como um lugar de debate sobre diferentes visões e comunicações de mundo. Entretanto, os pontos que deveriam produzir consenso, como exemplo da “interferência humana e perigosa” no clima, levam a conflitos que são compreendidos como desagregações lógicas que resultam em negacionismos baseados nas diferentes percepções do problema do aquecimento global.

## **2.2 Movimentos ambientais nas Conferências das Partes: antecedentes das greves pelo clima**

A Conferência das Partes (COP) é um órgão supranacional que integra a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Trata-se de um fórum importante para a governança global do clima, um espaço onde os países podem compartilhar conhecimentos, trocar experiências e estabelecer compromissos para lidar com as mudanças

---

<sup>6</sup> "As origens das guerras climáticas em curso residem em campanhas de desinformação travadas décadas atrás, quando as descobertas da ciência começaram a colidir com as agendas de interesses ligados ao poder. Essas campanhas tinham como objetivo obscurecer a compreensão pública da ciência subjacente e desacreditar a mensagem científica, muitas vezes atacando os próprios mensageiros, ou seja, os cientistas cujo trabalho indicava que poderíamos ter um problema em mãos. Ao longo dos anos, táticas foram desenvolvidas e aprimoradas por agentes de relações públicas contratados para minar fatos e advertências baseadas cientificamente". Tradução nossa.

climáticas. Nesta seção, debruçamo-nos em descrever como os movimentos sociais se utilizaram do espaço político das COPs para se fazer ouvir sobre temas de interesse comum.

De Moor (2021) argumenta que as COPs oferecem um contexto temporal e espacial propício para articular diferentes movimentos em um objetivo comum, promovendo uma experiência de esfera pública global. Embora muitos dos ativistas admitam que o evento não é capaz de trazer soluções, também concordam que as conferências criam condições para um ativismo coordenado globalmente – algo necessário para a eficácia da pauta climática.

A escolha de um lugar para se protestar pode variar de acordo com o tipo de pauta a ser visibilizada. A ocupação de escolas, praças e ruas são práticas comuns para visibilizar causas como direito à educação, ao espaço público e ao transporte. No caso da questão climática, sua transversalidade e abrangência – o planeta na sua totalidade – dificulta a sistematização de demandas que sejam comuns a todos, devido a diversidade de identidades. É por isso que os movimentos ambientais costumam se organizar em fóruns sociais internacionais, como espaços de fazer política que reúnem diferentes setores da sociedade, e diferentes países, em um único lugar.

Ainda que as greves pelo clima do *Fridays for Future*, extrapolem os limites tempo-espaciais desses fóruns sociais, realizando greves em diferentes cidades e outros centros, é notável a importância de tais espaços políticos para a articulação temporária de uma cidadania global.

Na história das COPs houveram alguns episódios que foram a faísca inicial para o surgimento, anos mais tarde, das mobilizações escolares. Em 2009, a COP15 em Copenhagem gerou uma série de protestos que estabeleciam um ultimato aos líderes globais, sob o discurso de ‘agora ou nunca’ para as soluções climáticas (De Moor *et. al*, 2021). Não à toa, essa edição ficou conhecida como *Hopenhage*, uma brincadeira com a esperança (*hope*) em inglês. A conferência se encerrou para muitos como um grande fiasco em termos diplomáticos, embora a visibilidade desse ativismo transnacional tenha alcançado uma nova dimensão midiática.

Já a COP21, no ano de 2015, marcou a transição de uma visão reformista dos movimentos que desejavam influenciar as negociações oficiais, para uma visão de ruptura, visto que para grande parte dos ativistas, as COPs eram incapazes de produzir um acordo climático eficaz e justo. Paralela à programação que acontecia dentro da Conferência das Partes, os movimentos ambientais focaram em criar sua própria programação do lado de

fora, atraindo mais atenção midiática do que o próprio evento, conforme descrito por De Moor (2021).

Entre os efeitos dessa nova postura, a Cúpula dos Povos reuniu uma programação de debates e palestras que abordaram temas relevantes e que não costumam ser considerados nas negociações oficiais como a justiça climática e o direito intergeracional. A Cúpula dos Povos criada em resposta, tem como principal característica funcionar como um espaço de convergência entre agentes da sociedade civil, organizações e movimentos sociais apontando para redes de solidariedade em resposta ao contexto político. Nela, representantes e lideranças da sociedade têm um espaço de fala que em grande parte é restrito dentro dos espaços das COPs.

### **2.3 As greves pelo clima e o surgimento do movimento *Fridays for Future***

O movimento *Fridays for Future*, como visto, é reflexo de certo repertório de luta de iniciativas coletivas atuantes em espaços de negociação política. Seu nascimento, contudo, nasce da faísca de um gesto individual. Em agosto de 2018, começo do ano letivo na Suécia, a jovem Greta Thunberg começou a protestar sozinha em frente ao Parlamento de Estocolmo. Ao invés de retornar às aulas, no começo do ano letivo, a jovem escolheu se manifestar levando consigo um cartaz escrito à mão com a frase *Skolstrejk för klimatet* [Greve Escolar pelo Clima].

Pelas redes sociais, Thunberg compartilhava sua foto numa espécie de diário de bordo, que calculava as semanas de protesto usando a *hashtag* *#SchoolStrike4Climate*. Em poucos dias, sua imagem repercutiu em diversas plataformas, atraiu a imprensa local e mais jovens se juntaram em frente ao edifício.

Entre as reivindicações colocadas ao Parlamento, Greta Thunberg cobrava responsabilidade e ação dos governos para adotar medidas concretas de mitigação dos efeitos do aquecimento global. Segundo a jovem, aquilo que reivindicava era baseado em artigos científicos os quais tinha acesso pela internet, mas que pareciam não estarem sendo considerados pelos governantes na hora de tomar as decisões. Entre exemplos, podemos citar o relatório anual do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que reunia um consenso científico de pesquisas produzidas em 190 países sobre o estado da arte das pesquisas sobre as alterações do clima e seus impactos no planeta.

Em uma de suas entrevistas, Thunberg reforça a importância dessas pesquisas: “eu não quero que vocês me escutem, eu quero que vocês escutem os cientistas”<sup>7</sup>. A união pela

---

<sup>7</sup> ‘Listen to the scientists,’ Greta Thunberg tells Congress - video. The Guardian. 19 de Set. 2019. Ver em:

ciência, como veremos mais adiante, é um dos principais temas que resultaram nos protestos de estudantes. O sentimento de frustração diante do quadro de inércia adulta, assim, pareceu uma das principais razões para a mobilização pessoal de Greta. Como ela mesma ressaltou: “percebi que ninguém estava fazendo nada para impedir que isso acontecesse, então eu precisava fazer alguma coisa”<sup>8</sup>.

A projeção de Greta Thunberg resultou também na sua participação em espaços de debate internacionais e fóruns sociais. Cenas da jovem em trens, carros elétricos e até atravessando o oceano a bordo de um veleiro foram notícia na imprensa, como transportes escolhidos para se locomover a esses eventos. Outros hábitos pessoais, como o veganismo, viraram notícia na mesma proporção que seus discursos virais, como esse, que ficou conhecido como um de seus primeiros pronunciamentos, realizado na COP 24, na Polônia:

Many people say that Sweden is just a small country and it doesn't matter what we do. But I've learnt that **no one is too small to make a difference**. And if a few children can get headlines all over the world just by not going to school – then imagine what we all could do together if we really wanted to. (THUNBERG, 2018, grifo nosso)<sup>9</sup>

A frase “ninguém é tão pequeno para fazer a diferença”, a qual grifamos, pareceu comover o suficiente o público jovem que repetiu a mensagem da sueca. Em dezembro de 2018, o movimento *Fridays for Future* foi criado reunindo grupos de jovens em 6 países. Nesse primeiro momento, o movimento distribuído no espaço recebeu nomes paralelos que circulavam nas redes por meio de hashtags: *#SchoolStrike4Climate*, *#Youth4Climate*, *#SchoolClimateStrike*, alguns deles já identificados em pesquisas anteriores (Boulianne *et al.*, 2020). A ação de protestar às sextas-feiras se multiplicou, com mais pessoas jovens organizando ações em praças públicas, ruas, avenidas e ocupando os *feeds* das redes sociais com *selfies* e cartazes de protesto, em uma combinação de ativismo *online* e *offline*.

As greves pelo clima geraram reações tanto positivas como negativas. Enquanto parte da imprensa repercutiu as greves chamando de “um grito de uma geração”<sup>10</sup>, do outro lado gerou críticas, sobretudo, por parte das lideranças políticas institucionais. Na Austrália,

---

<https://www.theguardian.com/environment/video/2019/sep/18/listen-to-the-scientists-greta-thunberg-tells-congress-video> Acesso em 08 de Jul. 2023.

<sup>8</sup> Ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48022690>

<sup>9</sup> Muitas pessoas dizem que a Suécia é um país pequeno e não importa o que fazemos. Mas eu aprendi que ninguém é pequeno demais para fazer a diferença. E se algumas poucas crianças podem ganhar manchetes em todo o mundo apenas por não irem à escola, imagine o que todos nós poderíamos fazer juntos. Discurso na íntegra em: [https://www.youtube.com/watch?v=CcQp\\_17WqAk](https://www.youtube.com/watch?v=CcQp_17WqAk)

<sup>10</sup> Ver: BRUM, Eliane. O grito de uma geração, publicado na coluna de opinião em El País (23/09/2019): [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569250791\\_978883.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569250791_978883.html).

por exemplo, o primeiro-ministro Scott Morrison, condenou as greves escolares alegando que as escolas deveriam “ser um lugar para aprendizagem, e não para fazer ativismo”<sup>11</sup>.

Na Bélgica, a ministra do meio ambiente, Joke Schauvliege, renunciou ao cargo após afirmar que os protestos estariam sendo financiados por partidos políticos. Paralelamente, a figura de Greta também se tornou alvo. No Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro chamou a jovem sueca de “pirralha” através da sua conta no *Twitter*, enquanto Donald Trump, nos Estados Unidos, sugeriu que a jovem deveria trabalhar para “administrar a sua raiva do mundo”<sup>12</sup>, fazendo referência ao tom de seus discursos públicos em que cobrava responsabilidade dos adultos pelos problemas climáticos.

Em ambos os casos retratados, as falas geraram rebuliço nas redes sociais, desencadeando também em memes e *fake news*. Um exemplo foi a notícia falsa que circulou, em que Greta Thunberg seria uma suposta neta do bilionário George Soros e estaria sendo financiada pela instituição *Open Society*, algo amplamente divulgado por personalidades como o deputado brasileiro Eduardo Bolsonaro. Em episódios como esses, Greta Thunberg e demais jovens do *Fridays for Future* interagiam com *tweets*, em tom cômico, gerando diversos tipos de engajamento. Na figura 1, vemos a resposta de Thunberg à provocação de Bolsonaro, nomeando-se própria “pirralha” oficialmente em seu perfil no *Twitter*.

Figura 1 -Página do perfil de Greta Thunberg o qual ela se nomeia oficialmente “pirralha” em resposta aos comentários de Bolsonaro



Fonte: Época Negócios

<sup>11</sup> A fala de Scott Morrison está documentada em vídeo gravado durante uma sessão plenária em Sidney (Austrália). Ver em: “Scott Morrison tells kids going on climate strike to get back to school” Guardian News, 26/11/2018: [https://www.youtube.com/watch?v=-WhET9pYMpU&ab\\_channel=GuardianNews](https://www.youtube.com/watch?v=-WhET9pYMpU&ab_channel=GuardianNews)

<sup>12</sup> <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-thunberg-idUSKBN27M0TN>

A primeira grande greve escolar pelo clima aconteceu no dia 15 de março de 2019 reunindo mais de 1.4 milhões de pessoas no mundo todo (Boulianne *et. al*, 2020, p. 208). Entre as principais reivindicações do movimento *Fridays for Future*, listamos as que estão publicadas em seu site oficial: a construção de um futuro seguro a todos abaixo dos 1,5°C; o compromisso com o Acordo de Paris, garantindo justiça e equidade climática; a união pela ciência, representada por fontes confiáveis de pesquisas científicas de alto nível e relevância, como o próprio IPCC.

As primeiras demandas do movimento também foram documentadas na Declaração de Lausanne, escrita por 400 ativistas de 38 países, em agosto de 2019. O documento destaca o propósito do movimento que estava surgindo:

As nossas demandas são baseadas em dados confiáveis e factos científicos. Não faz parte da nossa responsabilidade apresentar soluções. Reconhecemos que os problemas da crise climática que enfrentamos hoje vêm de falhas no nosso sistema socioeconômico, a mudança é necessária. (Declaração de Lausanne, 2019)

Um pouco adiante, em setembro de 2019, aconteceu a segunda greve global pelo clima. Os protestos coincidiram com a Semana Global pelo Clima, uma ação convocada por diferentes movimentos socioambientais, instituições e atores sociais em um evento de caráter transnacional. O evento aconteceu dias antes da Cúpula do Clima que ocorreu em Nova York, onde países apresentaram seus planos e projetos para zerar as emissões de carbono até 2050.

A Cúpula do Clima funcionava, de certa forma, como uma reunião preparatória para a Conferência das Partes, chamando atenção especial dos ativistas interessados na pressão popular. Duas das principais greves do *Fridays for Future* aconteceram nessa ocasião. Os projetos do dia 20 de setembro e 27 de setembro reuniram cerca de 7,6 milhões de pessoas em 185 países, como já apontado em pesquisas anteriores que consideraram este o maior protesto ambiental da história (Moor *et al*, 2020; Fisher e Nasrin, 2021). Naquele mesmo ano de 2019, o dicionário Collins elegeu “greve pelo clima” a expressão do ano e *Fridays for Future*, ao lado de Greta Thunberg, foram indicados ao Prêmio Nobel da Paz.

As greves pelo clima ganharam adesão de outros setores da sociedade. Uma carta a favor dos protestos dos estudantes foi redigida por um grupo de 350 cientistas. Um trecho do texto dizia: “On the basis of the facts supplied by climate science, the campaigners are

right. That is why we, as scientists, support them”<sup>13</sup>. Nesse contexto, um grupo de adultos também se formou sob o nome de *Parents for Future*, ampliando a faixa etária do movimento jovem que aceitava integrantes de até 30 anos, de forma a garantir o protagonismo das juventudes e suas demandas. Organizado de maneira similar ao *Fridays for Future*, inclusive usando de uma mesma linguagem visual, o *Parents for Future*<sup>14</sup> foca em tornar a pauta climática um tema intergeracional e tem versões em outros países. No Brasil, o grupo atende pelo nome de Famílias pelo Clima.

Vale ressaltar que, no decorrer desta pesquisa, as principais demandas do movimento foram alteradas no *website* do *Fridays for Future*, apontando para transformações do próprio movimento. A defesa do compromisso global com o Acordo de Paris, conforme já citado, foi substituído por uma outra demanda: garantir a justiça e equidade nas decisões que tangem a pauta climática.

Consideramos que essa nova visão confere certo amadurecimento em relação ao propósito do movimento, visto que o debate sobre justiça climática ganhou maior espaço com o surgimento de atores políticos e discussões éticas e políticas que questionavam os limites do Acordo de Paris, enquanto acordo capaz de combater a desigualdade social. Isso se traduz para o movimento *Fridays for Future* em uma segregação ou surgimento de novos grupos derivados do movimento, mas que atuam independente dos momentos de greve. É o caso do *Fridays for Future Most Affected People and Areas (M.A.P.A)*, que se refere a um grupo temático do *Fridays for Future* que se encontra *online* reunindo jovens lideranças de países do Sul-Global, que seriam os países mais afetados pelas mudanças do clima. Entre as ações, o movimento busca trazer protagonismo para jovens representantes desses países. Conforme explicou uma das entrevistadas brasileiras sobre a organização do M.A.P.A:

A gente fez essa divisão pra gente se entender como pessoas jovens mais afetadas, e o que a gente poderia fazer para avançar dentro da nossa luta, tendo que existir várias realidades e vários contextos territoriais dentro do sul global. Por exemplo, o Brasil é totalmente diferente do continente africano em relação às lutas, né? Mas tem coisas que nos conectam de alguma forma. As lutas que a gente têm são transversais, por mais que elas tenham nomenclaturas diferentes. A gente consegue se conectar de várias formas. (Mikaelle Farias, 2022. Entrevista pela autora).

O *Fridays for Future*, segundo seus integrantes, é um movimento democrático, liderado e organizado por jovens, sem interesses comerciais ou fins partidários, que baseia

13 “Com base nos fatos fornecidos pela ciência do clima, os ativistas estão certos. É por isso que nós, como cientistas, os apoiamos” (tradução nossa).

14 Para mais informações sobre o grupo, é possível acessar a página disponível em: <https://parentsforfuture.org/about>

suas ações em atos pacíficos. No seu *website* oficial, um mapa colaborativo reúne as estatísticas de países, cidades e ações realizadas no mundo todo entendidas como parte do movimento. Qualquer grupo que realiza ações alinhadas com a visão do movimento pode incluir suas atividades no mapa (figura 2) e reivindicar-se como um grupo nacional e/ou local do *Fridays for Future*. No *website* também estão reunidas dicas e tutoriais de como os jovens podem organizar suas ações, assim como formulários para solicitar a entrada de um grupo no movimento (figura 3). Uma página reúne recursos como manual de identidade visual, materiais para impressão e *templates* que podem ser adaptados por qualquer grupo que queira criar seu próprio perfil nas redes sociais.

No caso do núcleo nacional do *Fridays for Future* Alemanha, uma página própria dentro do *website* do movimento global recebe o nome de *Wiki Fridays for Future* (como referência ao *Wikipedia*) e reúne instruções mais detalhadas do seu funcionamento, e regras para novos integrantes<sup>15</sup>. De acordo com o que é descrito nessa página, os grupos locais/regionais são independentes e livres para decidir seu próprio modelo de organização, mas o núcleo nacional é responsável por propor a narrativa a ser seguida pelas greves e protestos maiores.

Figura 2 - Mapa colaborativo em que ativistas podem incluir suas ações como parte das estatísticas do movimento

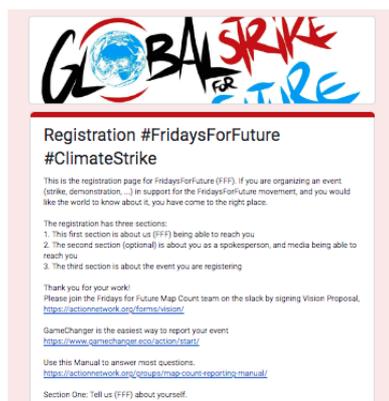


Fonte: [fridaysforfuture.org](https://fridaysforfuture.org)

---

<sup>15</sup> Para mais informações sobre o assunto, é possível acessar o link disponível em: <https://wiki.fridaysforfuture.is/wiki/Hauptseite>

Figura 3 - Formulário Google para cadastramento de ações



Fonte: [fridaysforfuture.org](http://fridaysforfuture.org)

Todavia, observamos que nem todos os grupos vinculados ao *Fridays for Future* mantêm suas atividades da mesma forma. Enquanto a página *Wiki no FFF Alemanha* se porta como livro de regras do movimento, outros grupos preferem outros modelos de organização. No caso brasileiro, a organização interna em grande parte é entre plataformas como *Whatsapp* e *Telegram* para conversas diárias, enquanto reuniões e assembleias acontecem em videochamadas como o *Zoom*.

No decorrer desta pesquisa, acompanhamos alguns grupos nacionais e internacionais, no *Whatsapp* e no *Telegram*, onde se discutiam temas como: agenda de ações e reuniões do movimento, compartilhamento de materiais e notícias sobre clima, produção midiática feita pelos próprios ativistas, como *lives*, eventos públicos e campanhas. Nos encontros por videochamada, como o caso das reuniões “introdutórias” para novos participantes, são partilhadas a missão, visão e frentes de ação em andamento do movimento. Aqueles que não querem se envolver no dia a dia, mas querem acompanhar e compartilhar os materiais do *Fridays for Future*, podem permanecer em um grupo geral de informes ou seguir perfis nas redes sociais como o *Instagram*.

Tais dinâmicas serão melhor situadas e descritas, no capítulo 3. É importante observar, no entanto, que independente do país onde o movimento está situado, as TICs ocupam um papel importante na organização no movimento, sendo esta, a base para as discussões que se seguem no capítulo seguinte.

### 3. ATIVISMOS, REDES E PLATAFORMAS

Se as TICs ocupam um papel importante na ação dos movimentos sociais contemporâneos, propomos neste capítulo uma articulação de conceitos presentes nos estudos dos movimentos sociais, da teoria das mídias e das tecnologias digitais, para situar nosso objeto dentro dessas dinâmicas. O movimento *Fridays for Future* nasce de uma faísca, um gesto individual que só ganha projeção global pela viralização de uma imagem nas redes: uma greve escolar como formato de protesto de uma jovem estudante em defesa do meio ambiente.

As redes sociais cumpriram um papel fundamental para que o movimento tomasse forma, multiplicando aquele gesto individual em vários países, inclusive, no Brasil. Nesse caso, as ferramentas disponíveis *online* foram definitivas para que a ação coletiva acontecesse naquela escala e proporção, com greves escolares espalhadas pelo mundo.

Contudo, o nascimento de um movimento a partir da infraestrutura das redes não é algo restrito ao *Fridays for Future*. Abordamos nas próximas seções o papel fundante de movimentos sociais que testaram formas emergentes de ação coletiva a partir da conexão em rede, criando novas dinâmicas entre o *online* e *offline*. Passados alguns anos, essas mesmas redes sociais evoluíram para um modelo de plataforma, que levou a cultura de liberdade que permeava esses movimentos a um novo contexto digital, em que a informação e conhecimento desenfreado produzido pelos usuários passou a ser mediado por interesses corporativos.

Diante disso, a noção de *plataformização* descreve a atual infraestrutura técnica da comunicação em rede mediada pelas *Big Techs*, trazendo impactos significativos na produção de sentido coletivo, percebidos, por exemplo, na forma como movimentos sociais escolhem se comunicar.

Contextualizamos, assim, como o ativismo contemporâneo passa a existir nesse novo ambiente e trazemos luz a um novo desafio: a manutenção da comunicação ativista quando esta se condiciona a um modelo técnico-comercial das plataformas digitais.

#### 3.1 Movimentos em rede e o uso das TICs

Retomemos o papel fundante que movimentos sociais tiveram ao testar formas emergentes de ação coletiva a partir da conexão em rede. A comunicação tornou-se central nas dinâmicas sociais conforme as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se

enveredaram no cotidiano. A conexão em rede passou a permear esferas da vida social que antes eram mais delimitadas, diluindo fronteiras como o *online* e *offline*, o público e o privado, aquilo que está dentro e fora. Assim, em velocidade rápida e a poucos cliques de distância, interagimos em simultâneo com questões que atravessam os domínios da educação, entretenimento, finanças, trabalho, saúde e, também, ativismo.

A conectividade é o que permite uma ação coletiva se distribuir em diversos agentes da sociedade, retirando a ideia de um único centro de comando. Essa ideia é vastamente apresentada por Castells (2017) em “Redes de Indignação e Esperança”, obra na qual o autor analisa a atuação de movimentos sociais contemporâneos que ganharam forma a partir da evolução da *web 2.0 e 3.0*, que desencadeou novos contratos sociais a partir da convivência em rede.

De acordo com o autor, "as redes de internet e telefonia celular não são apenas ferramentas, mas formas organizacionais, expressões culturais e plataformas específicas para a autonomia política" (Castells, 2017, p. 93). Em outras palavras, estabelecidas em grande escala por meio das tecnologias digitais, essas redes – traduzidas na arquitetura das plataformas e suas interfaces – tornaram possível escalas sem precedentes de organização, retirando o controle das mãos de sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais tradicionais.

Não à toa, esse novo contexto determinou a maneira como novas formas de coletividade surgiram e continuam surgindo na esfera pública. Castells (2017) nomeou de “movimentos em rede” esse novo tipo de organização social a partir do uso das tecnologias da informação e comunicação. *Occupy Wall Street*, Indignados, Primavera Árabe, são alguns exemplos de movimentos amplamente pesquisados, documentados e que surgiram em um mesmo período, entre os anos de 2010 e 2011, obtendo sucesso em suas empreitadas por meio de uma atuação híbrida, entre o *online* e o *offline*, as redes e as ruas (Castells, 2017; Figueiredo, 2020; Gerbaudo, 2021).

Tais movimentos ganharam visibilidade o suficiente para engajar um grande número de pessoas, influenciar a opinião pública e expandir-se em um curto período de tempo, alcançando não apenas seu próprio território como inspiraram também a multiplicação de suas ações em outros continentes. A título de exemplo, reproduzimos o trecho a seguir em que Castells (2017) descreve as dinâmicas do modelo de organização do *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos:

O movimento Occupy construiu uma *nova forma de espaço*, uma mistura de espaço de lugares, num determinado território, e espaço de fluxos, na internet. Um não conseguia funcionar sem o outro; esse espaço híbrido é que caracteriza o movimento. Os espaços tornam possível interagir face a face, compartilhar experiência, o perigo e as dificuldades, assim como, em conjunto, enfrentar a polícia e suportar a chuva, o frio e a perda do conforto em suas vidas cotidianas. Mas as redes sociais da internet permitiram que a experiência fosse divulgada e amplificada, trazendo o mundo inteiro para o movimento e criando um fórum permanente de solidariedade, debate e planejamento estratégico. (Castells, 2017, p.140)

O movimento *Occupy* se tornou conhecido por ocupar as ruas do centro financeiro de Wall Street, reunindo participantes que protestavam contra a desigualdade econômica e a influência do poder financeiro sobre a política. Sob o slogan “nós somos os 99%”, os participantes desse movimento se firmavam enquanto coletividade em oposição ao 1%, referindo-se à elite financeira, que de acordo com os protestantes, seria a verdadeira responsável pela crise econômica.

A narrativa dos acampamentos, que ocupavam espaços públicos como praças, rapidamente expandiram-se para outras cidades, difundindo-se também em postagens no *Facebook e Twitter*, reportagens em jornais impressos e da televisão. Influenciando assim a grande mídia, o movimento se tornou símbolo da indignação popular contra a concentração de riqueza e poder. Reinvidicavam assim mudanças no sistema financeiro e político para torná-lo mais justo e democrático. Sua organização, no entanto, não perdurou no tempo. Mesmo conectado pelas redes sociais, o movimento acabou diluindo-se conforme as ocupações e acampamentos físicos se desmontaram.

A mobilização dos *occupies* chegou a ter sua própria versão no Brasil, naquela que ficou conhecida como Ocupa Sampa. Os acampamentos começaram em 2011 no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, mas tiveram que se mudar para a Avenida Paulista, já que a permanência dos acampamentos no centro da cidade apresentou desafios distintos daqueles vividos nos centros das capitais européias e estadunidenses, como "conflitos com moradores de rua, traficantes de drogas e o certo isolamento frente às camadas médias da sociedade" (Oliveira, 2021, p.135).

Ainda que as ocupações em São Paulo não tenham atraído atenção o suficiente da grande mídia, a autora aponta que "a articulação entre o chamado global e a constituição de uma agenda local acabou por antecipar as pautas das grandes manifestações que tomaram o Brasil em 2013" (Oliveira, 2021, p.124). Desse modo, refere-se às Jornadas de Junho que o Movimento Passe Livre mobilizou no ano de 2013 e que reunia entre seus participantes

diversos integrantes que estiveram presentes nos acampamentos do Ocupa Sampa, em grande maioria, jovens estudantes.

Tomando esse exemplo, evidenciamos como a comunicação se tornou elemento importante para a permanência desses movimentos na esfera pública. Ausente de uma liderança formal nos acampamentos, como um partido ou sindicato, a força do *Occupy Wall Street* era diluída pelos seus participantes, distribuídos nos acampamentos e nas redes sociais, as quais compartilhavam opiniões e informações que eram rapidamente viralizadas para um público mais amplo, que acessava o *Facebook* e o *Twitter* e tinha acesso às *timelines* de amigos e conhecidos que se engajavam com publicações relacionadas ao *Occupy*. Era pelas redes sociais que também eram feitos chamamentos ou pedidos de ajuda para necessidades básicas nos acampamentos, como a doação de alimentos e produtos de limpeza, que mobilizavam ainda mais pessoas interessadas em contribuir com o que estava ao seu alcance, gerando assim diversas maneiras de fazer parte de um movimento.

Para Gerbaudo (2021), “os ‘comunicadores’ se tornam automaticamente ‘organizadores’ dos movimentos em rede, dada a influência que podem ter por meio de suas comunicações no desenrolar da ação coletiva” (Gerbaudo, 2021, p.247). No caso do movimento *Occupy*, a simbologia no slogan “nós somos os 99%” se traduzia na prática em pessoas se apropriando do discurso no plural e, portanto, construindo simultaneamente a narrativa dos protestos por meio da vivência pessoal. Esses participantes desempenhavam, assim, o papel de "lideranças suaves" nos movimentos em rede.

Em outras palavras, a diluição da narrativa "nós somos os 99%" em múltiplas vozes e protagonistas, deu condições para o surgimento de experiências cada vez individualizadas sobre um mesmo acontecimento de caráter coletivo. De modo geral, o que Gerbaudo ressalta, é que na ausência de um centro de controle e comando, “é a comunicação que organiza e não a organização que se comunica” (Gerbaudo, 2021, p. 247).

Nesse sentido, para Castells (2017), a capacidade de organização por meio das redes de comunicação produz um novo espaço social, o qual ele nomeia de espaço da autonomia, que se dá entre a cibernética e o espaço urbano:

Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individuação para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua autonomia com pessoas de posição semelhante nas redes de sua escolha. (Castells, 2017, p.200)

De modo geral, o que o autor aponta é que a conexão em rede oferece a capacidade de traduzir a cultura da liberdade em uma prática de autonomia. Isso porque, por meio das

redes sociais, sentimentos de indignação ou frustração podem ser compartilhados entre usuários, abrindo assim a potência para a mobilização conjunta, de forma que esses usuários possam encontrar quem pense semelhante e alcançar algum tipo de transformação social.

A seguir, dois exemplos são evidenciados, os quais ajudam a visualizar melhor essa ideia, a partir do nosso objeto. Ao navegar pelo termo *climate activism* (ativismo climático) no *Youtube*, identificamos uma série de vídeos em que jovens integrantes do movimento *Fridays for Future* relatam os principais motivos pelos quais começaram a defender o meio ambiente.

Em um vídeo intitulado *Why I became a climate activist – and you should too* [Por que eu me tornei uma ativista pelo clima e porque você deveria fazer o mesmo]<sup>16</sup>, Luisa Neubauer, uma jovem alemã de 24 anos, conta como se tornou uma ativista pelo clima. Quando tinha 13 anos, e ainda estava na escola, Luisa ouviu pela primeira vez sobre os gases de efeito estufa e seus impactos no planeta. Sentiu uma irritação profunda ao ver um tema tão importante estar sendo reduzido a 90 minutos de uma aula de geografia. A irritação diante da passividade com que o mundo parecia lidar com aquela informação, em suas palavras, a mobilizou a escolher o curso de Geografia na universidade.

Essa escolha era uma maneira de descobrir se a sua excessiva preocupação com o aquecimento global era coerente com a realidade apresentada, algo inclusive abordado no capítulo 1, a partir de Gare (2007). Atualmente, Luisa Neubauer é uma das responsáveis pelo movimento *Fridays for Future* na Alemanha. Em abril de 2021, Luisa Neubauer foi uma das jovens que processou o governo da Alemanha por inação climática<sup>17</sup>. O processo judicial foi amplamente repercutido. O tribunal, por sua vez, ordenou que o governo alemão apresentasse esclarecimentos quanto às medidas tomadas para atingir as metas de redução das emissões de gases de efeito estufa, o que consistiu em uma efetividade, ainda que parcial, da pressão popular.

Em outro vídeo de *Ted Talk* intitulado "A periferia me tornou um ativista climático", Marcelo Rocha, um jovem brasileiro de 23 anos, conta como ele ingressou no movimento *Fridays for Future* e com isso, evidencia seu município, Mauá, na região do ABC em São Paulo, que fica às margens do Rio Tamanduateí, um dos principais afluentes do Rio Tietê, o qual sofre episódios frequentes de enchentes que interferem no cotidiano de seu território e da vida da população. Rocha passou a conectar o problema, que enfrentava diariamente, ao

---

<sup>16</sup> O vídeo está disponível com legendas no Youtube, no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Ie9cACQnqew>

<sup>17</sup> Para mais informações sobre o processo acessar link disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/apr/29/historic-german-ruling-says-climate-goals-not-tough-enough>

racismo climático e passou a pesquisar sobre o tema de forma a integrar o debate evidenciando sua perspectiva de vida. Compartilhamos a seguir um trecho de seu depoimento documentado em vídeo:

A gente sabe ainda muito pouco sobre as mudanças climáticas, e principalmente como ela nos afeta e como podemos expandir a nossa fala e as nossas vozes nesse lugar. Eu comecei a pesquisar mais as mudanças climáticas e entender o que estava acontecendo no nosso mundo. Entendi que todas as vezes que falavam sobre favelas e mudanças climáticas, era sempre em um lugar de culpabilizar as periferias e não de entendê-las como parte da solução – e a população negra como parte importante da memória e história que estamos construindo. Eu comecei a pesquisar sobre mudanças climáticas e me juntei com jovens do mundo inteiro, que se reúnem às sextas-feiras para fazer greve pelo clima, para trazer mudanças reais e nos manter vivos, pois estamos falando sobre humanidade (Marcelo Rocha, 2021).

As histórias relatadas por esses dois jovens ativistas, cada um em contexto diferente, quando circulam em plataformas como o *Youtube*, ganham repercussão a partir das interações realizadas na própria plataforma. No caso do *Youtube*, é possível interagir de diversas maneiras a partir de recursos incorporados no design da plataforma: comentar um vídeo, expressando assim sua opinião sobre aquele conteúdo, curtir ou descurtir, compartilhar com mais pessoas, incluir o vídeo em *playlists* com conteúdos relacionados, e assim por diante. A soma dessas diferentes maneiras de se engajar com o conteúdo resultará em informação para que o algoritmo de recomendações vigente na plataforma decida como aquele conteúdo irá aparecer para outros usuários – ou simplesmente passar despercebido. No caso de ambos, os *Ted Talks*, o vídeo de Luisa soma 88 mil visualizações, enquanto o de Marcelo, 1,7 mil (dados coletados em maio de 2023).

De acordo com Cesarino (2023), "os algoritmos captam dados de nosso comportamento para procedimentos de clusterização com outros usuários" (Cesarino, 2023). Essa *clusterização*, traduzida como aglomerações de usuários em torno de determinados conteúdos, cria novos laços sociais a partir do digital que não necessariamente, estão ancorados a um sentimento de pertencimento de grupo, tal qual sugere Castells (2017) com seu entendimento de autonomia. Dessa forma, esse algoritmo pode direcionar os vídeos dos ativistas para públicos desconhecidos: desde jovens que se sentem inspirados por aquelas histórias e decidem fazer o mesmo – como é o caso do *Fridays for Future* – como para aqueles que não perceberão aquele conteúdo como algo positivo, gerando assim uma onda daquilo que chamamos de *haters*.

De modo geral, o movimento *Fridays for Future* reúne diversas características semelhantes aos movimentos em rede os quais descrevemos nesta seção. Tanto o *Fridays for Future* como o *Occupy Wall Street*, se estabelecem enquanto movimentos híbridos, que têm a comunicação em rede como seu elemento organizador. A atuação nas redes sociais articula a comunicação entre os participantes e difunde as ações do movimento engajando novos participantes. Já nas ruas, esses movimentos ganham corpo e massa ao ocupar o espaço público – no caso do *Occupy Wall Street*, a massa é materializada pelo acampamento e suas tendas, no *Fridays for Future* as greves esvaziam as escolas e ocupam praças e avenidas. Em especial, evidenciamos como dado relevante a diluição da liderança entre vários participantes. No caso do nosso objeto, os exemplos de Luisa Neubauer, na Alemanha, e Marcelo Rocha, no Brasil, mostram como o movimento *Fridays for Future* distribui sua narrativa em múltiplos agentes que vão, por sua vez, defender a mesma causa a partir de experiências individualizadas.

### **3.2 Ação coletiva e ação conectada: diferenças e aproximações**

As redes sociais podem criar falsas sensações de pertencimento e coletividade. Propomos nesta seção, situar as diferenças conceituais entre ação coletiva e ação conectada de forma a oferecer pistas sobre as novas práticas de ativismo digital e a atuação de movimentos sociais que se transformam atuando a partir do modelo das plataformas.

Bennett e Segerberg (2012) propõem uma diferenciação entre a ideia de ação coletiva e ação conectada (*connective action*) enquanto lógicas distintas no ativismo contemporâneo, mas que muitas vezes se sobrepõem no modelo híbrido de atuação entre o *online e offline*. Os autores argumentam que a fragmentação das sociedades contemporâneas, sobreposta ao uso cotidiano das tecnologias digitais, abre espaço para ações cada vez mais individuais e conteúdos personalizados, refletindo também na maneira como atuam os participantes de movimentos sociais.

Faz-se valer, antes, da definição de movimentos sociais posta por Fomiya e Gillan (2017):

the definitional features of ‘social movement’ must minimally include a degree collectivity through voluntary coordination of activity in the pursuit of values or interests that produce conflict with other social actors (Gillan, in press). The processes by which individuals come together, recognize common experiences of social problems, develop diagnoses of those problems, and begin to form

strategies to attempt to overcome them remain, in our view, inherently collective. (Fominaya e Gillan, 2017, p. 387)<sup>18</sup>

Uma *ação coletiva* refere-se ao esforço de determinado grupo para alcançar um bem público comum. Ter uma causa social, por exemplo, é o que orienta a ação sincronizada desse grupo que age seguindo estratégias e diagnósticos que nascem de uma confabulação coletiva. A existência de organizações sociais e instituições, atuando conjuntamente com esse grupo de pessoas, são fundamentais por se tratar de modelos organizacionais estruturados com o objetivo de trabalhar na construção de uma identidade que vai manter esse grupo unido e alinhado sobre suas estratégias e objetivos.

Podemos pensar, por exemplo, na atuação de organizações socioambientais como o *Greenpeace*, que a partir da estrutura física, como seu escritório e uma equipe técnica, centraliza recursos necessários para mobilizar pessoas em torno de campanhas, seja por meio de suas equipes, voluntários, parceiros, etc. De modo geral, de acordo com Bennett e Segerberg (2012), o amadurecimento de uma ação coletiva leva tempo, e demanda consistência por meio de ações educativas e de socialização. Nesse sentido, essas organizações acabam tendo estrutura o suficiente para desenvolver esses tipos de relações a longo prazo. O próprio *Greenpeace* é agente participante das greves escolares pelo clima desde a primeira edição.

As dinâmicas do movimento *Fridays for Future*, nesse sentido, sempre experimentaram formas de ação coletiva fruto de parcerias com organizações para além da ação digital. No contexto do movimento brasileiro, ativistas relataram em entrevistas a participação de ONGs na realização e financiamento de suas ações. Essa ideia pode ser percebida em um dos relatos de uma jovem integrante do grupo Eco pelo Clima, um núcleo estadual do *Fridays for Future* no Rio Grande do Sul, o qual ela cita a participação ativa da organização 350.org uma organização que atua em campanhas sobre mudanças climáticas:

A 350.org é uma organização que umas das suas bases é apoiar o movimento. Seja com workshop, seja com rede social, seja com financiamento. Aqui no Eco pelo Clima, desde que a gente começou a nossa relação com a 350.org na campanha contra a Mina Guaíba, a gente teve uma parceria muito boa. Eles vivem a vida deles, a gente chega com uma ideia, e eles apoiam. (Renata Padilha, 2022. Entrevista pela autora)

---

<sup>18</sup> "As características que definem um movimento social devem incluir minimamente um grau de coletividade por meio da coordenação voluntária de atividades em busca de valores ou interesses que geram conflito com outros atores sociais. Os processos pelos quais os indivíduos se reúnem, reconhecem experiências comuns de problemas sociais, desenvolvem diagnósticos desses problemas e começam a formar estratégias para tentar superá-los permanecem, em nossa visão, intrinsecamente coletivos". Tradução nossa.

Em uma ação conectada, ainda segundo Bennett e Segerberg (2012), a motivação para a ação parte não necessariamente de um grupo já consolidado, mas dos próprios indivíduos conectados através das tecnologias digitais. Essa lógica surge em contraponto à ação coletiva, pois seu modelo organizacional é descentralizado, o que torna o papel das organizações previamente abordadas, dispensáveis.

No lugar do *Greenpeace* ou da *350.org*, seguindo nossos exemplos, a mobilização passa a ser diluída em expressões, motivações e ações de indivíduos pelas redes sociais. A identificação com uma determinada causa ou problema, nesse caso, extrapola os limites físicos e os laços afetivos, pois a validação para aquele sentimento é expandida no espaço online, reformulando assim o entendimento do que é um grupo ao propor novos laços baseados na conexão.

The transmission of personal expression across networks may or may not become scaled up, stable, or capable of various kinds of targeted action depending on the kinds of social technology designed and appropriated by participants, and the kinds of opportunities that may motivate anger or compassion across large numbers of individuals. (Bennett e Segerberg, 2012, p.754)<sup>19</sup>

Bennett e Segerberg (2012) entendem que a ação conectada parece ser a opção mais adequada para referenciar-se ao atual modelo de organização dos movimentos em rede, visto que os laços de grupos são substituídos por redes sociais fluidas e de larga escala, que não demandam controle, tampouco o entendimento comum do que definimos por “nós”.

Na mesma toada, o movimento *Fridays for Future* reúne participantes que, sem ter qualquer vínculo anterior, passam a compor um mesmo movimento por interesses distintos. Segundo um dos relatos dados a esta pesquisa, o próprio movimento *Fridays for Future* no Brasil nasceu de um grupo de *WhatsApp* criado por um jovem que optou por não se manter no movimento, ainda que sua ação baseada no ambiente *online* – de abrir voluntariamente um grupo para reunir pessoas – tenha sido determinante para a constituição daquele corpo coletivo. A seguir um relato que ilustra claramente esse funcionamento efêmero:

Eu pesquisei no Instagram e eu vi que tinha um perfil criado do *Fridays for Future* Brasil e tinha na descrição um grupo do *WhatsApp*. Eu entrei no grupo, que foi criado por um menino de Juazeiro, no Ceará. O menino criou isso, depois sumiu. A gente nem sabe direito quem ele é. Ele só fez essa primeira greve e nunca mais

<sup>19</sup> "A transmissão da expressão pessoal por meio de redes pode ou não se tornar ampliada, estável ou capaz de vários tipos de ação direcionada, dependendo dos tipos de tecnologia social projetada e apropriada pelos participantes, e dos tipos de oportunidades que podem motivar raiva ou compaixão em um grande número de indivíduos". Tradução nossa.

apareceu. Aí o que aconteceu foi que eu entrei, e a gente se organizou, fez peças gráficas, fez um monte de coisa e criou outros grupos. (Naiara Almeida, 2022. Entrevista pela autora)

Faz-se notar, ainda, que embora apresentem lógicas distintas, tanto a ação coletiva como a ação conectada, podem conviver e sobrepor-se nas dinâmicas dos movimentos sociais contemporâneos. Segundo os autores, essa forma híbrida "se situa em algum ponto ao longo de um continuum entre os dois tipos ideais de ação coletiva, a gerenciada por organizações e a ação conectada, relativamente mais auto-organizada"(Bennett e Segerberg, 2012, p.754, tradução nossa)<sup>20</sup>. Como apresentado no relato, no caso do *Fridays for Future*, a atuação das organizações opera enquanto agenciamentos periféricos, isto é, sua atuação fica em segundo plano, colaborando na sistematização e logística das ações, ainda que o protagonismo dos jovens, em especial na confabulação de suas ideias, permaneça em primeiro plano.

### 3.3 Plataformização da cultura e cultura das plataformas

A eficácia de uma ação conectada, seguindo as definições postas por Bennett e Segerberg (2012) não depende da intenção de seus participantes somente, visto que a infraestrutura das plataformas baseia-se em tecnologias monitoradas e pouco transparentes sobre seus mecanismos de funcionamento quando se trata de trazer relevância a determinados conteúdos. Para trazer um maior entendimento sobre o modelo de funcionamento dessa arquitetura a qual o ativismo digital está condicionado, entre eles, o *Fridays for Future*, nesta seção exploramos o conceito de plataformização e seus efeitos nas práticas culturais.

Para tornar mais evidente como chegamos a esse atual modelo de plataformas, propomos, antes, relembrar brevemente como a Internet se estabeleceu enquanto espaço de compartilhamento do conhecimento baseado na ação do usuário. A Internet, próxima daquilo que entendemos hoje, nasce na década de 60 como aparato técnico militar, com o objetivo de estabelecer uma comunicação descentralizada para combater os ataques nucleares no contexto da Guerra Fria. Sua tecnologia é disponibilizada publicamente, na mesma época, através dos primeiros hackers nos campi universitários, inspirados em

---

<sup>20</sup> "This hybrid form of organizationally enabled connective action sits along a continuum somewhere between the two ideal types of conventional organizationally managed collective action and relatively more self-organized connective action".

promover "uma rede descentralizada de comunicação capaz de resistir ao controle de qualquer centro de comando" (Castells, 2017, p.200).

A contracultura marcada por esse período foi determinante para construir a Internet tal qual conhecemos hoje, ainda que sua democratização tenha sido dada, concretamente, através do serviço público europeu com a criação do primeiro navegador da *World Wide Web (www)*, que permitiu o compartilhamento de informações e documentos em uma escala sem precedentes. A partir dos anos 90, contudo, essa infraestrutura passou a ser administrada por corporações interessadas no potencial econômico da rede enquanto modelo de negócio (Figueiredo, 2020).

A web 1.0 surge nesse contexto, ainda na década de 90, com seu acesso limitado a um dispositivo fixo (os computadores desktop), e uma interatividade restrita a páginas estáticas, as quais o usuário recebia a informação tal como os meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão. É nesse período que surgem os primeiros portais de informação que moldaram a maneira como acessamos ainda hoje a Internet. A título de exemplo, o *Yahoo!* era uma empresa que operava como navegador de busca, repositório de notícias, finanças e servidor de e-mail, mas se extinguiu com o passar dos anos, enquanto outras, como a Amazon, nasce como uma livraria online norte-americana e se expande para outros produtos e mercados, estabelecendo um monopólio global até os dias de hoje, participando do que chamamos hoje de as *GAFAM*, sigla para as cinco principais corporações de tecnologia: *Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft*.

É através da web 2.0 que os usuários passaram a ter maior interação, à medida que as empresas delimitaram a primeira arquitetura de participação, canalizando a inteligência coletiva para novos modelos de consumo baseados em comunidades de conhecimento (Jenkins, 2012). Curtir, comentar e compartilhar passam a ser recursos disponíveis em sites que promovem a interação entre usuários. Essas comunidades passam a ter como informação central o próprio conteúdo produzido pelos usuários, levando a criação de redes sociais tais como as conhecemos hoje, como o *Facebook e o Twitter*.

Com a transição para a web 3.0, os dispositivos se tornaram cada vez mais integrados e mediados pela inteligência da máquina, de forma a tornar essa experiência de consumo cada vez mais personalizada e assertiva sobre o conhecimento acumulado sobre cada usuário. Essa ideia ganhou maior proporção conforme o avanço da tecnologia em produtos, como smartphones e Internet das Coisas (IoTs), que deslocaram a conexão limitada ao dispositivo fixo a todos os ambientes. Nesse modelo, essas mesmas empresas

passam a atuar de maneira coordenada e dinâmica, e a informação passou a ser vista como recurso e mercadoria.

No caso das plataformas que vendem publicidade a partir dos dados coletados durante as interações dos usuários (Srniczek, 2018), o *input* seria as informações coletadas através da vigilância das interações dos indivíduos na Internet, e o *output* seria a publicidade, propaganda e outros tipos de conteúdos personalizados a partir das informações coletadas pelos algoritmos dessas plataformas. (Figueiredo, 2020, p.130)

Zuboff (2020) descreve como a conexão digital, que inspirou a cultura da liberdade, passou a ser um meio para fins comerciais das grandes empresas. Em seu livro “Capitalismo de vigilância”, a autora descreve como a Internet, primeiramente ambiente propício para a inteligência coletiva, evoluiu para um modelo de plataforma a qual a experiência humana se tornou recurso para o mercado de comportamentos futuros baseados na extração de dados comportamentais. Da agência das máquinas, surgem novos modelos de coletivismo a partir de um novo espaço privado, baseado na “colmeia”, espaço altamente delimitado e controlado, de acordo com o interesse financeiro das *Big Techs*. O capitalismo de vigilância instrumentaliza a conexão digital de forma que:

nossa visibilidade é ampliada e compelida não só pelo caráter público de espaços conectados, mas pelo fato de serem privatizados. A vida dos jovens agora se desenrola nos espaços do capital privado, possuído e operado pelos capitalistas de vigilância, medida pela "orientação econômica" deles e operacionalizada em práticas destinadas a maximizar as receitas de vigilância. (Zuboff, 2020, p. 514)

Zuboff (2020) descreve duas finalidades centrais da captura da atenção nas plataformas. De um lado, ela é utilizada para ofertar produtos e serviços e de outro, alimentar a inteligência da máquina para gerar mais dados preditivos sobre os usuários. Em ambos os casos, o indivíduo, ou melhor, o usuário, não é o cliente das plataformas, mas sim um instrumento. Nesse contexto, a infraestrutura digital tornou-se o principal intermediário entre produtores e consumidores da informação, tomando o lugar das comunidades de conhecimento centradas na produção criativa e intelectual dos usuários: "para que a economia de dados funcione, é preciso que nos coloquemos à disposição enquanto ambientes propícios à extração de valor justamente ao negarmos, ou sequer concebemos, essa possibilidade" (Cesarino, 2023).

A noção de plataformação, portanto, descreve o alcance dessa infraestrutura, que passa a penetrar as áreas da saúde, educação, moradia, transporte, moldando as interações sociais por meio de uma curadoria ativa de conexões baseadas em uma governança algorítmica. Exemplos estão por toda parte: para se locomover, empresas mediam a relação entre motoristas e passageiros por aplicativos como a *Uber*. Os hotéis dão lugar a plataformas como *Airbnb*, que conecta donos de imóveis e pessoas interessadas em alugá-los por curtos períodos de tempo. Para a saúde, as cooperativas médicas centralizam o acesso a uma rede de profissionais, inclusive operando como ambiente para atendimentos online; as salas de aula passam a ser digitalizadas em ambientes de ensino capazes de absorver diferentes formatos pedagógicos, e assim por diante. Por se tratarem de plataformas privadas, e não bens públicos, a conectividade no ambiente das plataformas se traduz em ganhos econômicos e estratégicos para as empresas por trás dessas transações, surgindo assim, novas formas de poder e controle.

Com isso, as plataformas podem ser entendidas como:

infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados. (Poell, Nieborg, Van Dijck, 2020, p.04)

Entender o avanço dessas tecnologias é fundamental para compreender também de que maneira as interações sociais se dão nesse novo contexto de plataformação. Van Dijck, Poell e De Waal (2018) levantam algumas pistas sobre a necessidade de investigação maior dessas interações. Os autores apresentam distintas possibilidades para se estudar o fenômeno da plataformação, do micro ao macro, a partir de análises tanto da anatomia das plataformas como das relações geopolíticas relacionadas ao processo de plataformação: “Platforms cannot be studied in isolation, apart from social and political structures, as they are all (inter)dependent on a global infrastructure that has been built steadily from the early 2000s onward” (Van Dijck, Poell, De Waal, 2018, p.08)<sup>21</sup>.

Ainda segundo os autores, a plataformação é comparada a grandes processos históricos, pois trata-se de uma transformação multifacetada das sociedades globalizadas, ao mesmo tempo em que ela ruiu com a ideia de uma Internet livre e popular, visto que, segundo Cesarino, “na escala do usuário, a infraestrutura é feita para ser experimentada

---

<sup>21</sup> "As plataformas não podem ser estudadas isoladamente, separadas das estruturas sociais e políticas, pois todas elas são (inter)dependentes de uma infraestrutura global que tem sido construída de forma constante desde o início dos anos 2000". Tradução nossa.

como individualizada, libertadora e até empoderadora. Já na escala do aparato técnico, ela é altamente centralizada, pouco transparente” (Cesarino, 2023). A datificação (*datification*), nesse sentido, pode ser considerada um novo paradigma para a sociedade das plataformas, visto que a informação é tanto recurso como mercadoria, no mesmo sentido em que a interação entre usuários é mediada pelas relações tanto humanas, como não-humanas, através da inteligência da máquina.

Cesarino (2023) atenta que os algoritmos em si não controlam os usuários da forma linear como costumamos pensar nas relações de causa e efeito. Seus efeitos sociais podem ser visualizados de forma indireta através do comportamento humano. Entre algumas das características dos algoritmos, Gillespie (2017) aponta a capacidade preditiva dos algoritmos, que antecipam a escolha dos usuários a partir de um monitoramento prévio. A objetividade dos algoritmos é outra característica que os enquadra enquanto "imparciais", ainda que sejam responsáveis pela relevância ou não de certos conteúdos. De modo geral, o autor pontua que a lógica algorítmica "depende das escolhas procedimentalizadas de uma máquina, projetadas por operadores humanos para automatizar alguma representação do julgamento humano ou desenterrar padrões através de traços sociais coletados" (Gillipse, 2014, p. 117).

Tomemos como exemplo o algoritmo de recomendação de livros e presentes em plataformas como a Amazon. Ao listar indicações a um usuário sugerindo que “pessoas como você também compraram” determinados produtos, esses mesmos algoritmos estão “invocando e afirmando conhecer um público o qual somos convidados a ter afinidade” (Cesarino, 2023). Ao transportar esse usuário a um grupo segmentado – de pessoas que supostamente se interessam pelos mesmos assuntos e, portanto, pelos mesmos produtos – constrói uma coletividade, um público, que é determinado pelo próprio algoritmo de recomendação e não pela escolha consciente desses usuários. Esses públicos calculados enquanto possibilidade de agrupamento – a clusterização, vista anteriormente – conecta indivíduos que não necessariamente seriam conectados de outras formas.

Já boyd (2010) refere-se aos públicos em rede (*networked publics*) para abordar as maneiras as quais usuários tendem a formar comunidades através das novas mídias. De acordo com a autora, as tecnologias sozinhas não são capazes de determinar como usuários vão interagir, mas elas criam um ambiente propício para o engajamento dos públicos, que constituem novos arranjos sociais que extrapolam os laços de amizade ou familiares:

While networked publics share much in common with other types of publics, the ways in which technology structures them introduces distinct affordances that shape how people engage with these environments. The properties of bits – as distinct from atoms – introduce new possibilities for interaction. As a result, new dynamics emerge that shape participation. (boyd, 2010, p.01)<sup>22</sup>

Segundo Gillipse (2014), "a disputa entre os 'públicos em rede' forjados pelos usuários e os 'públicos calculados' oferecidos pelos algoritmos complica ainda mais a dinâmica da sociabilidade em rede" (Gillipse, 2014, p.115). É nesse sentido que a infraestrutura técnica está longe de proporcionar uma “neutralidade” que pode ser moldada de acordo com o interesse dos usuários, que como visto, não são os verdadeiros clientes dessas plataformas.

O entendimento dessa infraestrutura é fundamental para compreender de que maneira ações coletivas, como as ações ativistas do *Fridays for Future*, vão perdurar no tempo. Vale retomar que, de acordo com Castells (2017), uma das características dos movimentos em rede é justamente sua curta duração. Mas quando olhamos para o *Fridays for Future*, percebemos que trata-se de um movimento que nasce em 2019 e se mantém ativo até o ano de 2023 – quando esta pesquisa é realizada.

Tal duração nos indica um tempo de vida que extrapola a média. Podemos pensar assim, que as estratégias do movimento, de alguma forma, conseguem sobreviver ou se atualizar nas plataformas por justamente compreendê-las enquanto parte do jogo. Um jogo que os ativistas precisam jogar para manter suas narrativas, e a defesa pelo futuro, em constante circulação.

### 3.4 Ativismo digital nas plataformas digitais: possibilidades e implicações

Apresentamos nesta seção, alguns exemplos de como a plataformação vem impactando na criação de estratégias comunicativas no ativismo contemporâneo. Como visto, a mediação algorítmica é o que determina a relevância dos conteúdos que circulam nas plataformas, afetando de forma significativa a visibilidade e alcance de certas informações que chegam aos usuários. É nesse sentido que os autores apresentados atentam para a limitação da autonomia dos movimentos sociais quando sua comunicação está condicionada ao modelo técnico-comercial das plataformas digitais.

---

<sup>22</sup> "Embora os públicos em rede tenham muito em comum com outros tipos de públicos, a forma como a tecnologia os estruturam introduzem características distintas que moldam como as pessoas interagem nesses ambientes. As propriedades dos bits - distintas dos átomos - trazem novas possibilidades de interação. Como resultado, surgem novas dinâmicas que vão moldar a participação." Tradução nossa.

De acordo com Poell e Van Dijck (2015), a arquitetura e modo de funcionamento das plataformas determinam a maneira como os usuários interagem entre si. Recursos como “curtir”, “compartilhar” ou “comentar”, ou o uso de *hashtags* para filtrar conteúdos tornam a experiência dessas plataformas mais individualizada e centrada no que supostamente é de interesse dos públicos calculados. De modo geral,

To understand how features such as trending topics shape activist communication, it is important to see that these features do not directly translate user interests, but that they algorithmically process combinations of user signals (Bucher 2012; Gillespie 2014). By including and excluding particular signals and giving them relative weight, social media algorithms co-determine what is considered ‘relevant’ or ‘trending’. (Poell e Van Dijck, 2015, p.530)<sup>23</sup>

As plataformas podem até contribuir para a visibilidade, trazendo atenção para a ação dos movimentos em rede, mas dificultam a sua evolução e aprofundamento a longo prazo por privilegiarem o que é "tendência" naquele momento. Nesse sentido, tais plataformas "direcionam os usuários para conexões, ao mesmo tempo em que introduzem mecanismos virais na comunicação pública que produzem momentos de união" (Poell e Van Dijck, 2015, p. 533)<sup>24</sup>. Ao tornar mais relevante aquilo que é novo e efêmero, as plataformas fluem melhor aquelas informações cuja característica é de *breaking news*, isto é, assuntos cujo elemento de novidade tem vida curta no tempo acelerado dos *feeds*.

Um exemplo disso, foi o caso viral da hashtag *#BlackoutTuesday* em junho de 2020. A ação digital foi pensada como ato de solidariedade que trazia a atenção para o caso de George Floyd, homem negro que foi morto por um policial de forma cruel nos Estados Unidos naquela mesma época. O caso gerou comoção global, já que a cena de sua morte foi filmada e circulou amplamente, gerando revoltas que desencadearam nos protestos globais do *Black Lives Matter*. A *hashtag* pretendia criar um "apagão" dos conteúdos na *timeline* do *Instagram*, sinalizando luto, revolta e a necessidade de reflexão para aquela situação que ocorrera. Milhões de usuários passaram a postar em suas *timelines* quadrados na cor preta, sem nenhuma imagem, e a *hashtag* *#blackouttuesday*, algo como "apagão da terça-feira".

<sup>23</sup> "Para entender como recursos como as ‘trending topics’ moldam a comunicação ativista, é importante perceber que esses recursos não traduzem diretamente os interesses dos usuários, mas processam algoritmicamente combinações de sinais desses usuários (Bucher 2012; Gillespie 2014). Ao incluir e excluir sinais específicos e atribuir-lhes um peso relativo, os algoritmos das redes sociais co-determinam o que é considerado relevante ou tendência". Tradução nossa.

<sup>24</sup> No original: "social platforms steer users towards connections, while at the same time introducing viral mechanisms in public communication that produce moments of togetherness".

Para quem é induzido a postar diariamente, a ação foi quase como um chamado de ordem dos algoritmos de relevância, que entenderam esse tipo de conteúdo como uma "tendência" naquele dia. Não à toa, marcas, instituições, celebridades, *influencers* e usuários comuns participaram da ação, alcançando públicos muito diversos, inclusive aqueles que não tinham relação direta com o movimento *Black Lives Matter*, mas demonstrando solidariedade.

O *Instagram* reconheceu a onda de postagens como algo *trend* – o assunto do dia. Porém, a plataforma não foi capaz de ativar uma leitura crítica daquela ação, que acabou por invisibilizar outros conteúdos associados aquela mesma *hashtag*, ou seja, conteúdos que não apresentavam o mesmo quadrado preto, mas abordavam o mesmo assunto. Esse foi o caso dos conteúdos sobre os protestos que aconteciam nas ruas naquele mesmo dia e que dependiam das redes para circular o que estava acontecendo em tempo real, em especial, para denunciar a violência policial que também reprimia os protestantes. Logo, a matemática de sucesso resultou, além do apagão de imagens em geral, em uma anulação do movimento ativista vinculado aquela *hashtag*<sup>25</sup>.

Pensando no nosso objeto, por outro lado, essa mesma lógica de *trending topics* foi o que contribuiu para visibilizar as greves escolares pelo clima, dando ênfase justamente na diversidade de conteúdos – algo oposto ao problema do *Blackout Tuesday*. Usando a *hashtag* *#ClimateStrike*, jovens do mundo todo passaram a postar fotos dos protestos, em que apareciam segurando cartazes com diversas frases, desenhos e tipografias em cartolinas com tinta guache. Aqueles que não podiam estar nas ruas presencialmente postavam *selfies* em suas casas e escolas também segurando cartazes. O resultado foi uma onda de protestantes convergindo ações *online e offline*, distribuídos em várias partes do mundo, que se reuniam no espaço efêmero construído pela *hashtag*.

Nas imagens abaixo (Figura 4 e Figura 5), compartilhamos exemplos desses desdobramentos em protestos simultâneos no Reino Unido e no Brasil. A campanha *#NoMoreEmptyPromisses* recebeu uma versão em português, *#ChegadePromessasVazias*, as quais ativistas postavam fotos linkando a versão nacional e internacional da campanha. No jornal *The Guardian*, uma matéria estimulava o compartilhamento de registros dos protestos.

---

<sup>25</sup> Essa análise foi publicada em mídias como o *New York Times* : <https://www.nytimes.com/2020/06/02/arts/music/what-blackout-tuesday.html> Acesso em 8 Jul 2023.

Figura 4 - Print da matéria publicada em 22 de março de 2022

## Young global climate strike 2022: share your photos and stories

Wherever you are in the world, if you are taking part in the strike we would like to hear from you



Students and school children gather at Parliament Square as part of the Youth Climate Strike on 5 November 2021 in London. Photograph: Penelope Barritt/Rex/Shutterstock

Fonte: The Guardian

Figura 5 - Publicações de jovens ativistas no dia 19 de março de 2022



Fonte: Instagram nos perfis de @nosmarcelorocha, @7ourworld e @scj.chrys

Fenômenos como *Slackativism* e *clickactivism* são exemplos de novas formas de ativismo digital que se expressam em ações restritas aos ambientes das plataformas, como assinar petições, compartilhar postagens ou tweets que ganham repercussão pela repetição que gera engajamento, que por sua vez, determina a relevância nas redes. Algo bastante

semelhante com o que acabamos de relatar, com jovens ativistas compartilhando imagens de si mesmos carregando cartazes em suas casas.

Autores como Morozov (2018) reforçam os limites impostos por essas ações, uma vez que estas se restringem a uma sensação de satisfação momentânea dos usuários já que tais ações não passam de momentos estimulantes das *trending topics*. É nesse sentido, que a crítica de Morozov (2018) vai recorrer à característica da ilusão da rede (*net illusion*) baseada no "empoderamento do usuário", o qual é vendido como atrativo pelas empresas de tecnologia. Segundo o autor, "parece óbvio que a equalização do acesso aos serviços de comunicação não elimina nem reduz, sozinha, outros tipos de desigualdade" (Morozov, 2018, p.51).

Por sua vez, a ideia de ativismo de dados (Milan, 2016) revela a prática de grupos e movimentos que vêm se utilizando do acesso à informação e das técnicas de análise de dados para promover mudanças sociais concretas. Essa seria uma nova forma de engajamento civil e ação política a partir das plataformas e, em especial, recorrendo ao Big Data enquanto aliado à mudança social.

Um exemplo do que seria um ativismo de dados é o projeto DataLabe, uma organização ativista baseada na Favela da Maré no Rio de Janeiro. A iniciativa funciona desde 2016 como um laboratório de produção de dados e narrativas feitas por moradores da região. A proposta nasceu ao perceber a ausência de cobertura jornalística e um estigma da mesma para referir-se ao território, bem como pela ausência de profissionais situados naquele contexto. Ao gerar dados vindos de dentro da própria comunidade, e a partir de suas próprias perspectivas, o DataLabe desenvolve "reportagens, pesquisas, mapeamentos, consultorias, relatórios analíticos, oficinas, campanhas e eventos que levam em conta as potências e complexidades dos territórios populares e de seus moradores"<sup>26</sup>.

De maneira oposta, a noção de ativismo codificado (Figueiredo, 2020) refere-se às interações ativistas que passam a estar presas à codificação dos algoritmos e à "política do código" formulada pelas corporações. Por código, Figueiredo (2020) refere-se a toda infraestrutura técnica criada por programadores, tais como protocolos, *softwares* e *design* embutido nessas plataformas que se transformam conforme os interesses das corporações e como visto, se pautam na venda de anúncios. Nesse sentido, o autor reforça que os movimentos contemporâneos não podem "deixar de apostar na construção de redes de

---

<sup>26</sup> Para acessar mais informações sobre o grupo é possível acessar o link disponível em: <https://datalabe.org/sobre/>

solidariedade *offline*, sob pena de perder o contato com as demandas populares". (Figueiredo, 2020, p.140)

Para combater a vigilância estabelecida pela política do código, Figueiredo (2020) propõe um conjunto de ações que direcionam a atuação dos movimentos sociais de forma mais assertiva. Em primeiro lugar, o autor entende que é necessário investir em estratégias localizadas, paralelas à ação nas redes sociais, mirando um menor raio de ação de forma a produzir nós (*clusters*) dentro da estrutura ramificada da rede, dificultando assim a vigilância por serem emaranhadas em estruturas complexas de informação. Em segundo, sugere que ações *offline* também sejam consideradas na ação de movimentos sociais, criando assim complexidades que não reduzem a ação conectada, vista em Bennett e Segerberg (2012) ao ativismo codificado.

Além disso, estabelecer ações *offline*, paralelas à ação digital, garante que pessoas sem acesso à Internet possam se engajar com a causa, retomando assim as demandas populares que extrapolam os limites dos públicos calculados, dos públicos em rede e da ilusão da rede. Em terceiro, sugere a realização de protestos em nuvem, ou seja, protestos cujas informações se dispersem nas redes sociais dificultando assim o seu rastreo e origem. Por fim, o autor defende urgência na democratização da comunicação através da regulação das plataformas, é necessária para criar formas de reduzir o monopólio das empresas quando se trata de demandas que partem da própria sociedade.

Observamos que as sugestões trazidas por Figueiredo (2020), de certa forma estão presentes na organização do próprio movimento *Fridays for Future*, sobretudo quando olhamos com mais atenção nas estratégias focadas no contexto brasileiro. Evidenciamos assim, que o movimento reflete tais mudanças no ambiente das plataformas adaptando-se a suas dinâmicas de forma a usar o cerceamento e a vigilância como parte do jogo. Como exemplo, podemos pensar na prática da personalização dos conteúdos, trazendo mensagens de protesto atreladas a conteúdos pessoais, como retratos dos ativistas que vão engajar a cultura dos *likes* e a interação. Propomos, assim, um capítulo inteiro dedicado a descrever essas estratégias, de modo a situar essas dinâmicas consideradas pelo autor, para que movimentos sociais tenham eficácia na conquista de suas demandas no contexto da plataformização.

## 4. PENSAR GLOBAL, AGIR LOCAL: O MOVIMENTO FRIDAYS FOR FUTURE NO BRASIL

Este capítulo adentra nosso objeto de estudo apresentando um histórico do movimento *Fridays for Future* no contexto brasileiro. Nosso marco metodológico é a etnografia digital, descrita nas Considerações sobre os procedimentos metodológicos, nesta pesquisa, onde descrevemos ações e estratégias a partir da observação de um conjunto de canais online e conversas com ativistas documentadas no Apêndice. Nosso intuito é evidenciar como o contexto brasileiro reagiu ao chamado global de jovens para a ação climática e de que forma se estabeleceram suas estratégias comunicativas.

### 4.1 Fridays for Future Brasil: como o movimento chegou aqui?

O *Fridays for Future* ganhou maior visibilidade no Brasil no ano de 2019 com grupos surgindo no primeiro e no segundo semestre, conforme as greves globais evoluíam em outros países. Um segundo pico de visibilidade aconteceu durante a pandemia da covid-19, em 2020, quando o movimento passou a realizar ações digitais no mundo todo, com as chamadas greves digitais pelo clima monitoradas pela *hashtag* *#DigitalClimateStrike*.

De modo geral, embora o movimento tenha ganhado a adesão inicial em 12 países<sup>27</sup>, observamos que até então a imprensa brasileira noticiava muito mais as ações pessoais de Greta do que os protestos, com isso a ausência de mobilizações no Brasil foi questionada. Um texto de opinião publicado em fevereiro de 2019 no jornal Folha de São Paulo leva como título a pergunta: "Por que os jovens brasileiros não protestam pelo clima?" e em tom crítico, o jornalista Marcelo Leite provoca: "até em Uganda jovens se revoltam contra a omissão dos mais velhos, mas por aqui a moçada anda quieta."<sup>28</sup>.

Acontece que a participação de jovens brasileiros nas greves pelo clima de março de 2019 aconteceu semanas depois que a matéria foi publicada, mas houve pouca repercussão midiática. Organizações como o *Greenpeace* mobilizaram ações com sua rede de voluntários, ainda que não estivessem sob a chancela do *Fridays for Future*, participaram do chamado global com ações online no espaço público. O próprio site oficial do *Fridays for*

<sup>27</sup> Estatísticas no site do movimento: <https://fridaysforfuture.org/what-we-do/strike-statistics/list-of-countries/>

<sup>28</sup> Para mais informações, acessar link disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloleite/2019/02/por-que-estudantes-brasileiros-nao-fazem-greve-pelo-clima.shtml>

*Future* tem nas suas estatísticas 31 ações realizadas no Brasil no dia 15 de março, contradizendo as afirmações do jornalista sobre o silêncio das juventudes brasileiras. Contudo, somente durante as greves de setembro de 2019 que começam a surgir matérias com mais ênfase nos protestos propriamente ditos. Em especial, matérias com títulos como “Quem são as jovens líderes da greve pelo clima no Brasil”<sup>29</sup> começam a aparecer, assim como a busca da imprensa por jovens protagonistas que fizessem as vezes de Greta Thunberg em terras tropicais.

No dia 10 de março de 2019, um perfil no *Instagram* com o nome de Fridays for Future Brasil publicou a seguinte frase: “Apenas 8 cidades do Brasil estão se mobilizando para a maior greve estudantil global. Precisamos acordar e lutar pelo nosso planeta” (Figura 6). Em outro post, o vídeo viral de Greta Thunberg na COP24 era o pretexto para convidar jovens a se mobilizar em praças e espaços públicos. Junto ao vídeo lia-se a frase em inglês: "O mundo precisa que você compartilhe esta mensagem" na sequência do seguinte chamado:

Precisamos de você, brasileiro, na maior greve estudantil em prol de mudanças nas políticas climáticas. Nosso mundo está sendo sacrificado! Se organize, prepare o seu cartaz, vá até o centro da sua cidade ou prefeitura e proteste! (Texto de postagem no Instagram publicado no dia 10 de março de 2019)<sup>30</sup>.

Diante desse episódio, várias ações começaram a surgir. Na capital Brasília, um pequeno grupo de jovens se reuniu em frente ao Congresso Nacional. Em São Paulo, o local escolhido foi o vão livre do Masp. Já no Rio de Janeiro, a Assembléia Legislativa se tornou um ponto de encontro dos jovens. Mas nesse caso, ativistas relataram uma frustração na escolha, já que o prédio do “Alerjão” nas sextas-feiras não havia expediente, portanto, ficava vazio, conforme relatou uma das entrevistadas:

A gente importa um movimento, e ele vem importado com as suas regras. Então lá fora, a gente sabia que sexta-feira era um dia que Câmara e Parlamento funcionam. Sexta-feira, no Rio, ninguém trabalha na Alerj, né? (Naiara Almeida, 2022. Entrevista pela autora)

Na descrição do perfil do *Instagram*, também conhecida como *bio* (abreviação de biografia), uma *url* fixa direcionava os usuários a um grupo de *WhatsApp* onde acontecia toda uma discussão entre jovens de todo o país. De acordo com relatos de participantes, as

<sup>29</sup>Para mais informações, acessar link disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/09/quem-sao-jovens-lideres-da-greve-pelo-clima-no-brasil> Acesso em 08 Jul 2023.

<sup>30</sup> Para mais informações, acessar link disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bu1Hk8-jcpZ/> Acesso em 08 Jul 2023.

peças chegavam ao grupo por pontos de entradas distintos, desde indicação de amigos, amigos de amigos, como também através da *hashtag* #fridaysforfuture.

Figura 6 - Postagem no dia 10 de março de 2019



Fonte: Instagram (perfil @Fridaysforfuturebrasil)

Na descrição do grupo de *WhatsApp* eram dispostas ferramentas para ajudar na organização do movimento que ganhava forma no Brasil. Formulários em nuvem, *Google Docs* e *Google Forms*, coletavam informações dos participantes, tal como a cidade em que residiam. Nos relatos feitos para esta pesquisa, jovens explicaram que não havia um responsável direto pela gestão desses contatos, mas as decisões surgiam organicamente entre reuniões e grupos de trabalho formados conforme a necessidade – do administrativo à comunicação dos perfis nas redes sociais. Inclusive, a própria criação do grupo de *WhatsApp* não foi algo coordenado, mas uma ação espontânea de um jovem que depois disso nunca mais se envolveu com o movimento. Reproduzimos aqui o relato de uma das entrevistadas, que soube da existência do movimento através de um colega que atuava em uma ONG brasileira que focava na formação de jovens lideranças, o Engajamundo:

Quando eu entrei no Engajamundo foi bem na época que o pessoal tava indo pra COP 24, na Polônia. Eu lembro que a Paloma Costa postou uma foto dela, com um menino chamado Daniel, e com a Greta. E eles falavam que estavam fazendo greve com aquela menina, que ela estava se mobilizando na Europa. Enfim, naquela época a Greta era pouquíssima conhecida a nível mundial, né? Aí eu falei caramba, a Greta existe, aí eu dei uma pesquisada. (Nayara Almeida, 2022. Entrevista feita pela autora)

A administração geral no grupo de *WhatsApp* contribuiu para a formação de coletivos locais nas cidades e nos Estados, já que era através do grupo nacional que os

novos participantes podiam encontrar mais ativistas na sua mesma região e assim organizar ações em conjunto fora das redes sociais. A vontade de se mobilizar e “fazer coisas”, inspiradas no que Greta Thunberg estava fazendo na Suécia, apareceu presente na fala de entrevistados antes de saberem da existência de um movimento já consolidado.

A organização do movimento foi em um primeiro momento dispersa e não-linear, pela maneira como várias iniciativas simultâneas surgiram em lugares diferentes do país, se nomeando como *Fridays for Future*, sem que uma tivesse ciência da outra. O grupo de *WhatsApp*, assim, contribuiu para convergir essas iniciativas em um grupo maior, de alcance nacional, que recebeu o nome de *Fridays for Future* Brasil em acordo com vários de seus participantes, ao mesmo tempo em que esse grupo maior serviu para que pessoas, sozinhas, e interessadas em agir, pudessem também se conectar com iniciativas em suas próprias regiões.

Como explicou uma das entrevistadas: "é mais vantajoso para a gente hoje em dia compor o *Fridays* para a gente conseguir contato nacionalmente com outros grupos de jovens que também tem o mesmo objetivo que a gente" (Betina Gorsch, 2022. Entrevista pela autora). Ou seja, mesmo que as visões das iniciativas sejam diferentes, os próprios participantes compreendem o benefício de estarem conectados a uma rede maior.

Nossa pesquisa identificou 44 perfis ativos no *Instagram* que se apresentam como núcleos do *Fridays for Future* baseados no Brasil, conforme organizado na Tabela 1. A pesquisa foi feita a partir do navegador de busca da própria ferramenta, usando palavras-chave combinadas, tais como *Fridays for Future*, *Greve Global*, *Jovens* e *Clima*. Os perfis sem publicações públicas não foram considerados. Organizações sociais e projetos privados que mencionam iniciativas de jovens e meio ambiente e que não apresentavam nenhum conteúdo sobre o *Fridays for Future*, também não foram contemplados, embora encontramos uma série de iniciativas, inclusive de partidos políticos. Como tira-teima, consultamos no perfil do *Fridays for Future* Brasil os perfis que a página estava seguindo, entendendo que iniciativas adjacentes ao movimento e que fossem reconhecidas pelo mesmo, estariam na lista de perfis seguidos. Também optamos por documentar na tabela somente as iniciativas com ao menos um post publicado, configurando assim algum tipo de atividade ou mobilização, ainda que temporária.

**Tabela 1: Relação de perfis do Instagram de grupos brasileiros ligados ao Fridays for Future.**

Instagram profile	Group's name	City / State	Date of first post
@fridaysforfuturebrasil	Greve Global pelo Clima	-	10/03/2019
@fridaysforfutureRJ	Jovens Pelo Clima RJ	Rio de Janeiro / RJ	12/07/2019
@sextaspelofuturoBH	Sextas pelo Futuro BH	Belo Horizonte / MG	06/03/2019
@grevepeloclimasanca	Greve Pelo Clima - São Carlos	São Carlos / SP	09/06/2019
@fridaysforfuture.pocosdecaldas	jovens pelo clima 🌍	Poços de Caldas / MG	03/08/2019
@fridaysforfutureguarujá	Greve Pelo Clima Guarujá	Guarujá / SP	21/08/2019
@jovenspeloclimasp	Jovens Pelo Clima   SP	São Paulo / SP	20/09/2019
@grevepeloclimaudi	Greve Pelo Clima Uberlândia	Uberlândia / MG	28/09/2019
@grevepeloclima_peruibe	Bruno Lima	Peruíbe /SP	06/09/2019
@fff.rioclaro	Rio Claro pelo clima	Rio Claro / SP	19/02/2020
@fridaysforfuturevr	Jovens Pelo Clima V. Redonda	Volta redonda / RJ	17/05/2020
@fridaysforfuture.jf	Jovens Pelo Clima Juiz de Fora	Juiz de Fora / MG	24/03/2022
@fridaysforfutureminasgerais	Greve Pelo Clima Minas Gerais	MG	30/12/2019
@fridaysforfuture_campeche	Greve pelo clima	Floripa / SC	08/04/2019
@fridaysforfuture_londrina	Greve pelo clima Londrina, PR	Londrina / PR	30/06/2019
@fridaysforfuture.pg	Jovens pelo Clima - PG	Ponta Grossa / PR	08/07/2019
@fridaysforfuture.curitiba	Greve Pelo Clima Curitiba	Curitiba / PR	08/08/2019
@ffbr.portoalegre	Greve Pelo Clima - POA	Porto Alegre / RS	04/09/2019
@ecopeloclima	Eco Pelo Clima	RS	04/03/2020
@fridaysforfuturefloripa	Movimento pelo Clima Floripa	Floripa / SC	02/06/2020
@araucariaspeloclima	RESISTA COMO UMA ARAUCÁRIA	PR	03/03/2021
@jovenspeloclimabsb	Jovens pelo Clima Brasília	Brasília / GO	17/04/2019
@fridaysforfuturego	Jovens Pelo Clima GO	GO	22/08/2019
@ffbr.go	Greve pelo Clima - Goiás	GO	30/03/2020
@ffceara	Jovens pelo Clima • Ceará	CE	22/04/2019
@fridaysforfuturessa	Jovens pelo clima Salvador	Salvador / BA	26/07/2019
@ffmossoro	Fridays For Future Mossoró	Mossoró / RN	21/08/2019
@grevepeloclimafsa	Greve pelo clima Feira	Feira de Santana / BA	08/02/2020

@jovenspeloclimaa	Jovens pelo Clima BR	São Luís / MA	14/04/2020
@fridaysforfuturearacaju	Greve Climática Aracaju	Aracaju / SE	22/06/2020
@coletivojovem_mossoro	Coletivo Jovem Mossoró	Mossoró / RN	13/07/2020
@fffestreito	Fridays For Future Estreito	Estreito / MA	15/01/2021
@fridaysforfutureparaiba	Fridays for future Paraiba	PB	26/02/2021
@nordestepeloclima	Nordeste Pelo Clima	-	01/10/2021
@fridaysforfuture_pa	Greve Pelo Clima Pará	PA	23/08/2019
@fridaysforfuturemao	Greve Pelo Clima Manaus	Manaus / AM	08/09/2019
@grevepeloclimabelem	Greve Global pelo Clima	Belém / PA	11/09/2019
@jovenspelo futuroamazonia	Jovens Pelo Futuro Amazônia	-	24/01/2020
@jovenspelo futuroxingu	Jovens Pelo Futuro Xingu	Altamira / PA	19/03/2021
@familiaspeloclima	Famílias Pelo Clima	-	19/05/2019
@fridaysforfuturemapa	MAPA	-	16/10/2020
@aldeiaspeloclima	Aldeias Pelo Clima LATAM	-	03/09/2021
@jovenspeloclimasjc	Jovens Pelo Clima SJC	São José dos Campos / SP	01/10/2021
@fffsdl	FFF Suporte e Desenv. Local	-	22/04 /2021

### Fonte: Elaborado pela autora

Em alguns casos, não foi possível identificar a cidade ou Estado de atuação do grupo, como é o caso de coletivos organizados em torno de coalizões. Esses são exemplos de iniciativas que atuam em grande parte online, reunindo participantes de diversas cidades de uma mesma região para discutir problemas específicos. É o caso de iniciativas como Jovens pelo Futuro Amazônia que reúne participantes que residem no bioma amazônico, que contempla nove Estados brasileiros.

Observamos, a partir dessa coleta, que há uma variação de nomes que se referem ao mesmo movimento, e que também se reconhecem enquanto iniciativas distintas. Muitas dessas iniciativas adotaram em seus nomes versões em português. Tal decisão sugere uma escolha consciente desses jovens em adaptar a narrativa do movimento e, sobretudo, revela uma certa compreensão e reflexão crítica do contexto socioeconômico em um país em que apenas 5% da população fala inglês<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Para mais informações sobre o assunto, é possível acessar o link disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles-5-dominam-idioma-6239142> Acesso em 08 Jul 2023.

Isso é um dos indícios, a nosso ver, de um primeiro distanciamento conceitual do movimento que acontecia em países do Norte Global, além de um entendimento da necessidade de abordar a pauta climática de maneira diferente daquela que estava sendo praticada por ativistas europeus. Podemos associar essas ideias a partir de dois relatos diferentes, um de Kenai, de Altamira, e Renata, de Porto Alegre:

Eu lembro que teve esse diálogo da gente mudar o nome, pra facilitar o entendimento da população. Como acontece ainda no (Fridays for Future) nacional, eles estão adotando cada dia mais o nome Greve pelo Clima pra facilitar o entendimento do pessoal. Uma frase em inglês é mais difícil pra população entender e memorizar o nome. (Kenai, 2022. Entrevista pela autora)

A gente não pode simplesmente jogar para essas pessoas um nome em inglês, né? Esse nome não me diz nada, Fridays for Future não me diz nada. (Renata Padilha, 2022. Entrevista pela autora)

Também observamos uma grande variação na identidade visual dos grupos registrados. Como mencionado anteriormente, o *Fridays for Future* tem uma prática de compartilhamento de guias e materiais no seu website (*fridaysforfuture.org*), onde participantes podem fazer o download de templates e fontes do movimento para serem aplicados nas iniciativas locais que podem surgir a partir do interesse dos participantes. Ainda que símbolos oficiais, como a imagem do planeta Terra, fossem mantidos em grande parte, observamos que muitos optaram por adaptar seus logotipos, conforme apresentado na Figura 7.

Cerca de 40 cidades participaram dos protestos do *Fridays for Future* no Brasil em setembro de 2019. Em articulação com outros movimentos e organizações ambientais brasileiras como o Greenpeace, SOS Amazônia, 350.org, Anistia Internacional, a narrativa das greves pelo clima se vincularam mais ao contexto brasileiro, reforçando campanhas de *advocacy* em parte já existentes, como o combate ao desmatamento, expulsão do garimpo de áreas protegidas, proteção dos povos indígenas e denúncias do desmantelamento das instituições ambientais.

Retomemos no tempo, para resgatar o que se passava no Brasil em relação às políticas ambientais. Era o ano de 2019, e o ex-presidente Jair Bolsonaro colecionava uma série de declarações que sinalizava a escolha política de redução na fiscalização de áreas protegidas e consequente aumento do desmatamento na Amazônia. Também protagonizava campanhas de desinformação que contestavam dados científicos produzidos pela ciência e por órgãos fiscalizadores.

Nesse contexto, Bolsonaro exonerou o chefe do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) alegando que os dados produzidos pelo órgão, que indicavam aumento de 88% do desmatamento da Amazônia comparado a 2018, estariam equivocados<sup>32</sup>. A medida causou fortes críticas e eventuais protestos. De modo semelhante, o presidente condenou publicamente a atuação de ONGs na região, alegando que estariam envolvidas com os crimes ambientais em benefício de interesses estrangeiros<sup>33</sup>.

Tais episódios aconteceram em um período conturbado conhecido como o Dia do Fogo, o qual produtores rurais combinaram incêndios florestais coordenados. As narrativas dos protestos, nesse sentido, respondiam a esse contexto, em busca de um diálogo com tais acontecimentos. Um exemplo disso, é o vínculo de jovens ativistas do *Fridays for Future* com protestos como o Fora Bolsonaro. Uma das entrevistadas nos relata o contexto da sua chegada ao movimento: "Eu comecei a ir nesses atos Fora Bolsonaro e eu com uma outra amiga minha tentamos fazer alguma coisa meio que na pegada dos Jovens pelo Clima. Só que a gente não sabia que o Jovens pelo Clima existia. Aí por coincidência, eu encontrei os Jovens pelo Clima." (Betina Gorsch, 2022. Entrevista pela autora)

---

<sup>32</sup> Para mais informações sobre o assunto acessar link disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/02/politica/1564759880\\_243772.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/02/politica/1564759880_243772.html) Acesso em 08 Jul 2023.

<sup>33</sup> Para mais informações sobre o assunto acessar link disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/bolsonaro-diz-que-ongs-podem-estar-por-tras-de-queimadas-na-amazonia-para-chamar-atencao-contra-o-governo.ghtml> Acesso em 08 Jul 2023.

Figura 7 - Logotipos usados por iniciativas vinculadas ao Fridays for Future no Brasil



Fonte: Coleta em páginas do *Instagram*

Em 2020, por sua vez, a pandemia da covid-19 impediu os protestos nas ruas devido às medidas de distanciamento social. Como alternativa, o *Fridays for Future* passou a realizar as greves digitais pelo clima, que aconteciam *online* com ações nas redes sociais através da *hashtag* *#DigitalClimateStrike*. Como podemos ver na Figura 7, novas iniciativas também começaram a ser criadas. As ações *online* adaptaram as narrativas dos protestos para o contexto da pandemia buscando visibilizar a ausência de políticas públicas e críticas às medidas de saúde do governo. O próprio ex-presidente Bolsonaro, chegou a referir-se à covid-19 como uma "gripezinha", dando margem para uma flexibilização do isolamento social e a necessidade de vacinação da população.

Respondendo a esse contexto, o *Fridays for Future* Brasil realizou campanhas como a SOS Amazônia, um *crowdfunding* que arrecadou 1 milhão de reais, revertidos em doações

de alimentos e itens de higiene para comunidades tradicionais na região amazônica, que estariam sendo as mais negligenciadas.

A campanha teve grande repercussão internacional, com a divulgação da própria Greta Thunberg que doou a quantia de 600 mil reais, arrecadados a partir de um prêmio que ela recebeu em Portugal. Em um vídeo de divulgação da campanha, que circulou entre *Instagram, Facebook, Whatsapp, Youtube, newsletters*, ativistas do *Fridays for Future* do mundo todo, incluindo Greta, se reúnem em um mesmo vídeo editado de forma caseira onde cada um lê uma frase de um mesmo manifesto: "Ontem, pedimos ajuda aos líderes globais. Hoje precisamos da sua ajuda. Os povos tradicionais da Amazônia e a floresta precisam da sua ajuda"<sup>34</sup>

A imagem de Greta participando da campanha, nesse sentido, funcionou como um chamariz midiático para que a campanha alavancasse mais visualizações e consequentes doações. Podemos pensar, nesse sentido, que o próprio movimento reconhece o impacto da imagem da jovem sueca e integrá-la em ações é benéfico para o seu impulsionamento. A doação de Greta para a campanha repercutiu em diversos veículos.<sup>35</sup>

O *Fridays for Future* Brasil realiza com frequência dinâmicas para o ingresso de novos participantes. Essas ações são divulgadas como reuniões introdutórias para novos membros e são anunciadas nos canais do movimento. Em encontros por videochamadas são partilhadas a missão, visão e frentes de ação em andamento do movimento em jograis onde os ativistas se revezam para falar e tirar dúvidas.

De acordo com a região, os novos participantes são direcionados a grupos regionais, locais, ou grupos de trabalho (como de comunicação), e possuem um tipo de veterano, o qual apelidam de “amiguinhos”, responsáveis em um primeiro momento por dar instruções ou dicas de como os novatos podem atuar, mantendo assim um vínculo entre novas e velhas gerações – lembrando que, o grupo é limitado a jovens com até 30 anos. Depois de atingir essa idade, os participantes são convidados a se direcionar a outros grupos, como o “Famílias pelo Clima”.

Em seu *website*, essa iniciativa se define como um grupo formado por "pais, avós, tios, padrinhos e todos os que apoiam nossas crianças e jovens em suas demandas por um futuro climático seguro"<sup>36</sup>. Há, nesse sentido, uma continuidade das ações entre as gerações

<sup>34</sup> Para mais informações acessar o link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdQR1qN0RU4>

<sup>35</sup> Para mais informações acessar o link disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/21/interna-brasil,873880/ativista-greta-thunberg-doa-premio-a-defesa-da-amazonia-brasileira.shtml>

<sup>36</sup> Para mais informações acessar o link disponível em: <https://familiaspeloclima.org/>

de jovens, sinalizando assim diferentes momentos do movimento e sua eventual transformação, sem perder o rastro das ações anteriores.

Podemos conectar essa prática com a lógica da ação coletiva, vista no capítulo 2. Nela, Bennett e Segerberg (2012) remetem ao processo de construção de uma identidade coletiva como uma ação que demanda engajamento e consistência por meio da educação e socialização, algo que só é possível de se estabelecer a longo prazo: “à nível individual, a lógica da ação coletiva enfatiza o papel das relações e conexões de redes sociais como pré-condições informais para uma mobilização mais centralizada” (Benett e Segerberg, 2012, p. 751).<sup>37</sup>

#### 4.2 Núcleos locais do Fridays for Future Brasil

A seguir, focamos em 3 iniciativas distintas que surgem como núcleos regionais do *Fridays for Future* Brasil de forma a compreender em mais profundidade as diferenças e modos de atuação entre elas: Jovens pelo Futuro Xingu (Pará), Eco pelo Clima (Porto Alegre) e Jovens pelo Clima Brasília (Distrito Federal).

Nosso recorte se deu a partir do mapeamento feito pela Tabela 1, como por indicativos da "relevância" dessas iniciativas. Podemos tomar como exemplo da relevância escolhida, a maneira como o perfil do *Fridays for Future Brasil* replica conteúdos produzidos por essas iniciativas e seus integrantes em seus *feeds e stories*. Também chegamos na escolha dessas iniciativas por indicações dos próprios ativistas com quem encontramos e conversamos.

A título de exemplo, soubemos da iniciativa Eco Pelo Clima através de uma participante do Jovens pelo Clima Brasília que indicou pessoas ativas no movimento nacional desde o começo. Entendemos, assim, que a rede de afinidades e a legitimidade dada pelos próprios participantes também pode ser um indicativo de relevância, muitas vezes, até mais do que o indicativo quantitativo, como o número de seguidores em um perfil do *Instagram*. Esse critério, inclusive, escolhemos não utilizar, justamente por compreender as dinâmicas das plataformas, amplamente abordadas no capítulo anterior, e a construção da relevância calculada pelos algoritmos para privilegiar certos conteúdos e usuários em detrimento de outros.

---

<sup>37</sup> No original: "on the individual level, collective action logic emphasizes the role of social network relationships and connections as informal preconditions for more centralized mobilization"

Nesse sentido, as três iniciativas listadas abaixo estão localizadas em biomas distintos (Amazônia, Cerrado e Pampa) enquanto estratégia de escuta das diferentes perspectivas do problema climático no território brasileiro e diferentes modelos de atuação a partir de pautas ambientais geograficamente distintas, além de seus repertórios e competências midiáticas – uma referência ao conceito em inglês, *media literacies* – que será melhor explorada no próximo capítulo.

#### 4.2.1 Jovens pelo Futuro Xingu

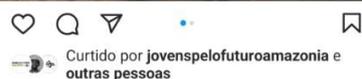
O Jovens pelo Futuro Xingu (JPF Xingu) é um grupo que atua na cidade de Altamira no sudoeste do Estado do Pará, região Norte. O grupo nasceu em 2021, durante a pandemia da Covid-19, como um núcleo local do *Fridays for Future* Brasil e foi fundado por Gabriel dos Santos, conhecido como Kenai, que já participava do *Fridays for Future* desde 2019. Durante a pandemia, Kenai e seus amigos publicaram uma foto na qual ele segura um cartaz feito com uma folha gigante de taioba, planta tropical nativa da América do Sul. Na superfície da folha, escreveu em tinta branca “Xingu Livre” e as *hashtags* #ChegadePromessasVazias #NoEmptyPromisses, tanto em português como em inglês.

A campanha Chega de Promessas Vazias (*No More Empty Promisses*), era o tema das greves pelo clima que aconteceram entre março e maio de 2021. As ações nas ruas só aconteceram em alguns países que começavam a sair do *lockdown* e os protocolos distanciamento social começavam a ser flexibilizados permitindo que algumas ações acontecessem nas ruas, em especial em países da Europa e dos Estados Unidos – algo que ainda não tinha acontecido no Brasil. Os protestos eram uma reação ao evento *Leaders Summit on Climate*, um evento liderado por Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, que reuniu lideranças de países – em especial, as nações mais poluentes – para apresentar seus planos de mitigação das emissões, em preparação para a Conferência das Partes.

O cartaz de Kenai integrava a onda de protestos digitais de ativistas, que recheavam as timelines com selfies e cartazes com diversas frases, exemplos que ilustramos anteriormente, na Figura 5. A foto com a folha de taioba ganhou boa repercussão e circulou em diversos perfis que deram destaque à figura de Kenai e sua criatividade. A seguir apresentamos três momentos distintos em que a foto do seu protesto circulou, que ilustram certa dinâmica viral.

Momento 1: no perfil do próprio ativista, @kenaisant, no dia 19 de março de 2021, quando o jovem publica seu retrato com o cartaz; Momento 2: no mesmo dia, a mesma imagem é projetada em uma ação de videomapping e ativista urbano realizada pelo coletivo @mostratuarte, de Belém do Pará, que projetava diariamente imagens relevantes e atuais em empenas de prédios durante a pandemia; Momento 3: a foto de Kenai integra uma composição feita pelo perfil do @fridaysforfuturebrasil em 20 de março de 2021, reunindo imagens de *selfies* com protestos virtuais de diferentes ativistas em lugares diferentes do Brasil.

## Momento 1



Curtido por **jovenspelofuturoamazonia e outras pessoas**

**kenaisant** Xingu livre! A Volta grande do Xingu é uma área com mais de 100 km de extensão, duas terras indígenas, mais de 200 famílias ribeirinhas e com uma das maiores biodiversidades do mundo, hoje tem sua sobrevivência ameaçada, o rio já não corre mais livre há anos, e agora estão com mais um projeto de ECOCÍDIO chamado "Hidrograma de consenso", Belo Monte, a gigante hidrelétrica, que em sua construção desalojou mais de 20.000 pessoas, vem novamente com um projeto de destruição para a região, mesmo sem qualquer tipo de pesquisa positiva que comprove que isso será minimamente sustentável, pelo contrário todas as pesquisas mostram que esse seria a declaração de morte para a região, mas mesmo assim o governo Bolsonaro deu autorização de por o hidrograma em teste, estavam pendentes a aprovação do IBAMA e após anos pressionando o instituto finalmente conseguem o licenciamento necessário, esse hidrograma irá liberar um volume de água SETE VEZES menor do que o estipulado pelo IBAMA anteriormente e NOVE VEZES menor que o volume natural do rio. O rio agora funcionaria com 1.600m³, número extremamente pequeno e que não garante a manutenção da vida na região. É um projeto de morte, um projeto de ecocídio e estamos aqui pra falar que "a boiada" não vai passar! lutamos hoje pela preservação para que amanhã tenhamos um

## Momento 2



Curtido por **jovenspelofuturoamazonia e outras pessoas**

**jovenspelofuturoxingu** FOMOS PARAR EM BELÉM!

@mostratuarte

@nagoloiamuanda muitossimos obrgd 🥰❤️

Ver todos os 3 comentários

**jovenspelofuturoxingu** @fffamazonia 🥰🥰🥰

**fridaysforfuturebrasil** #XinguLivre 🥰🥰

Há 114 semanas · Ver tradução

## Momento 3



Curtido por **nosmarcelorocha e outras pessoas**

**fridaysforfuturebrasil** · Ontem, dia 19/03, diversos ativistas do Brasil e do mundo aderiram à nossa #, e entoaram em uma só voz que estamos cansados de promessas vazias.

• Nossa luta não para, vamos continuar cobrando das autoridades para que cumpram com suas promessas, para que defendam nosso futuro, para que lutem pelo o que é justo. Nossa luta não é apenas no dia 19/03. Mas este dia, importante para todos nós, marca o momento em que dizemos com todas as letras que não aceitaremos mais, que não vamos deixar que continuem explorando e destruindo nosso futuro, nossa voz, nossa luta. Não vamos nos calar, e em qualquer ponto do globo todos poderão nos ouvir gritando:  
#chegadepromessasvazias

#GrevePeloClima #NoModeemptypromises #fff #FridaysForFuture #SchoolStrike #ClimateStrike #Amazon #Brazil #Greve #GretaThunberg #Mundo

Ver todos os 33 comentários

**familiaspeloclima** Que lindo 🥰🥰🥰

**nat.altieri** 🥰🥰

Há 114 semanas · Ver tradução

Aproveitando a visibilidade, Kenai começou a postar fotos de uma ação que estava realizando com amigos em sua cidade natal, justamente no rio Xingu, o qual se referia no seu cartaz viral. Segundo o relato do jovem, houve um aumento significativo da poluição do rio durante a pandemia, resultado do aumento do consumo de plástico de uso único, e na redução da coleta de lixo por parte do município. Navegando em um caiaque, Kenai e uma amiga passaram a retirar o lixo das águas por conta própria e registraram a ação como uma atividade vinculada ao *Fridays for Future*, repetindo a *hashtag* #XinguLivre. Perfis de outros grupos locais do *Fridays for Future* começaram a replicá-lo como um gesto inspirador, incentivando sua multiplicação.

A partir das imagens, as pessoas começaram a entrar em contato e perguntar como podiam ajudar, perguntavam se eu era de alguma organização. Aí veio essa primeira demanda pela existência de um coletivo que trabalhasse com voluntariado e com causas ambientais aqui na região. (Kenai, 2022. Entrevista pela autora)

O Jovens pelo Futuro Xingu se distancia da identidade visual do *Fridays for Future*, substituindo o planeta Terra verde por um símbolo de um peixe listrado – o Acari Zebra – uma espécie que habita as águas do Xingu e corre risco de extinção, conforme exposto na Figura 7. O mesmo símbolo é usado pelo Jovens pelo Futuro Amazônia, uma coalizão que reúne ativistas e coletivos da região amazônica. Kenai explica a organização desses núcleos da seguinte forma:

A gente tem várias instâncias de organização. A gente tem um movimento nacional, a gente tem os movimentos regionais, como é o caso do Nordeste pelo Clima. E aqui na região Norte ele se chama Jovens pelo Futuro Amazônia. Agora ele meio que se afastou do Fridays por alguns motivos e começou a integrar como se fosse a rede Jovens pelo Futuro. A gente até pretende se lançar como organização. Mas a gente é muito parceiro e conta como núcleo também do Fridays até hoje. (Kenai, 2022. Entrevista pela autora)

O Jovens pelo Futuro Xingu reúne cerca de 27 membros ativos, além de voluntários que se somam a ações pontuais. As idades variam entre 14 e 25 anos, a maioria estudantes de escolas públicas e universidades federais de Altamira. O grupo tem sua própria sede, em uma sala cedida pela Paróquia da cidade, a qual dividem com outro coletivo de juventudes. O grupo foca sua atuação local, fora das redes, nos reassentamentos urbanos coletivos (RUC) na cidade. Esses bairros periféricos surgiram como forma de realocar comunidades que viviam nas áreas que foram ocupadas pela criação da Usina de Belo Monte, entre comunidades tradicionais, indígenas e ribeirinhos: "percebe-se uma mudança na forma de expansão da malha urbana da cidade, que ao invés de ser nos arredores dos rios, agora

ocorre em direção às áreas onde se localizam as florestas". (Carvalho, Amaral e Herrera, 2019, p.102)

Em um contexto local de violência urbana e desigualdade social, que permeia o território das RUCs, o Jovens pelo Futuro Xingu passou a se organizar em duas frentes: a primeira, em ações educativas que advogam pela educação climática, em especial no currículo escolar, em especial trazendo um resgate da memória sobre a história de Altamira e os impactos de grandes empreendimentos, como a própria Usina. A segunda é pela realização de ações diretas para melhorias da vida da população, como a distribuição de alimentos para famílias, realização de mutirões de limpeza e oficinas como segurança digital e ativismo. As formações, por exemplo, costumam contar com o apoio de organizações como a SOS Amazônia, o projeto Maré Tá Pra Juventudes, focado na capacitação de jovens comunicadores, e Ashoka Brasil, voltados para o empreendedorismo social. Esta última, Kenai atua como Jovem Transformador.

No perfil do *Instagram*, o Jovens pelo Futuro Xingu @jovenspelofuturoxingu reúne 1.262 seguidores (dados coletados em fevereiro de 2023). O perfil foca em compartilhar conteúdos vinculados às ações que realizam, trazendo também pautas de conscientização para o debate. No formato de *Reels*, o grupo produz vídeos curtos e na vertical, com temas que variam do Acordo de Paris a denúncias de grilagem na região amazônica, como cobertura de ações como mutirões e campanhas pelo termo de compromisso climático nas eleições.

#### **4.2.2 Eco pelo Clima**

O Eco pelo Clima é um grupo que reúne ativistas do *Fridays for Future* no Estado do Rio Grande do Sul, foi fundado por Renata Padilha em 2020, quando ela começou a ir sozinha à uma praça do centro de Pelotas com uma placa: "Vamos falar sobre mudanças climáticas". Renata, naquela época, tinha 24 anos e era estudante de Relações Internacionais em Pelotas, e seus interesses orbitavam entre o Acordo de Paris e os objetivos de desenvolvimento da ONU, a partir do recorte de gênero, temas que já atuava através da iniciação científica e tinha interesse em desenvolver profissionalmente. Além disso, ela também atuava como voluntária na organização 350.org.

Padilha viu as movimentações das greves globais pelo clima nas redes sociais, quis fazer algo semelhante ao que Greta Thunberg estava fazendo, sem saber que já existia um movimento no Brasil:

Eu fiz uma plaquinha 'vamos falar sobre mudanças climáticas', e fui pra frente da maior praça lá de Pelotas. Três semanas depois, o meu colega Jonathan sentou ali comigo, ele não me conhecia, ele me viu nas redes sociais e falou 'vamos fazer isso juntos'. Era ainda Fridays for Future Pelotas que a gente chamava, e depois dessas três semanas um colega meu, o Daniel, que já fazia parte do Fridays Brasil disse: 'Renata, existe isso aqui (Fridays for Future), vamos colar junto, vamos trabalhar juntos'. (Renata Padilha, 2022. Entrevista pela autora)

Renata entrou no grupo de *WhatsApp* nacional se nomeando como um núcleo regional representando a cidade de Pelotas para reunir mais integrantes. Depois foi expandindo o grupo para uma dimensão estadual, reunindo mais cidades do Rio Grande do Sul:

Cada vez mais as pessoas entravam pro Fridays pelo formulário, né? As pessoas queriam se organizar no Rio Grande do Sul mas não sabiam como. Aí a gente falou 'entra aqui no nosso grupo, a gente te ajuda a tocar (ações) aí na tua cidade'. Depois a gente se juntou com as pessoas de Porto Alegre, que era um núcleo que não estava ativo, e a gente chamou o pessoal: vamos todo mundo como Eco pelo Clima. (Renata Padilha, 2022. Entrevista pela autora)

O Eco pelo Clima, de modo semelhante ao Jovens pelo Futuro Xingu, também escolheu adaptar seu nome e identidade visual. Seu logotipo simboliza um planeta verde derretendo, com ondas sonoras ecoando, que pode ser visto na Figura 7. Atualmente, o Eco pelo Clima reúne mais de 30 jovens em 15 cidades do Rio Grande do Sul, entre as ações, o grupo mobiliza campanhas de *advocacy*, cobrando de governantes e agentes políticos mais participação das juventudes na construção de políticas climáticas. Para isso, participam de conselhos, plenárias e audiências públicas e marcam encontros recorrentes com representantes.

Em setembro de 2021, o Eco pelo Clima ficou conhecido por realizar uma campanha de pressão popular para que a cidade de São Sepé decretasse emergência climática. Tal medida visava assegurar a proteção da cidade, erguida em território indígena guarani, e que sofre os impactos da indústria do carvão. Entre eles, o projeto Mina Guaíba que pretendia minerar carvão a céu aberto, próximo de áreas urbanas sem a consulta da população<sup>38</sup>. De acordo com Renata, em entrevista para a imprensa: "a gente vê que ainda há governantes

<sup>38</sup> Para mais informações acessar o link disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/projeto-de-maior-mina-de-carv%C3%A3o-a-c%C3%A9u-aberto-do-pa%C3%ADs-no-rio-grande-do-sul-divide-opini%C3%B5es-1.355064> Acesso em 08 Jul 2023.

que acreditam na lógica colonial de extrair o carvão, exportar tudo e deixar para a comunidade só os problemas de saúde e as migalhas do lucro das mineradoras"<sup>39</sup>.

Figura 8 - Greve pelo clima na cidade de São Sepé.



Fonte: Prefeitura de São Sepé

Reunindo 500 habitantes em uma cidade com média de 20 mil habitantes, a greve do Eco pelo Clima se aliou ao movimento São Sepé Sustentável, que já tinha uma atuação na região, a 350.org e o prefeito João Luiz Vargas (PDT), responsável por assinar um decreto declarando o compromisso com a transição energética limpa na construção de políticas ambientais para a cidade. São Sepé foi a segunda cidade brasileira a decretar emergência climática. A Mina Guaíba, nessa toada, não conseguiu as licenças necessárias para operar no município e o projeto foi arquivado provisoriamente.<sup>40</sup>

A visibilidade que o Eco pelo Clima conquistou foi reconhecida internacionalmente, e sendo estudo de caso para outros países. Renata Padilha foi uma das finalistas do *Global Youth Citizens da Youth Assembly* e levou sua história para Nova York. Além disso, Renata também representa o Eco pelo Clima em diversos eventos que abordam o protagonismo das

<sup>39</sup> Para mais informações acessar o link disponível em: <https://www.saosepe.rs.gov.br/cerca-de-500-jovens-marcham-pelo-clima-em-sao-sepe/#:~:text=A%20participa%C3%A7%C3%A3o%20no%20clube%20global,apoio%20t%C3%A9cnico%20da%20350.org> Acesso em 08 Jul 2023.

<sup>40</sup> Para mais informações acessar o link disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/03/15/projeto-da-mina-guaiba-na-regiao-metropolitana-de-porto-alegre-e-arquivado-pela-fepam.ghtml> Acesso em 08 Jul 2023.

juventudes. Quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, ela estava em uma viagem de trabalho em Vitória, no Espírito Santo, para participar do Festival Movimento Cidade como palestrante em um projeto chamado *Geração Reels do Futuro*. O evento reunia outras lideranças climáticas e pretendia capacitar jovens criativos do país a pensar em soluções e ideias para um mundo sustentável, inspiradas nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU) utilizando a linguagem audiovisual através da plataforma do *Instagram*: "a gente vai contar a nossa história no ativismo pra inspirar outros jovens a serem ativistas socioambientais também através da tecnologia. Então vai ter todo um processo onde o pessoal vai aprender a usar as redes sociais para fazer ativismo" (Renata Padilha, 2022. Entrevista pela autora).

#### 4.2.3 Jovens pelo Clima Brasília

O Jovens pelo Clima Brasília (JPC Brasília) atua na capital brasileira, no Distrito Federal, e se consolidou como um dos principais núcleos do *Fridays for Future* no Brasil reunindo cerca de 158 integrantes. O JPC Brasília foi um dos primeiros movimentos a protestar e repercutir na imprensa com uma greve de jovens em frente ao Congresso Nacional, em março de 2019. Num primeiro momento, o grupo nasceu desvinculado ao *Fridays for Future*, ainda que interessado em fazer ações semelhantes a de Greta Thunberg em Brasília. Como relatou uma das participantes, era "mais vantajoso compor o *Fridays for Future* para conseguir contato com outros grupos de jovens no país com os mesmos objetivos" (Betina Gorsch, 2022. Entrevista pela autora).

Diferente do Eco pelo Clima e o Jovens pelo Futuro Xingu, que são iniciativas menores, o Jovens pelo Clima Brasília se consolidou como movimento semelhante ao que seria um movimento estudantil, reunindo, em grande parte, estudantes universitários ainda que muitos ainda estejam no Ensino Médio, como é o caso de Betina. O grupo possui um *website* próprio onde reúne seus eixos de atuação: engajamento e empoderamento jovem através de redes de aprendizagem; fiscalização política e participação democrática em nível federal e distrital através de audiências públicas, reuniões com parlamentares e advocacy; educação e conscientização socioambiental através das redes sociais e de palestras, lives, rodas de conversa e idas a escolas; e promoção de projetos práticos locais e de mobilização coletiva em protestos, intervenções e mutirões ([jovenspeloclima.org](http://jovenspeloclima.org)). Para manter essas atividades, o grupo tem uma campanha de *crowdfunding* recorrente na plataforma Apoia.se com doações a partir de 2 reais.

A atuação do grupo teve maior visibilidade em 2019, não apenas com as greves, mas com uma ação performática realizada por um de seus integrantes, Ian Coelho, na época com 16 anos. Em outubro de 2019, o jovem invadiu uma sessão na Câmara dos Deputados e entregou ao ex-ministro Ricardo Salles o prêmio Exterminador do Futuro. O troféu, criado pelo ativista Mundano, representava a figura de Salles, de terno e gravata, carregando uma motosserra em cima de um tronco de uma árvore cortada. A imagem foi fotografada pela imprensa e repercutiu: “é o prêmio que o Ministro tanto merece, que se esforçou muito pra conseguir”. A frase foi dita por Ian no momento da entrega e documentada em vários vídeos que repercutiram a cena<sup>41</sup>:

Quando conseguiram me tirar da mesa, me encaminharam até a saída da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Depois de ter saído, não fui repreendido e nem interrogado, fiquei no hall da entrada do Anexo 2 da Câmara conversando com alguns colegas. Quando achei oportuno, fui para a parada de ônibus ao lado do STF (Supremo Tribunal Federal), peguei meu ônibus e voltei para escola ainda a tempo de assistir a uma aula de História. (Ian Coelho, 2022. Entrevista para o Greenpeace<sup>42</sup>)

A ideia de entregar títulos sarcásticos para representantes do meio ambiente, não é algo novo, mas uma prática que está na história de movimentos ambientais. O Greenpeace, por exemplo, criou o prêmio Motoserra de Ouro, que já foi entregue a outras lideranças como Kátia Abreu e Blairo Maggi. No contexto da performance de Ian, o ex-ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, colecionava uma série de ações que sugeriam de fato um plano em curso para "exterminar o futuro". Entre seus feitos, defendia publicamente a regularização de terras griladas, incentivando a mineração e exploração de áreas protegidas tais como terras indígenas. Seu mandato teve recorde de desmatamento e incêndios florestais, sinônimo para perda da biodiversidade e maior emissão de gases de efeito estufa. Durante a pandemia, em abril de 2021, um áudio seu foi vazado em uma reunião ministerial, onde ele sugere aproveitar a atenção voltada para a covid-19 para "passar a boiada"<sup>43</sup>, aprovando decretos e flexibilizando leis ambientais a favor do agronegócio.

---

<sup>41</sup> Para mais informações sobre o assunto, acessar link disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eLdEsg0ag9Y&t=23s> Acesso em 08 Jul 2023.

<sup>42</sup> Para mais informações sobre o assunto, acessar link disponível em <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/os-bastidores-da-entrega-do-premio-exterminador-do-futuro-a-ricardo-salles/> Acesso em 08 Jul 2023.

<sup>43</sup> Para mais informações sobre o assunto, acessar link disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml> Acesso em 08 Jul 2023.

Figura 9 - Ian Coelho na entrega do Prêmio Exterminador do Futuro ao ministro Ricardo Salles



Fonte: Greenpeace

Na mesma toada, o ex-ministro apresentou uma nova meta climática em resposta ao Acordo de Paris em dezembro 2022, logo após o fim da COP26. O acordo, assinado pelas Partes em 2015, sinalizava um compromisso dos governos nacionais em manter o aquecimento médio global abaixo de 2°C e se esforçar para limitá-lo a 1,5°C até o fim do século. O documento de atualização das metas brasileiras, sob mandato de Bolsonaro e gestão de Salles, não aumentou a ambição das metas, como também não assumiu o compromisso de zerar o desmatamento até 2030. Apelidada pela imprensa como uma "pedalada climática", a manobra consistiu em uma mudança da base de cálculos alterando o ano de referência, algo que foi visto negativamente pela comunidade internacional por não mostrar a consciência e responsabilidade do governo para um problema global. Um grupo de jovens ativistas, entre eles ativistas do *Fridays for Future*, processaram o governo brasileiro por inação climática através de uma ação popular<sup>44</sup>.

Nesse sentido, a performance de Ian condiz com as práticas do JPC Brasília, que buscam também atuar na interferência de leis ambientais no âmbito federal. Nas últimas greves pelo clima, em setembro de 2022, o grupo optou por não seguir a narrativa construída pelo movimento global do *Fridays for Future* e preferiu focar em uma campanha de eleições, que acontecia na mesma época. O Vote pelo Clima foi uma mobilização do JPC

<sup>44</sup> Para mais informações sobre o assunto, acessar link disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/04/14/jovens-processam-governo-por-pedalada-climatica-e-pedem-anulacao-de-meta-brasileira-no-acordo-de-paris.ghtml> Acesso em 08 Jul 2023.

Brasília para visibilizar e apoiar candidaturas verdes: "a gente tem esse propósito de reunir todas as candidaturas que têm pautas com os ecossistemas, pautas que são positivas para o meio ambiente e vamos apoiar elas, divulgando, enfim, fazendo uma campanha em relação a isso" (Betina Gorsch, 2022. Entrevista pela autora).

Ainda assim, o grupo se entende como apartidário e defende uma agenda ecossocialista. Se reúne regularmente para discutir textos, livros e vídeos funcionando também como grupo de estudos. Entre as referências, citam influenciadores digitais que discutem o tema e a pauta climática a partir da agenda anticapitalista, com canais como o de Sabrina Fernandes (Tese Onze) e da filósofa e apresentadora drag Rita Von Hunty (Tempero Drag). Esses são exemplos de comunicadoras que influenciam no conteúdo produzido pelo grupo.

## 5. TRANSMIDIALIDADE NO ATIVISMO PELO CLIMA

Atuar fora dos limites impostos pela infraestrutura das plataformas requer dos movimentos sociais a manutenção de suas redes de solidariedade para além das redes sociais. Tais ideias foram levantadas por Figueiredo (2020) e abordadas no capítulo 2, assim como a reflexão sobre os limites impostos pelos públicos calculados discutidos a partir de boyd (2010), construídos pela governança algorítmica, e que trazem implicações na construção das coletividades que não estão ancoradas no interesse comercial dessas plataformas.

No capítulo anterior, evidenciamos como as diferentes iniciativas que integram um mesmo movimento, o *Fridays for Future* Brasil, apontam para uma multiplicidade de atuações que evidenciam a pauta climática, tendo as TICs como principais ferramentas de organização dessas ações. Ao mesmo tempo, tais iniciativas também estão articuladas a seus contextos e territórios locais de forma *offline*, e evidenciam uma pauta comum através de distintas perspectivas. Podemos considerar, nesse sentido, não apenas uma única forma de usar uma mídia, mas justamente um ecossistema de mídias.

De acordo com Caren, Andrew e Lu (2020), um ambiente midiático híbrido abrange tanto as novas mídias digitais como as mídias mais tradicionais, portanto está em constante transformação visto que as tecnologias estão sempre por apresentar novos recursos para a criação e circulação da informação. Os movimentos sociais moldam e são moldados por esse ecossistema, em que a diversidade de estratégias mira a sobrevivência e alcance de seus objetivos. Os ativistas usam as redes sociais para costurar suas ações, esabelecidas em camadas e conexões com outros meios de comunicação: "uma mobilização requer produção, curadoria, e uma integração dinâmica para trazer coerência às atividades e narrativas de um movimento" (Caren, Andrew e Lu, 2020, p. 05)<sup>45</sup>.

Nesse sentido, remetemos a transmidialidade como modelo possível de ação comunicativa baseada no atravessamento entre as plataformas, conectando o *online e offline*, a partir das narrativas criadas por esses movimentos e seus participantes. A transmídia, de modo geral, refere-se a prática comunicativa de contar histórias ou transmitir informações através de diferentes plataformas de mídia. Neste capítulo, nos debruçamos sobre o conceito de transmídia a partir de uma revisão bibliográfica que a aborda enquanto estratégia discursiva aplicada na prática ativista. Conforme será elaborado, compreendemos a

---

<sup>45</sup> No original: "mobilization requires production, curation, and dynamic integration to bring coherence to the movement's arguments and activities".

transmídia como uma chave possível de compreensão da prática ativista do movimento *Fridays for Future* Brasil, descrita até então, a qual as narrativas dos participantes fluem entre formatos e plataformas, trazendo conscientização e engajamento de públicos para a pauta climática a partir de diferentes pontos de vista.

### 5.1 Transmídia e transmidialidades: conceitos e aplicações

O termo transmídia foi empregado por Marsha Kinder na década de 90 para se referir à expansão multiplataformas do conteúdo midiático, em especial, a partir da observação de como as marcas daquela época se desdobravam entre mídias e produtos. Posteriormente, Jenkins (2007) levou o termo para o contexto digital, referindo-se às narrativas que são dispersas em diferentes canais, proporcionando uma experiência coordenada e unificada. O autor define a transmídia da seguinte maneira:

Transmedia storytelling represents a process where integral elements of a fiction get dispersed systematically across multiple delivery channels for the purpose of creating **a unified and coordinated entertainment experience**. Ideally, each medium makes its own unique contribution to the unfolding of the story. (Jenkins, 2007)<sup>46</sup>

Por experiência coordenada e unificada, Jenkins (2007) refere-se à criação de universos (*world building*), que na narrativa transmídia substitui os enredos fechados e personagens pré definidos. Podemos tomar como exemplo bastante popular o caso de franquias audiovisuais como a Marvel ou DC. Esses produtos se tornaram marcas autônomas, que expandem seu sucesso de bilheteria para produtos correlatos, como livros, roupas, games, ou mesmo se apropriam do conteúdo dos fãs para gerar novos produtos, sequências, *fics*, sem deixar de lembrar que todos derivam, inicialmente, de uma história em quadrinhos. Freeman (2016), nesse sentido, vai descrever a narrativa transmídia como "um sistema que serve para construir variação na semelhança, a partir de três características: construção de personagens, construção de mundo e autoria" (Freeman, 2016, p.09)<sup>47</sup>.

O universo transmídia, na realidade, existe muito antes da cultura de massa, a qual Jenkins (2007) toma como fundamento. Entre exemplos, Bertetti (2018) cita o universo

---

<sup>46</sup> "A narrativa transmídia representa um processo no qual elementos essenciais de uma ficção são dispersos sistematicamente por múltiplos canais com o objetivo de criar **uma experiência de entretenimento unificada e coordenada**. Idealmente, cada meio contribui de forma única para o desenvolvimento da história" Tradução nossa. Extraído de citação no blog do próprio autor, disponível em: [http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia\\_storytelling\\_101.html](http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia_storytelling_101.html) Acesso em 08 Jul 2023.

<sup>47</sup> No original: "as a system that serves to build variation **on sameness**, one that seems to have the following three characteristics: character-building, world-building, and authorship"

transmídia de Frank L. Baum em *O Mágico de Oz*, uma série de novelas lançada na década de 1900 que mais tarde se transformou em musical, o qual foi promovido usando de estratégias *cross-promotion* com ações em livros infantis, histórias em quadrinho, cartões postais, e assim por diante.

Em outro caso, Pearson (2018) toma as histórias bíblicas como potenciais exemplos de universos transmídia que existem muito antes da cultura de massa. Estas produzem uma experiência imersiva de diferentes públicos, inclusive não letrados, através de diferentes formatos tais como texto, drama, narrativas orais, artes visuais, entre outros. De modo geral, a percepção da existência da transmídia em formas mais antigas de produção midiática nos permite compreendê-la como um sistema dinâmico e fluido, que faz parte da nossa maneira de se comunicar em sociedade:

if we consider transmedia storytelling as an experience characterized by the expansion of the narrative through different media and, in many cases, by the participation of the users in that expansion, then we could say that this is not a new phenomenon. (Scolari, Bertetti, and Freeman, 2014)<sup>48</sup>

Para Freeman e Gambarato (2018), por sua vez, a transmídia passa a ser entendida como tal, quando conteúdos antes restritos às mídias de massa, como o cinema e a televisão, passaram também a ser vivenciados através das redes sociais. Podemos tomar como exemplo o conteúdo produzido por influenciadores digitais, que criam seus próprios modelos de negócio a partir de um conjunto de produtos midiáticos, tais como web séries e reality shows, que cultivam uma audiência e retiram a centralidade da televisão enquanto único modelo de mídia que se apropriou desse formato de entretenimento. Mais atualmente, o ramo dos influenciadores se expande para diversas áreas de conhecimento e consumo, quando estes também passam a assinar linhas de produtos que compõem um certo universo daquilo que promovem – sendo uma causa, uma ideia ou um estilo de vida.

Podemos pensar, justamente, em como a pauta climática se tornou tema ou *lifestyle* promovido por influenciadores digitais. Os eco-influenciadores, termo popular adotado pela grande mídia, cultivam comunidades de seguidores adaptando o *storytelling* da causa ambiental a seus estilos de vida pessoais. Constitui-se assim, o que Cornelio, Andèvol e Martorell (2021) chamaram de uma eco-esfera, "onde o ativismo ambiental, o mercado

---

<sup>48</sup> "Se considerarmos a narrativa transmídia como uma experiência caracterizada pela expansão da história por meio de diferentes mídias e, em muitos casos, pela participação dos usuários nessa expansão, então poderíamos dizer que isso não é um fenômeno novo". Tradução nossa.

sustentável e dicas para um estilo de vida mais sustentável são hibridizados" (Cornelio, Andèvol e Martorell, 2021, p.02).

Nesse sentido, podemos considerar que dentro do universo transmídia da eco-esfera, os conteúdos midiáticos que são promovidos por esses influenciadores se tornam táticas para a mudança social, em que as imagens criadas operam como motor para a ação. Entre exemplos, pautas como veganismo e consumo sustentável são bastante comuns entre eco-influenciadores, justamente pela mudança de hábitos ser manifestada na escolha de produtos mais alinhados a suas visões de mundo.

Por essência, o universo da transmidialidade demanda a colaboração de diversos segmentos que passam a contribuir com o todo, ao mesmo tempo em que atuam de maneira independente. Em outras palavras, a totalidade desse sistema complexo acontece “na mente dos indivíduos na medida em que podem ser estabelecidas conexões entre os elementos da cultura da mídia” (Martino, 2014, p. 35).

Tal mecanismo articulado da transmidialidade possibilita a propagação e a expansão da informação de forma que o “enunciatório cumpre o papel de coletor de pistas e aponta para um tipo de engajamento ativo” (Sousa, 2016, p. 250). Se retomamos o caso das franquias de filmes de heróis, embora independentes, cada filme possui rastros dos filmes anteriores, de forma que o legítimo fã é capaz de colher as pistas deixadas pelos produtores, ao mesmo tempo que, um mero espectador desavisado da complexidade desse mundo de heróis, é capaz de acessar seu universo sem a necessidade de conhecimento prévio.

o prefixo trans- traz consigo o sentido de atravessamento, de transporte, que podemos compreender como um deslocamento entre diferentes espaços. Nas narrativas transmidiáticas, esses espaços podem ser a televisão, a internet, o espaço da casa onde se faz uma filmagem que possivelmente possa integrar um dos capítulos de novela, o espaço do próprio corpo do sujeito, suporte de camisas e fantasias de personagens em cujos universos os fãs buscam habitar. (Sousa, 2016, p.249)

Os elementos paratextuais vão atravessar a narrativa transmídia criando novos textos e significados os quais os associamos por conta própria. Bertetti (2018) relembra que, para Jenkins (2007), há um conflito posto entre coerência e multiplicidade, entendendo que a criação de universos transmídia, sobretudo em projetos e franquias de entretenimento, deve pressupor o risco da perda de controle do objetivo inicial, justamente por essa combinação de paratextos gerar potenciais outros significados, muitos deles não previstos pelo conjunto de autores iniciais.

Nesse sentido, mais que um universo coerente, a prática da transmídia implica na multiplicação de experiências que criem uma grande experiência imersiva, que reforça um "mundo" recorrente em termos de narrativas ou personagens, e estas, devem ser reconhecidas pelo público: "as long as expansion does not overstep certain limits, audiences are elastic and tend to accept development patterns and variations" (Bertteti, 2018, p.265).

## 5.2 Transmídia e ativismos

Ainda que a criação de universos opere melhor em narrativas ficcionais, a transmidialidade vem sendo adotada na prática do jornalismo, *marketing* – e também na prática ativista. Nesses casos, visto que o universo em questão é a própria realidade e não um conteúdo ficcional como abordado até então (baseado em personagens e enredos), cabe à transmidialidade a tarefa de sistematização desse universo por meio da criação de significados coordenados. De modo geral, no ativismo transmídia, cada texto opera como um intertexto para todos os outros, e nenhum dos significados produzidos é inteiramente independente do significado dos outros.

Se a transmídia se sustenta por uma combinação da produção de conteúdo entre diferentes plataformas e mídias, Costanza-Chock (2014) sugere que os movimentos sociais sempre se organizaram transmidiaticamente. Isso porque a narrativa de luta dos movimentos se dilui em diversos formatos vinculados a suas ações: de cartazes a músicas de protesto, passando por discursos de seus participantes como ações coletivas – performáticas e lúdicas – em espaços públicos. Todos esses formatos configuram um ecossistema, que conecta seus significados a uma causa em questão. Essa cultura transmidiática, contudo, se torna mais evidente no ambiente das plataformas, visto que sua infraestrutura permite a atuação simultânea de vários agentes em rede, formando *clusters* que convergem públicos e conteúdos midiáticos.

O termo organização transmídia, nesse sentido, é empregado pela autora para se referir a um “*mash-up*” entre conceitos da narrativa transmídia e dos estudos dos movimentos sociais. (Constanza-Chock, 2014). De acordo com Constanza-Chock (2014), o que torna uma organização transmídia é sua capacidade de se espalhar amplamente pela ação dos participantes e da audiência, reduzindo as barreiras de entrada e acesso a determinada causa social. A descrição do que seria uma organização transmídia é posto pela autora da seguinte forma:

Transmedia organizing includes the creation of a narrative of social transformation across multiple media platforms, involving the movement's base in participatory media making, and linking attention directly to concrete opportunities for action. (Constanza-Chock, 2014, p.50)<sup>49</sup>

Assim, o conceito de organização transmídia marca uma mudança significativa no entendimento da organização de um movimento social a partir do papel de seus comunicadores. Isso porque a criação de conteúdos deixa de se limitar à autoria do próprio movimento, enquanto uma unidade consolidada e hierárquica e passa a se manifestar através de uma comunicação dinâmica, baseada na agregação, curadoria, remixagem e circulação de conteúdos produzidos pelos seus integrantes e pela audiência. A diluição da voz de um movimento social em múltiplas vozes resulta, assim, em uma consciência ampliada do significado do movimento, e especificamente, da causa a ser defendida.

De modo semelhante, a ativista e estrategista Lina Srivastava definiu como *ativismo transmídia* a maneira como o ativismo pode criar impacto social através da produção de narrativas criadas por diferentes atores sociais em diferentes mídias. Em entrevista a Henry Jenkins, em 2016, ela diz que "a transmídia tem a vantagem de permitir que as pessoas transitem por múltiplos pontos de entrada e de imersão, ambas chaves essenciais para permitir múltiplas narrativas e complexidades"<sup>50</sup>. Srivastava, nesse sentido, conecta o modo de fazer da narrativa transmídia, voltada para o entretenimento, com a possibilidade de engajamento e conscientização de públicos mais amplos para determinada causa social.

Tomemos como exemplo um dos projetos assinados por Srivastava, de título *Who is Dayani Cristal?* (2013), que consistiu no lançamento de um filme somado a uma campanha de *advocacy* voltada aos direitos de imigrantes na fronteira entre os Estados Unidos e México. O filme, premiado pelo Festival Sundance, apresenta a história real de um homem que é encontrado morto no deserto do Arizona. Estrelado pelo ator mexicano Gael García Bernal, a produção fílmica busca sensibilizar e humanizar a figura de imigrantes ilegais que permanecem no anonimato nos Estados Unidos, em especial, as diversas pessoas que tentam atravessar a fronteira entre os países e desaparecem na região desértica, conhecida como "corredor da morte".

---

<sup>49</sup> "A organização transmídia inclui a criação de uma narrativa de transformação social em múltiplas plataformas de mídia, envolvendo a base do movimento na produção participativa de mídia e vinculando a atenção a oportunidades concretas de ação". Tradução nossa.

<sup>50</sup> No original: "transmedia has the advantage of allowing for people to travel among multiple entry points and for immersion, both of which are key in allowing for multiple narratives and for complexity". Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2016/01/telling-stories-lina-srivastava-talks-about-transmedia-activism-part-one.html> Acesso em 08 Jul 2023.

Paralelamente ao filme, uma página com a campanha foi lançada reunindo depoimentos de pessoas reais que contavam suas histórias, próximas daquela protagonizada pelo ator, além de seções onde o público podia se envolver mais com a temática, fazendo download de relatórios produzidos por ONGs, assim como reportando o desaparecimento de pessoas no deserto do Arizona. Esse universo traduzido em diversas maneiras de se relacionar com a pauta da imigração busca produzir uma experiência imersiva para engajar um público amplo em um mesmo esforço: garantir que histórias como Dayani Cristal jamais se repitam.

Constanza-Chock (2014), no entanto, ressalta as diferenças entre o ativismo transmídia de que fala Lina Srivastava com a ideia de organização transmídia. Enquanto o ativismo transmídia busca reproduzir as estratégias da narrativa transmídia existentes no entretenimento e do consumo baseado na grande indústria cinematográfica, a organização transmídia se dá enquanto estratégia de construção de uma identidade coletiva que parte dos próprios movimentos sociais e não dos produtores de mídia, centralizando nas competências comunicativas de seus participantes, em grande parte, utilizando de recursos de fácil acesso.

While the end goal of corporate transmedia storytelling is to generate profits, the end goal of transmedia organizing is to strengthen social movement identity, win political and economic victories, and transform the consciousness of broader publics. (Constanza-Chock, 2014, p. 50)<sup>51</sup>.

De modo geral, uma organização transmídia sugere uma reformulação na organização de movimentos sociais, uma vez que a produção da narrativa surge de dinâmicas de baixo para cima (*bottom-up*). Como exemplo, em seu livro *Out of Shadows, Into the Streets*, Constanza-Chock analisou a organização transmídia presente no movimento pelos direitos migratórios, que resultou em um dos maiores protestos nos Estados Unidos, em 2006, voltado para a pauta da imigração.

Esse movimento saiu das sombras da ilegalidade para as ruas, reivindicando mais segurança nos regulamentos para imigrantes nos EUA. De acordo com a autora, a produção de conteúdo nas redes sociais se tornou mais forte justamente porque seus participantes precisaram narrar suas histórias por conta própria, já que a mídia norte-americana trazia uma visão pejorativa das manifestações, determinando a comunidade imigrante como perigosa, por ser ilegal.

---

<sup>51</sup> "Enquanto o objetivo final da narrativa transmídia corporativa é gerar lucros, o objetivo final da organização transmídia é fortalecer a identidade do movimento social, obter vitórias políticas e econômicas e transformar a consciência de públicos mais amplos". Tradução nossa.

Do outro lado, a mídia hispânica, supostamente aliada desses imigrantes por cumprir o papel de mídia comunitária, era constantemente usada como veículo que idealizava a vida dos imigrantes, trazendo apenas perspectivas positivas e deixando de lado as demandas reais da comunidade naquele momento.

Os participantes, diante desse contexto, precisaram construir sua própria narrativa já que não encontravam representação em outros espaços. Sem uma liderança formal que centralizasse e organizasse essa narrativa, os participantes passaram a ser os principais eixos de atenção, sendo representantes de um movimento feito de muitas vozes a partir do uso das TICs para produzir e circular suas histórias.

Para Hancox (2018), as histórias ocupam um papel importante no trabalho dos movimentos sociais e das organizações pois estas dão significado às experiências. Se a experiência dos indivíduos é o que está na base da justiça social, as pessoas e suas histórias estão no centro da justiça social e, para alcançá-la, os ativistas precisam sensibilizar e nos conectar com nossa humanidade compartilhada" (Hancox, 2018, p.339)<sup>52</sup>. A ideia de autoria, nesse sentido, é colocada em cheque pela narrativa transmídia de maneira harmoniosa e benéfica para os movimentos sociais interessados em ampliar seu alcance e visibilidade. Um ativismo transmídia eficaz deve se fragmentar em múltiplas narrativas que se dispersem em histórias, sensibilizando públicos – tanto locais quanto globais.

The capacity of transmedia to allow makers to tailor stories for specific audiences and platforms means that effective communication moves beyond concepts of plot and structure, and encompass more ephemeral and emotive languages of aesthetics and mood. (Hancox, 2018, p. 334)<sup>53</sup>

Diante do exposto, o que torna um ativismo transmídia é sua capacidade de se espalhar amplamente a partir de seus participantes e da audiência, reduzindo as barreiras para o acesso a determinado assunto. Nesse sentido, a transmídia enquanto sistema comunicativo constrói uma variação de *sameness* – traduzido aqui em uma causa comum a ser defendida.

As ideias presentes em Constanza-Chock (2014) e Hancox (2018) nos remetem ao nosso próprio objeto. Como dissertado em capítulos anteriores, o modo de organização do

<sup>52</sup> No original: “people and their stories are at the core of social justice and to achieve that activists need to touch and connect with our shared humanity”

<sup>53</sup> "A capacidade da transmídia de permitir que os criadores adaptem histórias para públicos e plataformas específicas significa que a comunicação eficaz vai além dos conceitos de enredo e estrutura, abrangendo linguagens estéticas e de humor mais efêmeras e emotivas". Tradução nossa.

*Fridays for Future* enquanto movimento global, no contexto brasileiro ganha novos sentidos e fragmentações expressas na forma de núcleos regionais e iniciativas locais que vão abordar a pauta climática cada uma a sua maneira, utilizando de diferentes recursos e estratégias atreladas a seus contextos, ao mesmo tempo em que estão imbricados a um movimento maior, que contribui para multiplicar a atuação de seus iniciativas, constituindo-se assim um universo de lutas associados à pauta climática – algo muito semelhante ao que Jenkins entende como a construção de universos da narrativa transmídia.

Para Han e Ahn (2020), as mudanças climáticas não são apenas um evento físico externo aos atores que confrontam o problema. Trata-se de um acontecimento que é experienciado, interpretado e socialmente construído através de atividades discursivas e novos arranjos sociais. De acordo com as autoras, as pessoas podem compreender o significado das mudanças climáticas por meio de narrativas, e suas percepções sobre essas narrativas variam de acordo com as estruturas comunicativas empregadas.

Morton (2018), por sua vez, costuma dizer que para entender a complexidade do aquecimento global, é necessário pensá-lo como um ‘hiperobjeto’, um fato conceitual tão grande e complexo que não pode ser compreendido na sua totalidade. A dificuldade de compreensão humana acerca das mudanças climáticas estaria, dentro da concepção de Morton (2018), associada a nossa própria ideia de mundo. Dessa maneira, as soluções para o problema climático estariam condicionadas a essa visão limitada do olhar humano sobre o mundo. Danowski (2012) traz uma definição clara sobre este conceito:

Hiperobjetos são um tipo relativamente novo de objetos que, segundo Morton, desafiam a percepção que temos (ou que o senso comum tem) do tempo e do espaço, porque estão distribuídos de tal maneira pelo globo terrestre que não podem ser apreendidos diretamente por nós, ou então que duram ou produzem efeitos cuja duração extravasa enormemente a escala da vida humana conhecida (DANOWSKI, 2012, p.02)

Para Danowski (2012), é aí que reside o negacionismo, que conforme abordado no capítulo 1, contribui ativamente para impedir um avanço das soluções globais para a mitigação do problema, já que tais soluções exigem uma cooperação internacional que abrange diferentes camadas da sociedade e um planejamento temporal que extrapola o próprio tempo da democracia. Podemos pensar, diante do exposto, que os jovens que se organizam em movimentos indicam uma necessidade de maior participação na construção, tanto das narrativas como potenciais soluções.

Em especial, as iniciativas as quais mostramos, trazendo recortes específicos do problema, apontam para demandas concretas que não envolvem apenas uma percepção do conflito climático como conflito intratável (Carril, 2015), mas como questão transversal que abrange problemas sociais, como a desigualdade, o racismo ambiental e a justiça climática como discussões centrais que devem estar atreladas às soluções que estão em disputa. Nesse sentido, as iniciativas apresentadas do *Fridays for Future*, e seus modos de existir, nas redes online e *offline*, buscam experimentar na prática, visões de mundo as quais estes jovens se reconhecem.

Ao longo desta pesquisa vimos, por exemplo, como jovens brasileiros se posicionaram diante das "pedaladas climáticas", com a criação de uma ação popular para processar o governo brasileiro no âmbito jurídico. Paralelamente, vimos outras ações que buscam transformação concreta com atividades na linha de frente dos conflitos diários nos territórios, como é o caso das ações de mutirões de limpezas dos rios e de educação climática nas escolas e bairros de Altamira. Também vimos como projetos de exploração de carvão por empresas privadas também são contestados pelas juventudes, que se aliam a organizações sociais e prefeitura para impedir a continuidade de projetos que vão trazer prejuízos para a vida de toda a população.

Tais ações se conectam pois fazem parte de um mesmo esforço do *Fridays for Future*. Ainda que a organização do movimento não possa ser considerada centralizada, já que as ações acontecem simultâneas e por agentes independentes, sua coordenação ganha forma pela comunicação em rede. Os canais de comunicação do movimento conectam essas ações na forma de conteúdo midiático, e no ambiente das redes, em plataformas como o *Instagram*, transitam, se sobrepõem e se cruzam criando sentidos e significados coordenados sobre a existência de um movimento global.

São *stories*, postagens, matérias de imprensa, lives, entre outros formatos que criam seus próprios cruzamentos e paratextos a partir da audiência, posta pelos próprios participantes como por outros usuários que conectam a pauta climática a esse universo discursivo e transmídia que constitui um universo de lutas. Nesse sentido as juventudes "adotaram a linguagem da justiça para tornar a mudança climática uma questão importante e revelaram o fracasso e a inação do sistema existente" (Han and Ahn, 2020, p. 02)<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> No original: "youth have adopted the language of justice to make climate change a salient issue and to reveal the failure and inaction of the existing establishment, including political leaders and fossil fuel companies"

### 5.3 *Transmedia literacies, competências transmídia*

Concluimos nossa pesquisa trazendo uma contextualização teórica da comunicação transmídia a partir de uma reflexão mais ampla das chamadas *media literacies*. Ao longo da pesquisa, propomos uma discussão das práticas ativistas do *Fridays for Future* e como essas se situam no contexto da plataformização, com as TICs sendo empregadas para a organização e difusão do movimento, ainda que sua expansão e alcance fique condicionada à política do código estabelecida por essas infraestruturas. Por sua vez, ao olhar para a recepção do movimento no Brasil, compreendemos uma nova camada desse modelo de organização, em grande parte pautado por uma comunicação que evidencia perspectivas locais tornando-se assim múltiplas as estratégias presentes no movimento, que não toma uma única campanha ou demanda, mas um conjunto de ações necessárias para a justiça social em um contexto de crise climática.

A comunicação se tornou onipresente nos espaços sociais contemporâneos e com isso, olhamos para as TICs para além de sua instrumentalidade, e sim como contribuição no desenvolvimento sensível e cognitivo em relação a percepção, produção e apropriação da cultura. O que antes se pautava na difusão do modelo *broadcast* (um-para-muitos), é substituído pela conexão em rede (de muitos para muitos), trazendo mudanças significativas no ecossistema midiático. Propomos, dessa maneira, que as práticas ativistas do *Fridays for Future* podem se associar a uma discussão mais ampla sobre espaços de aprendizagem informais baseados nas TICs e que podem trazer competências significativas para a participação social.

As plataformas digitais criaram novos modelos participativos que possibilitam que cidadãos expressem suas angústias, preocupações e vontades através da produção e circulação midiática. Jenkins (2009) aponta que a transição da distribuição para circulação acontece num primeiro momento com a chegada da web 2.0, motivando o público a participar da construção e da customização de serviços e mensagens, em vez de esperar que as empresas lhes apresentem experiências prontas para serem consumidas. Nessa nova tendência cultural, os papéis de consumidor e cidadão se misturam pelo uso cotidiano das mídias sociais, fazendo com que todas as esferas da vida se conectem em uma linha do tempo infinita.

Bem-vindo à cultura da convergência, onde velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. A cultura da convergência é o futuro, mas está sendo moldada hoje. (Jenkins, 2009, p. 343)

A cultura participativa, nesse sentido, é resultante do processo de convergência na qual a circulação dos conteúdos midiáticos depende de uma participação ativa dos consumidores, que também se envolvem na etapa da produção. A convergência das mídias se torna uma tendência cultural na qual os usuários não mais recebem passivamente, mas buscam e conectam a informação dispersa em diversas mídias produzindo significado coletivo com outros usuários conectados a interesses em comum.

Tal ideia está imbricada às discussões das *media literacies*, que podem ser entendidos como novas competências que nascem das relações entre a Internet e a representação do conhecimento, possibilitando que as pessoas adquiram habilidades para navegar de forma crítica e responsável por esse ambiente de mídias e plataformas. Na prática, a *media literacy* lida com um novo conjunto de conteúdos interativos e as capacidades tecno-sociais que surgem da experiência com eles.

Podemos elencar, assim, competências midiáticas que aparentemente parecem banais, mas que foram aprendidas tal como aprendemos a ler e escrever: a navegação na web, a coleta de informações em sites de busca, a capacidade de tirar, editar e compartilhar fotos, gerenciar diferentes níveis de comunicação, construir uma identidade ou persona em um ambiente virtual, assistir a uma série da web ou gerenciar a privacidade e sua identidade pessoal em plataformas *online* (Scolari, 2020). Essas competências são somadas a habilidades ainda mais recentes como: ler um mapa de geolocalização, fazer uma transferência bancária por PIX, substituindo assim as formas com que estávamos habituados a pagar por produtos ou serviços ou a se localizar.

Nos últimos anos, diversos conceitos foram desenvolvidos e apresentados para designar novas formas de *literacia* conforme as tecnologias se transformaram, tais como "*new media literaries*", "*digital literacies*", "*internet literacies*", e assim por diante. Optamos, em nosso caso, tratar das *media literacies* a partir de Martino e Menezes (2012).

Segundo os autores, a tradução ou adaptação do termo para o português como "letramento" ou "alfabetização" não dá conta da complexidade das possibilidades de significado do termo e suas origens. Sobretudo, a ideia de letrar-se ou alfabetizar-se enquanto gesto introdutório restringiria os *literacies* "a uma postura redutora no sentido de preparar o indivíduo para lidar com os meios de comunicação em um sentido instrumental, vendo-os como uma ferramenta a ser utilizada – quando não, como uma ameaça potencial" (Martino e Menezes, 2012, p.12).

Nesse sentido, em entrevista, Scolari (2018) atenta que "não existem *nativos digitais*, o que realmente existe é uma topografia bem variada e distribuída de forma bastante

irregular na qual essas competências estão dispostas" (Scolari, 2018, p. 131). Para se referir a esses usuários com repertórios distintos, o autor se refere aos *prossumidores* (*prossumers*) como "sujeitos que, em maior ou menor medida, produzem ou contribuem para os conteúdos de mídia circularem nas redes sociais" (Scolari, 2018, p.131).

Uma outra adaptação possível do termo – a qual nos identificamos mais – traduz a ideia de *literacy* como competência. Seu significado remete ao desenvolvimento de articulações entre indivíduos e meios de comunicação para uma "meta-compreensão" dessas articulações. A mídia, diante do exposto, passa a ser entendida como parte do contexto do indivíduo, e não como instrumento:

A noção de competência midiática, nesse caso, apontaria para essa direção crítica de um ambiente midiático no qual as mídias – um plural etimologicamente incorreto, note-se – se articulam com as experiências do “mundo da vida” vinculando-se a outras dimensões mas sem, de modo algum, perder de vista a singularidade múltipla de cada existência". (Martino e Menezes, 2012, p. 13)

Remetemos a maneira pelas quais jovens evidenciam essas competências em suas vidas cotidianas e como passam a adentrar as esferas da vida. Basta pensar no espaço que ocupam o *Google e Youtube* na vida de estudantes que se utilizam dessas ferramentas por conta própria, com mais eficácia do que as escolas efetivamente conseguem integrá-las no currículo.

Nesse sentido, Scolari (2018) aponta que a escola não acompanhou a revolução digital na velocidade necessária e não incorporou as TICs na mesma velocidade de outros setores da sociedade. Lista assim, as chamadas estratégias de aprendizado informais, que ocupam uma posição central na vida dos jovens: "informal learning is not a new set of skills or a static pedagogical field: it is a bottom-up, dynamic, complex phenomenon that emerges outside of traditional learning institutions." (Scolari, 2018, p. 323)<sup>55</sup>

Scolari (2018) propõe o termo *transmedia literacy*, ou competência transmídia, para referir-se a novas práticas e processos que surgem no contexto da convergência e da cultura participativa e que emergem dos espaços de aprendizagem informais. O termo é empregado como uma alternativa às novas nomenclaturas para as *literacies* citadas, embora o objetivo central seja contextualizar de maneira mais geral as tecnologias do século 21 e seus ecossistemas midiáticos híbridos. Mais do que nos perguntarmos como os jovens estão

---

<sup>55</sup> "A aprendizagem informal não se trata de um novo conjunto de habilidades ou um campo pedagógico estático: é um fenômeno de baixo pra cima, dinâmico e complexo que emerge fora das instituições tradicionais de ensino".

usando as TICs, Scolari propõe que pesquisas se debrucem em perguntas como, afinal, o que os jovens estão fazendo com a mídia digital?

Nossa pesquisa, desse modo, busca responder a essa demanda, olhando para a maneira como as TICs vêm sendo utilizadas para a construção de coletividades que se dão em ambientes alheios às instituições como a escola, o que nos aponta para os espaços de aprendizagem onde circulam e são experimentados outros modelos de participação social e construção coletiva: a própria prática ativista. Consideramos assim, o espaço dos movimentos sociais e do ativismo digital, espaços potenciais para aprendizados informais, através do compartilhamento de atividades distribuídas entre pessoas conectadas por um interesse em comum e pela vontade de agir.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ferramentas e recursos disponíveis nas plataformas digitais podem ser as mesmas para aqueles que têm acesso a elas, mas o modo de usá-las, e organizar mundos a partir delas, são distintas. Esta pesquisa evidencia essa discussão, trazendo um estudo atual sobre o uso das TICs e a construção de redes de solidariedade diante do colapso ecológico, abordando a interseção entre movimentos sociais, novas mídias e tecnologias digitais tendo como objeto de estudo o movimento *Fridays for Future*.

Ao longo da pesquisa, nosso foco se deu em observar, descrever e contextualizar os desdobramentos desse movimento global no Brasil. Situamos, assim, o *Fridays for Future* Brasil como um tipo de coletividade que se organiza nas plataformas a partir de um chamado global que parte de uma jovem de 15 anos, Greta Thunberg. "Nossa casa está em chamas", "ninguém é pequeno demais para fazer a diferença", "Não temos um planeta B". Esses são alguns dos principais chamados que repercutiram, se transformaram em palavras de ordem, cartazes, e levaram centenas de milhares de jovens às ruas.

O *Fridays for Future* Brasil surge inicialmente em um grupo de *WhatsApp* e se desdobra em mais de 40 iniciativas presentes em todas as regiões, de Norte a Sul do Brasil. Tais iniciativas utilizam das tecnologias da informação e da comunicação para produzir, organizar e circular suas ideias e reivindicações, compartilhando experiências em comum com jovens de outras regiões.

Ao mesmo tempo, visibilizam suas diferenças, dando protagonismo aos seus próprios problemas locais que revelam a multiplicidade de visões que surgem da pauta climática, vista como um problema interseccional e composto de muitas camadas e formas de agir. Seja em defesa das florestas e povos originários, por mais estrutura para a população das periferias, por políticas públicas de âmbito municipal e/ou federal que barrem a extração e exploração, por mais educação climática nas escolas, elaborando campanhas que denunciam violações de direitos, ou campanhas que arrecadam fundos para fazer mudanças na vida da população, e assim por diante. Tais iniciativas estabelecem uma comunicação distribuída em um ecossistema midiático híbrido de forma que o movimento *Fridays for Future* opera como uma plataforma para elevar diferentes discussões sobre justiça climática.

Embora o movimento no Brasil tenha se erguido a partir de ferramentas em comum com outros países, e em grande medida, sob monopólio e vigilância das *Big Techs* (como documentos em nuvem, formulários online, grupos de *WhatsApp* e Telegram, redes sociais

como o Instagram), o *Fridays for Future* Brasil passa a existir com autonomia, operando como um ecossistema de coletividades que sugerem outras epistemologias embasadas em saberes locais. Tal ideia fica evidente na maneira como os coletivos mapeados se distanciam da identidade visual do movimento *Fridays for Future* na Europa, traduzem seus nomes para o português e mudam as narrativas de suas greves e protestos de forma a se conectar cada vez mais à agenda socioambiental no Brasil.

Situamos, assim, a maneira de agir do movimento dentro daquilo que entendemos como estratégias transmídia. A transmídia é entendida como prática comunicativa a qual essas juventudes brasileiras estabelecem práticas cotidianas de apropriação das mídias para visibilizar e distribuir narrativas e perspectivas, ainda que continuem defendendo um interesse em comum. Se numa narrativa transmídia, cada texto em circulação é potencial ponto de acesso e engajamento para adentrar um universo discursivo, podemos considerar tais iniciativas e seus participantes como pontos de acesso para adentrar o universo de uma causa social, neste caso, evidenciando o direito à vida em um contexto de crise ecológica.

Alguns anos se passaram desde o primeiro chamado de Thunberg. Estamos no ano de 2023 e a jovem agora tem 20 anos de idade. Ela segue atuando como ativista embora o movimento *Fridays for Future* tenha perdido sua força – as últimas greves pelo clima não tiveram tanta repercussão como nos anos anteriores, e poucas matérias registram seus protestos. Compreendemos que movimentos em rede tendem a se desfazer mas a experiência pode ser levada adiante por seus participantes. No caso do Brasil, por exemplo, destacamos alguns desdobramentos significativos.

Em 2021, a ativista indígena Txai Suruí foi a voz escolhida para discursar na COP26, dando sequência ao discurso viral de Thunberg realizado no ano anterior. Suruí, por sua vez, optou por parafrasear uma música dos Racionais MC. Ao defender que os povos indígenas devem estar na linha de frente das decisões políticas sobre o futuro, ela diz uma estrofe da música *A vida é um desafio*: "É necessário acreditar sempre que o sonho é possível". Por sua vez, Paloma Costa, jovem ativista que esteve à frente das primeiras greves pelo clima, hoje é Conselheira Jovem do Secretário Geral da ONU, António Guterres, ao lado de outros jovens de outras partes do mundo. Entre suas principais pautas, está garantir que as juventudes da América do Sul tenham um papel ativo na tomada de decisões sobre a governança climática.

Ainda pensando na permanência e continuidade das ações dos coletivos mapeados e seus desdobramentos futuros, parte das atividades do Jovens pelo Clima Brasília têm como objetivo o apoio à candidaturas verdes, que podem formar as juventudes para escolher

melhor seus representantes, inclusive incentivando o surgimento de novas candidaturas aliadas aos interesses desses grupos.

Ainda que seja cedo para mensurar o impacto desse ativismo a longo prazo, é cabível pensar como esses jovens que participaram do movimento irão levar adiante as experiências vivenciadas no movimento. É nesse sentido que as competências transmídia (*transmedia literacies*) se referem a capacidade de utilizar as TICs mais do que somente ferramentas, mas como agência para a construção e organização coletiva. Os jovens, dessa maneira, estão lançando mão dessas competências para moldar futuros políticos os quais se consideram parte.

Essas reflexões abrem algumas possibilidades para a continuidade da presente pesquisa. Em especial, nos interessa situar as competências transmídia dessas juventudes brasileiras enquanto modo de agir associado a outras formas de conhecimento, olhares e experiências pautadas pelo Sul – ou pelos Suis, no plural, considerando a multiplicidade de iniciativas que foram mapeadas e que apontam para as diferentes maneiras de agir diante do problema climático. Esse modo de agir, não necessariamente, deve ser mesmo daqueles vivenciados por juventudes de outros países e regiões. Olhar com atenção para as multiplicidades das práticas comunicativas contribui para aquilo que entendemos como as epistemologias do Sul.

É sabido que o contexto da plataformização tende a produzir imaginários que podem cair em um falso universalismo digital, onde as ferramentas à disposição podem forjar uma sensação de igualdade, ao mesmo tempo em que grande parte das concepções digitais são construídas a partir de uma visão colonial e eurocêntrica. As competências transmídia, sobretudo as observadas nesta pesquisa, refletem dinâmicas que emergem de espaços de aprendizagem informais, como é o caso de coletivos formados por jovens que se reúnem em torno de interesses em comum, criam laços, e amizades para a vida.

Entre pensar globalmente e agir localmente, as iniciativas do *Fridays for Future* Brasil estão conectadas a uma plataforma, um movimento global, cujos interesses se encontram justamente na diversidade e multiplicidade e não pelo monopólio de uma única história possível e, portanto, uma única maneira de agir. Em depoimento para esta pesquisa, Samela Sateré Mawé disse: "nada por nós, sem nós". Defender um futuro comum passa por fundar espaços de decisão que contemplem as vozes daqueles que viverão os impactos das decisões que estão sendo tomadas no presente.

## REFERÊNCIAS

- BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. **The logic of connective action.** Information, Communication & Society, Volume 12, Issue 5, p. 739-768, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661>
- BOULIANNE, Shelley; LALANCETTE, Mireille; ILKIW, David. **School Strike 4 Climate: Social Media and the International Youth Protest on Climate Change.** Media and Communication, Volume 8, Issue 2, p.208-218, 2020.
- BOULIANNE, Shelley; OHME, Jakob. **Pathways to environmental activism in four countries: social media, environmental concern, and political efficacy.** Journal of Youth Studies, Volume 25, Issue 6, p.771-792, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13676261.2021.2011845>
- BOWMAN, Benjamin. **‘They don’t quite understand the importance of what we’re doing today’: the young people’s climate strikes as subaltern activism.** Sustainable Earth, Volume 3:16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s42055-020-00038-x>
- BOYD, Danah. **Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications.** In Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites, pp. 39-58, 2010.
- CARRIL, Luis Fernández. **La intratabilidad ideológica en la política internacional del cambio climático.** Andamios. - Revista de Investigación Social. 2015, Volume 12, n.29, p.49-71, 2015.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CAREN, Neal; et al. **Contemporary Social Movements in a Hybrid Media Environment.** Annual Review on Sociology, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-121919-054627>
- CARVALHO, G. B.; AMARAL, M. D. B., HERRERA J. A. **A reprodução urbana em Altamira-Pará: uma análise dos reassentamentos urbanos coletivos - 2016.** GEOGRAFIA (Londrina), 28(2), p.101–121, 2019. <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2019v28n2p101>
- CESARINO, Leticia. **Mundo do avesso: verdade e política na era digital.** São Paulo: UBU Editora, 2023.
- COSTANZA-CHOCK, Sasha. **Out of the Shadows, Into the Streets! Transmedia Organizing and the Immigrant Rights Movement.** Cambridge: The MIT Press, 2014.
- CORNELIO, G. S; ARDÈVOL, E.; MARTORELL, S. **Environmental influencers on Instagram: connections and frictions between activism, lifestyles and consumption.** The 22nd Annual Conference of the Association of Internet Researchers, 2021.

DAWSON, Catherine. **A–Z of Digital Research Methods**. Routledge, 2019.

DE MOOR, Joost et al. **New kids on the block: taking stock of the recent cycle of climate activism**. *Social Movement Studies*, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/14742837.2020.1836617>

DE MOOR, Joost. **The ‘efficacy dilemma’ of transnational climate activism: the case of COP21**. *Environmental Politics*, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/09644016.2017.1410315>

DANOWSKI, Deborah. **O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo**. *Revista Sopro*, n.07. Abril, 2012. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/hiperrealismo.html>. Acesso em: 16 Mai. 2020.

FISHER, Dana R.; NASRIN, Sohana. **Climate activism and its effects**. *WIREs Climate Change*. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1002/wcc.683>

FIGUEIREDO, Carlos. **Ativismo codificado: protestos em rede e movimentos sociais na era das plataformas digitais**. *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicacion*, n.142, p. 127-142, 2020.

FOMIYA, Cristina Flesher; GILLAN, Kevin. **Navigating the technology-media-movements complex**. *Social Movement Studies*, 16:4, p.383-402, 2017. DOI: 10.1080/14742837.2017.1338943

FREEMAN, Matthew. **Characterising Transmedia Storytelling: Character-building, World-building, Authorship**. In: *Historicising Transmedia Storytelling*. Routledge, 2016

GARE, Arran. **The Semiotics of Global Warming: Combating Semiotic Corruption**. *Theory & Science*, 2007.

GILLESPIE, Tarleton. **A relevância dos algoritmos**. *Parágrafo*, Volume 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

GERBAUDO, Paolo. **Redes e ruas**. São Paulo: Editora Funilaria, 2021.

HAN, Heejin; AHN, Sang Wuk. **Youth Mobilization to Stop Global Climate Change: Narratives and Impact**. *Sustainability*, Volume 12, Issue 10, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su12104127>

HANCOX, Donna. **Transmedia for Social Change**. In: *The Routledge Companion to Transmedia Studies*, 2018.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. Bloomsbury Publishing, 2015.

JENKINS, Henry et al. **By any media necessary: the new youth activism**. NYU Press, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cultura da convergência**. 2a. edição. São Paulo: Aleph, 2009

\_\_\_\_\_. **Transmedia storytelling 101**. 21 de Mar. 2007. Disponível em: [http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia\\_storytelling\\_101.html](http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia_storytelling_101.html) (Acesso em 15 Mai, 2023).

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G. **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões**. Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia, n.42, Niterói, p.41-65, 1.sem, 2017.

MANN, Michael. **The new climate war: the fight to take back our planet**. New York: Public Affairs, 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINO, Luís. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MARTINO, L.M. Sá; MENEZES, J.E.O. **Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada**. Líbero, Volume 15, Número 29, p.09-18, 2012.

MC KIGHT, Heather. **Chaos and hope: nano-utopian moments of activist self-organization**. Excursions. Volume 10. Issue 1, 2020.

MILAN, Stefania; TRERÉ, Emiliano. **Big Data from the South(s): Beyond Data Universalism**. Television & New Media, Vol. 20(4), p. 319–335, 2019.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: ascensão de dados e morte da política**. São Paulo: UBU Editora, 2018

MORTON, Timothy. **Being ecological**. Pelican Books, 2018

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Ocupa Sampa, os indignados de São Paulo: Usos e limites das tecnologias de comunicação, participação no movimento global e a importância do espaço público**. In: Ativismo digital hoje: política e cultura na era das redes. São Paulo: Hedra, 2021

PEARSON, Roberta. **Transmedia Characters: Additionality and Cohesion in Transfictional Heroes**. In: The Routledge Companion to Transmedia Studies, 2018

POELL, Thomas; VAN DIJCK, José. **Social Media and Activist Communication**. In The Routledge Companion to Alternative and Community Media, 527-537. Routledge, 2015.

POELL, Thomas; NIEBORG, David, VAN DIJCK, José. **Plataformização**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Volume 22, Issue 1, p.02-10, Janeiro/abril, 2020.

ROQUE, Tatiana. **O dia que voltamos de Marte**. Crítica, 2022.

SCOLARI, Carlos; BERTETTI, Paolo; FREEMAN, Matthew. **Transmedia Archaeology: Storytelling in the Borderlines of Science Fiction, Comics and Pulp Magazines**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SAN CORNELIO, G., ARDÈVOL, E.; MARTORREL, S. **Enviromental influencers on Instagram: connections and frictions between activism, lifestyles and consumption**. AoIR Selected Papers of Internet Research, 2021. <https://doi.org/10.5210/spir.v2021i0.12238>

SÁ, F. **Carlos A. Scolari: ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces**. MATRIZes, Volume 12, n.3, 129-139, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p129-139>

SCOLARI, Carlos A. **Transmedia Literacy: Rethinking Media Literacy in the New Media Ecology**. In: The Routledge Companion to Transmedia Studies, 2018

SOUSA, Silva Maria. **A transmidialidade como estratégia discursiva**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, Volume 14, n.1, p. 241-263, 2016.

SRIVASTAVA, Lina. **Telling stories: Lina Srivastava talks about transmedia activism**. Entrevista concedida a Henry Jenkins. 19 Jan. 2016. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2016/01/telling-stories-lina-srivastava-talks-about-transmedia-activism-part-one.html> Acesso em: 20 Mai. 2023

THUNBERG, Greta. **No on is too small to make a difference**. Penguin Books, 2018.

VAN DIJCK, José. **Seeing the forest for the trees: Visualizing platformization and its governance**. New Media & Society, Volume 23, Issue 9, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444820940293>

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Mantijn. **Platform Society: public values in a connective world**. Oxford University Press, 2018.

WALLACE WELLS, David. **A Terra inabitável**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2021.

## APÊNDICE – ENTREVISTAS

## ENTREVISTA TRANSCRITA n° 1

**Entrevistado(a):** Betina Gorsch

**Data:** 27 de julho de 2022

**Entrevista realizada online, via aplicativo Zoom**

**Ana:** Pode começar se apresentando, e falando um pouco do coletivo e da sua trajetória?

**Betina:** Meu nome é Betina, tenho 16 anos. Sou do Jovens pelo Clima Brasília. Hoje em dia eu também construo Fridays for Future nacionalmente também. E além disso, também sou do coletivo Juntos que eu não sei se você conhece, que ele também existe em São Paulo. Tem coletivo Juntos aqui em Brasília, inclusive eu atuo na área secundarista, né? Enfim, dos estudantes secundaristas. Um pouquinho sobre a história dos jovens pelo clima, não é? Ele surgiu justamente com a questão da Greta, dela agindo lá no norte global, indo ao parlamento sueco buscando pela justiça climática e isso foi inspirando jovens no mundo inteiro, como você sabe. Chegou aqui no Brasil e assim nasceu o Fridays. Mais ou menos ao mesmo tempo, inspirados pelas movimentações da Greta e das movimentações que estavam acontecendo internacionalmente, um grupo de jovens aqui em Brasília no final de 2019 resolveu criar o Jovens pelo Clima, mas até então ele não tinha ligação nenhuma com o Fridays. Só que aí, ao mesmo tempo que surgiu o movimento, descobriram que o Fridays também estava nascendo. E a gente, por uma questão mais estratégica, porque é mais vantajoso para a gente hoje em dia compor p Fridays para a gente conseguir contato nacionalmente com outros grupos de jovens que também tem o mesmo objetivo que a gente. Mas o Jovens pelo Clima é um diferencial dos outros núcleos. Porque aqui em Brasília a gente é muito independente. A gente até se diz anti capitalista. A gente tem uma pegada assim, que meio que acontece que os outros núcleos não tem. A gente se juntou ao Fridays no final de 2019, assim que a gente nasceu. Mas como eu disse, a gente é bem autônomo em relação a isso e desde então a gente funciona mais ou menos em um grupo de trabalho que são nossas principais formas de atuação e a gente tem 5 pilares, que eu não vou lembrar agora exatamente, mas todos esses grupos têm ligação com esses pilares. Ou seja, são mais ou menos, um dos pilares é sobre a formação jovem, então, trazer a Juventude para o âmbito político, fazer com que eles é e politizem, estejam por dentro das movimentações que acontecem no país na área ambiental, mas também climática e socioambiental. A gente também tem trabalho nas escolas para tentar levar isso para o meio educacional, não é? É além de escolas, universidades também. A gente também tem trabalhos com mutirões e reflorestamento do cerrado, já que aqui em Brasília a gente vive no cerrado. Daí em diante a gente tem grupos de comunicação que cuida das redes e outros grupos de funcionamento interno, mas todos nessa linha de funcionamento para o grupo.

**Ana:** Como você chegou no Fridays?

**Betina:** Então, em 2019 nasceu o movimento e aí vem logo a pandemia, não é? E das nossas primeiras manifestações que foi lá em 2019. Como nasceu? Fizeram um ato tipo relacionado essas pegadas que estavam tendo internacionalmente e aí esse ato foi muita gente e aí falaram Meu Deus, isso aqui pode tomar uma proporção maior, a gente pode realmente

construir alguma coisa e a partir disso começaram a construir, pensar num movimento só que aí veio a pandemia.

**Ana:** Mas você não estava envolvida ainda?

**Betina:** Não. Aí com a pandemia eles meio que fecharam, tipo assim. Começaram a pensar em como a gente vai construir movimento, não é? Mas até então nada, e aí, assim que teve uma maior abertura da pandemia começaram a rolar aqueles atos Fora Bolsonaro, esse tipo de ato que começou a acontecer muito em Brasília. E aí eu comecei a ir nesses atos Fora Bolsoaro e eu com uma outra amiga minha tentamos fazer alguma coisa meio que na pegada dos Jovens pelo Clima. Só que a gente não sabia que Jovens pelo Clima existia. Aí por coincidência, eu encontrei os Jovens pelo Clima. A gente sempre faz mensalmente um chamado para novos integrantes que a gente faz uma reunião para as pessoas entrarem. E aí, quando eu conheci os jovens pelo clima eles estavam justamente abrindo esse chamado para novas pessoas. Aquele grupo inicial que tinha sido construído ainda era muito pequeno, eram umas 5 pessoas e aí eu fiquei sabendo, e entrei nisso; Foi no começo de 2021.

**Ana:** Quando você fala de fazer por conta própria, no caso você e sua amiga, era em que sentido? O que vocês estavam fazendo ou tentando fazer?

**Betina:** Então, tipo assim, eu já sabia que existia um coletivo e outros tipos de coisa, mas na verdade o fazer por conta própria era que a gente queria achar um pessoal assim, jovem, para se juntar e ir para a manifestação junto e enfim debater, falar sobre livros e pautas importantes. Mas até então eu não sabia que existia o Jovens pelo Clima. Aí eu vi que existia um negócio que eu tinha mais organização, já tinha gente ali pensando nisso há mais tempo, a gente viu que valia a pena.

**Ana:** E aí, foi se juntando.

**Betina:** É aí o movimento foi crescendo e hoje em dia a gente tem quase 158 pessoas.

**Ana:** Só no Jovens pelo Clima?

**Betina:** "Só no Jovens pelo Clima.

**Ana:** E como vocês se organizam, pensando que são mais de 100 pessoas?

**Betina:** Então a gente tem aqueles grupos que eu comentei, não é? E esses grupos são focados em projetos, enfim, e eles funcionam todos no Telegram, por segurança mesmo, pra não usar WhatsApp. E também porque, como a gente acaba tendo muitos grupos e acaba sendo uma coisa mais de ação, tipo para combinar a manifestação, para combinar esse tipo de coisa, às vezes não é legal ficar misturando muito com o pessoal. Então a gente deixa meio que para sair no WhatsApp e a gente usa o Telegram hoje em dia. Por exemplo, a gente tem hoje em dia um grupo de trabalho que é uma Ação Direta, que esse grupo fica responsável por todo tipo de manifestação, ato, mística, qualquer coisa que a gente vai construir. E ele funciona principalmente com a greve global que é o nosso maior ato e que a gente costuma construir por esse grupo, né? A greve global geralmente acontece 2 ou 3 vezes por ano, nacionalmente, e a gente constrói ela aqui em Brasília. Então geralmente é por esse grupo que a gente faz esse tipo de movimentação.

**Ana:** Existem outros grupos para movimentações diferentes?

**Betina:** A gente agora também está com bastante trabalho na parte mais institucional no Parlamento, na Câmara dos deputados. A gente tem um grupo que chama Institucionalidade e denúncia, que é um grupo mais voltado a acompanhar esse meio mais institucional.

**Ana:** Você está em que grupo? Onde você está se focando mais?

**Betina:** A gente tem uma administração hoje em dia que é tipo uma Secretaria do movimento. A gente não gosta muito de chamar de coordenação, mas seria meio que uma coordenação, porque, enfim, existem coisas de estrutura e documentos, senhas que devem ficar guardadas e pessoas que precisam levar mais à frente o movimento. Eu faço parte da administração hoje em dia, mas eu também faço parte de grupos de trabalho. Eu tinha mais foco na comunicação do movimento, então eu cuidava mais das redes. Post, enfim, engajamento. Mas atualmente eu me afastei um pouco desses grupos porque a gente está passando por um momento de estruturação e eu tô mais focada em realmente administrar o movimento. Mas além disso, eu também participo dos outros grupos, de quase todos.

**Ana:** E você vai aprendendo tudo fazendo, ou você pede ajuda para alguém? Como que você se organiza para mexer com tudo isso? Porque na verdade, é quase um trabalho, né?

**Betina:** É um trabalho.

**Ana:** É trabalho não remunerado, imagino.

**Betina:** Sim, não remunerado. A administração cumpre com essas funções. Hoje em dia a gente tem acho que 5 pessoas na administração, e essas 5 pessoas dividem bem as tarefas. Isso é, vai desde planilha. A gente é um movimento que não tem nosso próprio dinheiro, a gente funciona com o apoio.se, que a gente tem um financiamento coletivo, e com ajuda ajuda financeira de parceiros para projetos. A gente se inscreve em editais também.

**Ana:** Vocês têm apoios de ONGs? Eles costumam destinar a verba para vocês poderem fazer as ações?

**Betina:** Depende na real, às vezes sim, principalmente para a greve que é quando a gente costuma receber um apoio maior. O Greenpeace é uma organização que costuma ajudar a gente, o Nossas também. Não vou lembrar agora o nome direitinho, mas acho que chama Congresso em foco que é uma outra organização que ajuda bastante a gente. Agora a gente tá fazendo uma ação no cerrado com WWF, Greenpeace, então assim, é uma colaboração.

**Ana:** Você sente que as organizações exigem algum resultado de vocês?

**Betina:** Então eles exigem prestação de contas, todo o financiamento que a gente recebe passa por prestação de contas, inclusive tem uma parte da administração que é focada só nisso. Mas eu não sinto que eles esperam algum resultado. Eu sinto que eles sabem do nosso resultados, sabe? Então acho que é uma coisa mais de confiança.

**Ana:** Pensando nessa relação dos jovens pelo clima com o Fridays for Future. Você disse que acabou indo para os jovens pelo clima mas também participou do Fridays, consegue me contar um pouco o que rolou para essa decisão de focar mais no Jovens pelo Clima?

**Betina:** Então, tipo assim, hoje em dia o Fridays são duas coisas. Ele é um movimento por si só, e ele é um movimento nacional, ele engloba jovens de todas as idades, todos os estados, de todos os locais do Brasil. Mas além dele, existem os núcleos do Fridays, por exemplo, jovens pelo clima. Brasília é um núcleo do Fridays regional daqui de Brasília, Distrito Federal. Existe o local de São Paulo dele, enfim, todos esses núcleos.

Uma parte do nosso movimento acompanha Fridays, como por exemplo, eu represento o jovens pelo clima Brasília dentro do Fridays. A gente tem esse acompanhamento e a gente percebe o quão são movimentos diferentes. Por mais que tenha o mesmo foco, aqui em Brasília a gente acaba focando mais localmente, pois cada lugar tem suas demandas, seus pontos. Acho que por isso que existem os núcleos. Mas os núcleos são movimentos bem diferentes e funcionam de formas distintas, mas é meio que um conjunto ao mesmo tempo, porque em greves e mobilizações nacionais a gente se ajuda. A gente está ali em conjunto. Agora a gente está se preparando para construir a greve do dia 23 de setembro, que é a próxima data, e é nacionalmente.

E por aqui a gente vai construindo junto com os outros Estados, então é mais ou menos para isso que Fridays nacional serve. Pra apoiar os núcleos.

Mas é assim, participando dos 2 eu vejo uma diferença muito grande.

**Ana:** Por que essa diferença, você consegue dar um exemplo?

**Betina:** O Fridays ele devia ser um espaço para englobar todos os núcleos, um espaço de de escuta e de acolhimento, de ajuda. Mas às vezes, em vez de ser esse espaço nacional, ele acaba sendo agindo mais como núcleo autônomo do que esse espaço nacional, sabe? Então é meio difícil mais. ao mesmo tempo é um espaço necessário pois tem muitas conexões interessantes pra gente.

**Ana:** E vocês têm contato com outros núcleos internacionais?

**Betina:**

A gente tem sim contato com o Fridays de outros países, principalmente para mobilizações internacionais que a gente participa em conjunto como a COP

A COP 27 vai acontecer no Egito, vai ter uma delegação do Fridays Brasil. Então acontece esse mobilização, que é nacional. Existe também um Fridays MAPA, que tem o pessoal, enfim, de cada país. Tem também o Fridays LATAM, que é só o pessoal da América Latina e Caribe.

Eu particularmente não acompanho Internacional, que para mim já é muita coisa acompanhar localmente e nacionalmente. Internacionalmente não é comigo.

**Ana:** Mas tem alguém dos jovens pelo clima Brasília, que está em contato com ativistas de outros países?

**Betina:** Anteriormente, sim. O Ian Coelho era mais responsável por esse contato, mas hoje em dia ele tá meio afastado, sim. Então não, atualmente não tem. Mas aí a gente acaba recebendo demandas internacionais pelo nacional.

**Ana:** Eu queria que você contasse um pouco quais são os principais desafios de vocês pra comunicar as pautas do movimento. Como traduzir os desafios do contexto brasileiro?

**Betina:** Uma coisa que eu vejo bastante é uma dificuldade em enxergar a urgência da pauta ambiental. E eu acho que há dificuldade das pessoas em conseguir conectar aquilo com o cotidiano delas. As pessoas entendem que a pauta ambiental não é algo tão urgente, quando deveria ser. Quando a gente fala de movimento social, a pauta climática é uma das que mais acaba sendo deixada de lado.

As pessoas acham que é um problema que tá longe, daqui 10 anos, mas tem gente que está sendo afetado hoje. Pode não te afetar hoje, mas uma hora vai te afetar. Enfim, eu acho que esses são os maiores problemas de tentar comunicar essa pauta, porque eu acho que as pessoas não entendem a urgência.

E eu acho que muitos jovens hoje em dia sentem que é uma luta que já está ganha e que não vale a pena se esforçar para mudar o mínimo.

Por mais que tenha muita gente muito esperançosa, e que graças a Deus está condtruindo essa luta, muita gente ainda acha que não vale a pena.

E aí é justamente esse tipo de pessoa que a gente tem foco. Enfim, de estar ali discutindo, batalhando e trazendo para mim pra frente.

**Ana:** Pensando no seu cotidiano, você acha que as pessoas próximas de você são esses jovens desmotivados, ou você sente que o seu círculo de amizade consegue entender? O que te fez querer ser ativista?

**Betina:** Eu acho que tem um tanto de um lado quanto de outro. Porque por exemplo na minha escola. Eu não sinto que as pessoas têm essa urgência e compreendem a questão, não é uma preocupação para elas. Mas ao mesmo tempo, como eu faço parte desses movimentos, muito do meu cotidiano e do meu convívio eu acabo conhecendo, conseqüentemente, muita gente que está muito preocupado com isso.

**Ana:** E o que seus pais fazem?

**Betina:** A minha mãe é psicóloga e meu pai antropólogo, e assim, desde sempre tanto a pauta ambiental como social sempre foi algo importante pra eles e conseqüentemente para mim também. Eu não consigo explicar direito como eu virei ativista. só aconteceu, Antes de eu estar realmente organizado, eu já tinha uma parte de mim que que era muito preocupada com isso, então não sei, acho que só aconteceu.

**Ana:** E quando terminar a escola, qual o seu plano?

**Betina:** Eu quero fazer ciências sociais.

**Ana:** Você falou sobre os jovens pelo clima ser bem anti capitalista, qual a conexão que você sente que existe entre a pauta climática e anticapitalismo?

**Betina:** Esqueci de comentar, por exemplo, antes de eu entrar para os jovens pelo clima, eu me sentia muito, acho que sozinha. Pô, eu tô aqui preocupada com as coisas e o mundo continua acontecendo e parece que tem gente que não tá nem aí. E aí o sentimento de ser coletivizado editar ali é organizado, muda um pouco. Isso porque você vê que não é só você. E a partir do momento que não é só você, tipo, você não está sonhando sozinho, está sonhando com alguém, está construindo algo com alguém? Então também a importância da coletividade nisso não é.

Mas sobre o anticapitalismo e o Jovens pelo Clima. A gente se diz hoje anticapitalista porque desde o início, com os acúmulos que a gente teve, a gente percebe a gente hoje em

dia leva isso como ideal que não tem como a gente falar da pauta climática sem falar do sistema em que a gente vive, que é completamente contraditório. Não tem como pensar num futuro que a gente viva com justiça climática sem a gente pensar em justiça social, pois está tudo interligado. Quando a gente fala de um sistema que a gente vive, né, que é o capitalismo, a gente vê o quanto ele é inviável para a pauta climática, porque, enfim, o extrativismo, e essa questão de tirar sem pensar em como colocar de volta. Isso é insustentável. E a gente nunca vai chegar nem perto do que seria uma justiça ambiental justa usando esse sistema. Então acho que é por isso que a gente se diz anti capitalista. Porque a gente vê que não tem como, não é compatível.

**Ana:** Existem visões diferentes dessa dentro do movimento? Ou você acha que tá todo mundo na mesma página, pensando parecido?

**Betina:** Tem aquela frase do Chico Mendes, não é? Ecologia sem consciência de classe é jardinagem. É bem por aí que o ambiental anda; Pensando no próprio Fridays, isso é uma contradição.

Como eu disse, o Jovens pelo Clima é mais independente, mas em outros núcleos, sem ser o de Brasília, acabam tendo, acho que por falta de não só estrutura, falta de politização, falta de busca, acabam tendo uma visão muito mais, às vezes liberal da pauta climática, e acabam com uma dificuldade de conectar o ambiental com o social, né? E não só no Fridays, mas enfim, muitos movimentos, é comum. Eu não mexo só com a pauta ambiental. A pauta ambiental é uma das principais pautas que a gente costuma cair muito fácil, por exemplo, num veganismo liberal.

**Ana:** Quando eu vejo as greves globais, eu tenho dificuldade de entender qual seria a reivindicação central? Por exemplo, uma reivindicação clara é você cobrar uma demarcação de terras indígenas, né? É uma reivindicação que gera uma ação concreta. Mas quando eu vejo as greves globais eu tenho uma dificuldade de perceber, qual é a principal pauta que está sendo discutida ali principalmente?

**Betina:** Entendo, eu também tenho a mesma colocação. Cada greve tem que ser o tema em sua reivindicação. Mas geralmente, esse é o ponto que pega, muitas vezes o tema vem de quem? Do Fridays da Europa, do pessoal de lá, da Alemanha, países que são super desconectados com o que a gente vive aqui, né? E aí, às vezes, a gente só acaba seguindo internacionalmente. Mas o que rola muito é que a gente aqui, geralmente, não compactua com eles. A gente corta mesmo. Por exemplo, essa greve de agora a pauta vai ser 'pessoas acima do lucro', de novo, porque, se não me engano, a penúltima greve, última, eu não tenho certeza, tinha sido essa hashtag com uma outra, que era Ruína ou Revolução, que inclusive foi a gente do Jovens pelo Clima Brasília que tinha feito.

Quiseram manter o mesmo tema 'pessoa acima do lucro', mas a gente aqui de Brasília achou um absurdo eles fazerem enfim, tudo igual, não mudar a narrativa sendo que tem uma monte de coisa para a gente falar. Pessoas acima do lucro é importante, mas enfim, podia radicalizar mais. A pauta podia trazer coisas mais concretas. A gente não concordou com isso, aqui a gente vai fazer uma outra, a gente vai usar o pessoa acima do lucro, mas a gente vai usar além disso, usar a narrativa Vote pelo Clima

Porque é uma campanha que a gente vem tocando nacionalmente, que é a campanha de eleição do Fridays, que tem a proposta de apoiar candidaturas e mandatos que estejam pelo clima. Então a gente tem esse propósito de reunir todas as candidaturas que tem pautas com os ecossistemas., pautas que são positivas para o meio ambiente e estar apoiando elas, divulgando, enfim, fazendo uma campanha em relação a isso.

Aqui em Brasília pelo menos a próxima greve vai ser voltada para isso. A gente quer fazer algo voltado para as eleições também, porque, enfim, eu acho uma burrice nacionalmente não terem esse olhar de fazer algo voltado para as eleições, já que a gente vai estar em setembro, e vai ser ali no meio, se tiver segundo turno. Então eu também sinto uma falta de compreensão, uma falta de política mesmo, falta de estudo, falta de compreensão da realidade por parte do Fridays. Acho que a gente tem que trabalhar com a realidade concreta, né? E às vezes isso não acontece muito por lá.

**Ana:** Você sente alguma influência das redes sociais nos discursos do movimento? Qual é a relação que o Fridays tem com o uso das redes sociais?

**Betina:** Eu nunca tive muito contato com as redes do Fridays pois eu já mexia muito com isso aqui em Brasília. Mas eu acho que as redes foram positivas para o Jovens pelo Clima Brasília.

Mas eu acho que as redes foram sim positivas pois até então não existia um movimento jovem ambiental em Brasília. Não tinha muita movimentação sobre isso. Quando a gente chegou enfim, fazendo posts e mostrando ali que existe o jovens pelo clima, anti capitalista em pauta ambiental, pra galera foi uma coisa inovadora, nova, e a gente teve muita devolutiva em relação a isso. Eu acho que nossos posts, nossos conteúdos, sempre foram muito informativos, e desde que a gente se definiu como anticapitalista, sempre tiveram um teor mais politizado e mais radical. Então eu sinto que isso foi positivo. Por mais que né, é complicado. É muito difícil a gente falar de radicalidade dentro da pauta ambiental hoje em dia, principalmente com o governo que a gente tá vivendo, enfim, dentro da Câmara é muito difícil ainda, mas eu sinto que isso está abrindo os olhos das pessoas. Então eu acho que a gente teve um bom contato com as redes e uma boa devolutiva também em relação a elas.

Se a gente não tivesse as nossas redes e não atuasse do jeito que a gente atua, a gente não teria a quantidade de pessoas que tem hoje dentro do movimento, porque grande parte delas descobriram o movimento por vídeos, lives, conteúdos e pessoas divulgando a gente pelas redes.

**Ana:** Eu vi nas redes que vocês vão abrir uma nova convocatória para a formação. Como que vai funcionar?

**Betina:** Esse é o chamado, né?

Isso é o que eu comentei que acontece de 2 em 2 meses. A gente faz esse post, um negócio assim para tentar trazer pessoas para o movimento, e aí a gente faz uma reunião introdutória com todas as pessoas, a gente explica como a gente atua, explica nossos objetivos, como a gente funciona e no que a gente acredita, e aí essas pessoas, a partir daí, compõem o movimento e escolhem a forma de atuação delas. E é sempre assim, entendeu? Para para trazer novos integrantes.

**Ana:** E o pessoal fica?

**Betina:** Fica, mas depende. O pessoal fica. Mas ficar não significa necessariamente ser ativo. Isso inclusive é uma coisa que a gente ainda está estudando e vendo como fazer. Mas a gente atualmente está com bastante problema de engajamento interno que antes. Já teve tempos em que a gente era muito mais ativo.

**Ana:** Você tem algum palpite sobre essa falta de engajamento?

**Betina:** Eu acho que é meio sistêmico assim. Tá todo mundo muito cansado, está todo mundo muito maluco. Às vezes é difícil mesmo.

Acho que também é um ano que está acontecendo muita coisa, é ano de eleição. Eu acho que tem muita informação. E também teve a questão da pandemia, né? Agora que as coisas estão voltando mais. Desde então, a forma de militar, se organizar, a gente estava muito acostumado com tudo online e até a maneira de se comunicar, de enfim, pensar nas coisas está tendo que mudar para presencial? Então, nessa mudança é que a gente está vivendo das coisas meio online e meio presencial, as pessoas desacostumaram a fazer reunião presencial, pois a gente se organiza diferente no presencial e no online.

**Ana:** E sobre as candidaturas verdes, vocês têm já alguns candidatos que estão apoiando?

**Betina:** Então, o Jovens pelo Clima é suprapartidário, sempre foi e, enfim, a gente ainda não está com esse fechado. Mas a gente pretende fazer um mapeamento das candidaturas que a gente apoia. Mas uma das principais candidaturas é a Keka Bagno, não sei se você conhece, mas ela é candidata a governadora pelo PSOL, e a candidatura dela representa a junção do PSOL com a REDE. Ela atualmente é um dos nossos maiores contatos com candidatura e apoio, mas existem outros. A gente tem contato com o Pedro Ivo que é da Terraazul, não sei se você conhece, ele está em vários projetos em conjunto e a gente tem super apoiado ele. Além disso, tem Rafael Serpa. A gente tem mais foco e um candidaturas locais, para deputado federal para governar aqui no DF. Por sermos anticapitalistas, somos apartidários e não temos um afinamento estratégico. Por conta disso, a gente optou por não fazer um apoio formal ao Lula, mas a gente sabe a importância de eleger ele, porém, não vamos fazer isso publicamente. A gente apoia mesmo candidaturas locais que estejam alinhados com nossas pautas.

Por exemplo, existem muitas candidaturas mas claramente pelas demandas e pelo projeto a gente percebe que são candidaturas, ecocapitalistas. Então esse não é o tipo de candidatura que vai ter o nosso apoio. Temos muito cuidado com quem a gente tá apoiando, sabe se as pessoas realmente estão com o meio ambiente ou contra ele.

**Ana:** Muito bom te ouvir. Tem algo que você quer falar que eu não perguntei?

**Betina:** As pessoas falam tanto de juventudes, e querem falar tanto das novas gerações, mas na hora de receber a juventude, eu sinto que eles não estão abertos para isso.

Por exemplo, todo sábado de manhã tem uma feirinha aqui em Brasília na ponta Norte, que é uma feirinha que reúne várias comunidades agroecológicas, tem vários movimentos, tem várias coisas para vender, a gente também vende umas coisas do movimento e tudo mais. E atualmente está tendo o lançamento de um comitê popular de luta nessa feirinha.

E a gente foi convidado para falar no evento. Só que tipo, por exemplo, a gente chegou lá e primeiro falou um monte de candidato, falou um monte de movimento e a gente como jovem foi deixado pra falar por último, sabe? Então eu sinto que as pessoas dizem tanto que precisa mobilizar a juventude, só que na hora a gente está ali mas eu sinto que não tem essa abertura. Eu sinto que às vezes eles até se excluem a gente.

Como a gente quer falar de futuro e do que vai acontecer, se a gente não traz a Juventude para isso. Essa seria a minha maior frustração em relação a isso aí.

**Ana:** O que você gostaria de poder falar nesses espaços mas sente que não está conseguindo?

**Betina:** Como eu explico? Nesse mesmo exemplo que eu citei. Era muito mais uma questão de que a gente entra começa a falar dessa pauta de eleição mas é sempre a mesma coisa sempre. Vamos dar o exemplo do Lula. Tudo bem, vamos apoiar o Lula, que vamos votar nele, pois enfim, é uma esperança. Mas não é só votar no Lula, não é? Esse é o básico, é o mínimo, entendeu? Mas vai muito além disso, eu sinto que, muitos movimentos, muitos contatos que a gente tem esquecem o para além disso, entendeu? Para além do básico, do óbvio, do que a gente já faz hoje em dia. Eu já me senti às vezes não tão bem-vinda. Por ser tão jovem, tipo, hã, ela não sabe de muita coisa, o que que ela tá fazendo aqui? Ela vai opinar não, ela não sabe, entendeu? E isso também é um problema, porque quem disse que os jovens não sabem, quem disse que a gente é menos por não ter tanta idade. Até o exemplo do que o Bolsonaro falou da Greta, né? Chamou ela de pirralha.

**Ana:** Betina, e onde você se informa?

**Betina:** Eu acho que vem dos próprios acúmulos que a gente teve como os jovens pelo clima.

A gente estuda muito, vê muito vídeo, debate. E têm várias pessoas que eu acho que são muito inspiração dentro da pauta ambiental. Uma delas foi a Sabrina Fernandes.

Eu acho que ela faz muito bem esse jogo de unir o anticapitalismo com o ambiental e eu acho que é justamente aí que os jovens, pelo clima entra. Ela é super nossa aliada, enfim, ela conversa com a gente, já fez reunião com a gente. Mas não tem só ela, tem, por exemplo, a Rita Von Runty, várias pessoas estão ali nessa área mais de politização, formação e fazendo conteúdos e é muito daí que nos inspiram.

**Ana:** Super, eu também me inspiro nelas. E elas são influenciadoras. Não é? De alguma forma o que elas produzem está disponível no YouTube. Fáceis de acesso.

**Betina:** A gente sempre lê também as indicações da Sabrina. Ela tem uma lista de recomendações de livros que são só sobre pauta ambiental. Enfim, marxismo, ecossocialismo. A gente começa ali. Mas se eu fosse citar o maior livro que os Jovens pelo Clima lê eu diria "O que é ecossocialismo" do Michel Lowy e o Manifesto do Partido Comunista também. São leituras que a gente faz. Tem outro também muito bom chamado Alternativas Sistêmicas, que debate sobre as alternativas que a gente tem como sistema, que não só sobre ecossocialismo, mas também outros caminhos. E eu acho Jovens pelo Clima é exatamente isso, uma rede de jovens que quer debater os caminhos que existem e como a gente faz para chegar neles, e o que pode ser mais favorável pensando no clima e no meio ambiente. Então, é mais ou menos assim que eu vejo Jovens pelo Clima.

**Ana:** E qual que é a média da idade das pessoas do movimento?

**Betina:** A gente vai de 14 a 25 anos, porque são as únicas idades que são aceitas. Para entrar no movimento, você tem que estar dentro dessa faixa etária. Só que atualmente eu sinto que temos mais universitários do que secundaristas. Por mais que tenha muita gente do ensino médio, tem principalmente universitários.

**Ana:** Foi muito importante a conversa. E se você me autoriza a usar alguns trechos da nossa conversa para contextualizar também os Jovens pelo Clima como um grupo ativista brasileiro, pra compor essa rede de atuações diferentes. Você quer me falar mais alguma coisa ou me indicar outro grupo que acha importante que eu fale?

**Betina:** Pode usar o que você quiser usar. Estamos aqui para ajudar, então pode ficar à vontade com isso. E acho que eu falei mais ou menos do que eu penso assim, o que eu vejo, né? Dentro do movimento, dentro da pauta ambiental. E sobre recomendação de com quem falar. Eu sugiro você falar com outros núcleos do Fridays, para buscar as construções deles, mas já adiantando que é diferente, mas pode ser produtivo também. Por exemplo, o próprio núcleo de São Paulo é um núcleo grandezinho. O Jovens pelo Clima Brasília é o núcleo mais estruturado, o maior núcleo que tem, mas depois disso acho que vem o núcleo de São Paulo, então pode ser legal.

**Ana:** E você tem alguma relação com jovens ativistas indígenas? Com pauta indígena? Tem alguém à frente disso ou próximo?

**Betina:** Sim, por exemplo, dentro do próprio Fridays existe uma, como se diz, uma setorial indígena e até dentro do Jovens pelo Clima é algo que a gente tá querendo trazer mais ativistas indígenas pro movimento. Mas a gente tem uma ótima articulação com o movimento indígena, no próprio ATL. Existem também vários ativistas, inclusive bem conhecidos, a Alice Pataxó.

**Ana:** Eu já falei com a Samela, com o Tukumã, em São Paulo já falei com o Marcelo Rocha. Agora vou falar com o Jovens pelo Futuro Xingu.

**Betina:** Sim, o Kenai

**Ana:** Vocês tem articulação, então?

**Betina:** É todo mundo faz parte de uma mesma articulação. A Samela também é do Fridays

**Ana:** Me parece que todo mundo se conhece de alguma forma.

**Betina:** Tem a Adri que é do Eco pelo clima, que é do núcleo lá no Rio Grande do Sul, ela indígena também, é uma das principais pessoas que hoje em dia tá a frente do Fridays. Ela Foi para Estocolmo, enfim, ela pode ser uma ótima pessoa também.

**Ana:** Muito obrigada. Você foi incrível. Adorei te ouvir assim de verdade.

**Betina:** Obrigada.

**Ana:** A gente se mantém em contato

## ENTREVISTA TRANSCRITA nº 2

**Entrevistado(a):** Gabriel dos Santos (Kenai)

**Data:** 23 de agosto de 2022

**Entrevista realizada online, via aplicativo Zoom**

**Ana:** Você pode se apresentar e contar um pouco do que você faz, e como começou a história dos Jovens pelo Futuro Xingu?

**Kenai:** Meu nome é Gabriel. Gabriel Arthur dos Santos, mas o pessoal me chama de Kenai, que é um apelido que eu adotei dentro do ativismo. Enfim, o pessoal esqueceu que meu nome é Gabriel e agora é tarde demais para voltar atrás. Bem, eu tenho dezessete anos, eu sou estudante do segundo ano do ensino fundamental na rede estadual aqui do Pará. Estudo também pré-vestibular, sou fundador e coordenador geral do Jovens pelo Futuro Xingu. A gente atua aqui em Altamira, no sudoeste do Pará. Eu acho que a história do do JPF começou no ano passado durante a pandemia mesmo. Durante uma das greves globais do Fridays. Eu já fazia parte do Fridays e eu acho que está muito relacionado com a minha história também. Então, eu acho que eu vou voltar um pouquinho. O meu interesse assim mesmo pelo ativismo organizado, esse meu primeiro contato com organizações, ONGs, OSC foi em 2019, durante os grandes focos de queimada na Amazônia. Essa pauta pegou maior visibilidade e era uma coisa que eu conseguia sentir no meu dia a dia. Havia um foco de fumaças na Amazônia, eu fui pesquisar mais a fundo. O meu primeiro contato com política foi em 2018 mesmo durante as eleições, foi quando eu de fato comecei a acompanhar. Eu tinha 13 anos então eu comecei a ficar mais ligado em tudo isso. Em 2019 teve o foco das queimadas na Amazônia. Comecei a pesquisar causas, consequências e aí eu comecei a ter esse contato mais com OSC, acompanhar alguns trabalhos e nisso através de uma hashtag eu conheci o Fridays. E aí eu participo do Fridays eu acho que desde o final de 2019, entre 2019 e 2020, foi mais ou menos quando eu entrei. Eu acho que é isso. E aí eu tive o meu primeiro contato com o ativismo organizado, comecei a estar atuante dentro dessas causas e durante umas greves globais, que eu imagino que você já conheça. Em 29 de março do ano passado a gente fez uma ação aqui em Altamira, uma das primeiras ações presenciais. A gente estava no meio da pandemia. Então eu estava caçando mesmo alternativas do que a gente poderia fazer. E uma das coisas que a gente fez primeiro foi um cartaz, com uma folha de taioba. É uma foto que você consegue achar no nosso Instagram que a gente conseguiu projetar em Belém, teve uma repercussão muito legal. E aí no outro dia, que era pra gente ter feito nesse mesmo dia, só que deu errado porque eu fui pro local errado que a gente ia pegar os caiaques para fazer ações do Xingu limpo só que a gente foi pro local errado e não conseguimos fazer e estava tarde demais já, aí a gente deixou pro outro dia. A gente fez uma ação de recolhimento de lixo porque aqui na cidade teve um acúmulo muito grande de lixo no rio durante esse período. Principalmente porque diminuiu bastante essa questão de coleta mesmo em lixo urbano. E também aumentou muito o consumo de plástico de uso único, plástico descartável pedido de delivery durante a pandemia. E isso acabou sendo refletido na poluição dos rios e na poluição da cidade. E como a gente estava no meio da pandemia, a gente não podia chamar a galera, não podia se aglomerar. Então foi eu e a minha melhor amiga nessa primeira ação, ela ficou no cais, ela ficou na parte da terra mesmo jogando uma cesta pra mim e eu tava no caiaque, coletava o lixo, colocava dentro do caiaque e colocava na cesta. Ela puxava pra cima. Altamira é uma cidade à beira do rio, então toda hora lá da cidade ela tem e ela tem uma estruturazinha. E

como o rio estava cheio nessa época eu conseguia vir até a parede mesmo eh com o caiaque, então facilitou bastante. E aí a gente fez algumas fotos mesmo com o objetivo de veicular, chamar mais atenção pra essa pauta. E a partir daí as pessoas começaram a entrar em contato, perguntar como podem ajudar se era de alguma organização se era de alguma coisa, e aí veio essa primeira demanda mesmo pela existência de um coletivo que trabalhe com o voluntariado e com causas ambientais aqui na região. Infelizmente a gente não tem muitas organizações assim que trabalham diretamente com voluntariado, que façam ações pontuais, que você pode tá atuando por um dia, por exemplo. É uma coisa muito mais comum pra outras cidades, pra outras pra outras regiões, mas pra cá mesmo é muito difícil, eu acho que a gente foi um dos primeiros eh que tá trabalhando nessa modalidade. Então assim, desde lá a gente vem estruturando mesmo jovens pelo futuro com uma organização, fazendo todos os procedimentos internos, documentos, tudo mais e agora a gente tá caminhando pra ter o nosso próprio CNPJ, eu acho que final desse ano ainda a gente... na verdade a gente já começou a ver algumas coisinhas CNPJ mas deve sair no início do ano que vem, se tudo der certo e assim, se você quiser perguntar mais alguma coisa...

**Ana:** Eu fiquei com dúvida...você falou do CNPJ, que é uma burocracia infernal, tem alguém ajudando vocês nessa formalização?

**Kenai:** Sim eu consegui...eu também sou jovem transformador da Ashoka. Não sei, se você pesquisar o meu nome como Jovens pelo futuro deve parecer algumas matérias e Ashoka dá um suporte pra gente e a gente conseguiu uma firma de advocacia, eu acho que é a BMW. BMW BMW, BWM, eu acho que ao contrário de carro seria muito estranho, mas eu vou conferir...

**Ana:** Mas rola uma assessoria, uma ajuda.

**Kenai:** É, eles vão dar uma assessoria jurídica, ajudar a gente com algumas coisinhas, é BMA, tô ficando doido. Eles tão estão auxiliando a gente, eu recebi na verdade hoje de madrugada o e-mail deles, então tá bem recente mesmo. Aí a gente fez uma reunião já pra ver como a gente poderia ser ajudado, e a gente tá participando de uma outra competição também porque o CNPJ ele tem gasto, a gente não tem financiador ainda, então a gente tá tá participando de um programa daqui do Pará que chama A Maré Tá Pra Juventude. Trabalha comunicação e ativismo então talvez você seja até interessada em contactar o pessoal porque é uma galera muito legal.

**Ana:** Você falou que você descobriu o Fridays através de uma hashtag Você lembra o que você fez na época? Você viu alguma foto? Você consegue lembrar assim como foi esse primeiro ponto de contato?

**Kenai:** Sim sim. Na real eu lembro perfeitamente porque foi com uma ação do Ian, lá de Brasília. Do Prêmio destruidor, exterminador do futuro pro Ricardo Sales. Eu acho que eu tinha visto em alguma página. Eu acho que foi no Mídia Ninja. Ou alguma página assim e eu comecei a seguir o perfil dele e de lá eu achei a hashtag comecei a seguir a hashtag e fui conhecendo outras pessoas até que eu respondi o stories da Luíza, eu acho, que ela é do Rio Grande do Sul e ela me botou em contato mesmo direto com o Fridays. Ela me colocou no grupo. Eu expressei minha vontade de fazer parte também. Ela me colocou num grupo de introdutória e aí foi. Mais direto.

**Ana:** E aí vocês formaram um núcleo em Altamira ou em Belém mesmo? Cê lembra se era uma coisa regional, ou de cidades?

**Kenai:** Você está falando nesse contato inicial?

**Ana:** É, o contato inicial, lá no começo.

**Kenai:** Tá. No início eu entrei mais pra questão do do movimento nacional. Porém o Fridays ele se organiza da seguinte forma. A gente tem várias instâncias de organização. A gente tem um movimento nacional, a gente tem os movimentos regionais, como é o caso do Nordeste pelo clima. E aqui no na região norte ele se chama jovens pelo futuro Amazônia, que agora ele meio que se afastou mesmo do Fridays por alguns motivos e começou a integrar como se fosse a rede Jovens pelo Futuro e a gente até pretende se lançar como organização. Mas a gente é muito parceiro e conta como núcleo também do Fridays até hoje. Então, tem todas essas organizações, então vai desde núcleos municipais, a estaduais, a regionais, a nacionais.

**Ana:** Então o jovens pelo futuro seria um pouco essa organização mais da região da Amazônia e o Xingu seria uma mais territorial e por mais que tenham organizações diferentes todo mundo acaba atuando junto de certa forma.

**Kenai:** Sim.

**Ana:** E quando você fala de ter divergência seria em que sentido? Mais pra entender quais são os conflitos mais intratáveis.

**Kenai:** Eu acho que um dos principais problemas que a gente tem de trabalhar com Fridays é a questão dele ser um movimento europeu. Ele é um movimento muito eurocêntrico, enfim suas ações, suas falas. E foram diversas ações até mesmo coisa da da Cop... eh tem muitas ações mesmo de organizações do Internacional que não representam as nossas pautas, os nossos valores, as coisas que a gente tá lutando. Apesar da gente tá fazendo parte dessa grande rede, se identificar diretamente como Fridays, foi uma coisa que ficou muito conflituosa com a gente. Principalmente após a última Cop. Teve um grupo de ativistas da da...eu acho que não foi da Alemanha. Eu acho que foi da Áustria. que enfim se meteu num num grande BO lá na COP, falaram coisas de Nazismo. Difícil de entender assim e eles se retiraram do Fridays internacional. Foi uma coisa bem difícil assim. Eu não vou me recordar perfeitamente do que que era, mas eu lembro que teve esse contato que inicia um diálogo da gente mesmo mudar o nome pra facilitar o entendimento da população. Como acontece ainda no nacional também que eles estão adotando cada dia mais o nome Greve pelo clima pra facilitar o entendimento do pessoal. Porque às vezes enfim questão de comunicação mesmo por se tratar de palavras em inglês, praticamente uma frase em inglês é mais difícil pra população entender e memorizar o nome mesmo.

**Ana:** Sim, total. O que você tá falando também bate com o que muitas pessoas me falaram, principalmente desse não reconhecimento com a agenda do Norte Global. Se você conseguisse talvez traduzir qual é a nossa demanda no Brasil, você consegue ter claro assim tipo a nossa questão quando a gente fala de pauta climática?

**Kenai:** Eu acho que uma das principais pautas do Fridays hoje em dia é a justiça social e a justiça racial. É uma das coisas que têm mais sendo evidenciada dentro da pauta como

movimento nacional mesmo durante os últimos tempos. Então, a gente tá cada vez mais se aprofundando. O Fridays em si, ele é um movimento, uma composição étnica, econômica dele, são pessoas brancas, de classe média, classe média alta, que é quem tem acesso a essas informações e quem eh enfim a gente sabe que a questão do acesso à informação hoje em dia é um privilégio, então acaba ocasionando alguns fenômenos como esse, e eu acho que é muito importante a gente carregar isso junto da pauta climática. Então uma das coisas que mais tem sido pautada é essa questão da pauta climática junto com justiça racial.

**Ana:** Qual é o perfil do coletivo que você está hoje? São pessoas de escola particular, escola pública, quais as idades?

**Kenai:** Então, hoje os jovens pelo futuro ele tem vinte e sete membros, de membros efetivos, mas a gente tem outros grupos de voluntariados. Mas a gente é um grupo muito diverso em questão de etnicidade. Eu acho que, se eu não me engano, a maioria hoje em dia deve se identificar como parda e branca. Na verdade eu tenho que olhar o forms, porque a gente tem um formulário que eu posso te dar dados mais exatos. A gente faz o levantamento de tudo isso. Se você esperar um minutinho eu posso abrir aqui. Está aqui no Docs. A maioria dos membros do JPF tem entre quinze a vinte e cinco anos. São estudantes da sua grande maioria de escola pública e da universidade federal do Pará. Na verdade não, tem dois participantes que fazem na particular, tem um menino do ensino médio e outro que faz faculdade particular, todo resto são estudantes da rede estadual e da Universidade Federal do Pará. Um dos fenômenos que eu não sei porquê, mas eu acho que assim, metade do JPF faz medicina, não sei porquê. O meu namorado ele é da medicina e saiu arrastando todo mundo, então tá uma grande população da Famed daqui. E é uma das coisas que eu acho até interessante porque quebra um pouco daquele eh paradigma né? Médicos.

**Ana:** Médicos ativistas.

**Kenai:** É muito interessante porque a composição mesmo da região do Xingu é uma coisa à parte nessa questão do ativismo. Porque ao contrário de por exemplo ao contrário da composição de outras cidades ou mesmo processo de colonização Aqui ocorre muito ao contrário, principalmente com a igreja católica. Aqui a gente tem uma história muito legal com a igreja católica nessa questão de movimentos sociais. Eh principalmente por conta da região que morou em M Dorothy. A igreja ela é muito presente até hoje na pauta dos movimentos sociais então por exemplo a nossa sede hoje é uma sala cedida pela primazia do Xingu que são da igreja católica. Então a gente tem uma relação muito legal com essa questão da igreja com movimentos sociais. A igreja católica daqui tem um prédio todo, uma das principais eh ruas daqui da cidade a Sete de Setembro e que eles dedicam as salas para movimentos sociais, para organizações sociais, coletivo de mulheres a Pastoral da Juventude também que faz esse trabalho parecido. Então, a gente tem uma sala lá que a gente divide com outro coletivo de juventude. Eu acho que eu achei aqui as suas respostas. Deixa eu só achar certinho. Ó. Em questão de pronomes. Pronome de tratamento de identificação, né? 52,4% são ele/dele. 42% ela/dela. E 4,8% por cento são elu/delo.

**Ana:** Você considera que é um movimento que pode ser considerado uma mobilização de pessoas da periferia? Tentando dar nomes mais genéricos. Você consideraria que é um grupo periférico ou não?

**Kenai:** Hum eu acho que assim, a gente pauta muito isso porque a maioria das nossas ações são voltadas pra questão da periferia e principalmente das RUCs. Porque no contexto de Altamira a gente tem um outro fenômeno que é são os reassentamentos urbanos coletivos. São as pessoas impactadas com Belo Monte que a gente tenta concentrar as nossas ações nele. Mas a composição acaba sendo de pessoas, na verdade a gente não tem um levantamento sobre isso é muito legal porque eu gosto de ter esses dados justamente nesses momentos. Mas assim tem muita galera do centro mesmo, a gente mora mais no centro da cidade por conta da Universidade Federal mesmo quem mora mais próximas como eu falei tem um grande parcela de universitários mas eu acho que assim eu acho que uns 30% deve morar em bairros periféricos, em RUCs. A gente tem um levantamento sobre bairros, mas eu não vou saber dizer certinho. E eu te achei a composição étnica daqui. Eu acho que só tem vinte e uma respostas porque tem uma galera que entrou recentemente e não preencheu ainda. 50% do coletivo se identifica como pessoas brancas, 25% como pardas, 12,5% como pretas e 12,5% como amarelas A gente também tem uma membro indígena, mas aparentemente ela não respondeu ainda.

**Ana:** Por ser território na região Xingu, como é a relação com comunidades indígenas, pensando o ativismo da juventudes? Vocês tem alguma relação de grupos de jovens indígenas ou isso também essa divisão não existe, talvez?

**Kenai:** Falando primeiro do contexto Altamira aqui. Eu acho que a gente não tem uma maior concentração de jovens indígenas atuando aqui na cidade. O que a gente tem são as associações indígenas que são muito mais ativas nesse quesito. Dentro do círculo de relacionamento mesmo do jovens pelo futuro, a gente atua muito com várias juventudes indígenas na verdade. Eu acho que do coletivo a gente tem o Paia e a Olivânia que é a minha vice-coordenadora e parceria mesmo pessoal que a gente trabalha bastante. Tem também o Yakan e várias outras juventudes em ações mais pontuais. A gente tem dois membros indígenas, tem um amarelo que enfim descendência asiática e mas falando mesmo sobre essa questão do Fridays, a gente não tem um núcleo em si eu saiba composto por unicamente por pessoas indígenas, mas dentro do Fridays a gente tem o Aldeias pelo Clima, que eu imagino que você já deve ter conversado com a Adri e também tem a frente não-branca, que são pessoas não brancas mas não especificamente indígenas.

**Ana:** Essa frente não branca tem alguma região específica ou é um grupo de diversas cidades?

**Kenai:** Eles são um grupo nacional dentro do Fridays. É porque, é assim, você deve saber, mas a composição do FridaysBrasil são mais ações online e os núcleos compõem. Pessoas desse núcleo compõem o nacional. Então são pessoas de vários locais diferentes. Não fazem digamos ações presenciais, eles são mais um grupo dentro para abordar essas pautas de representatividade dentro da organização e enfim mais um safe-space.

**Ana:** Beleza, era mais pra entender a composição. Mas voltando pra atuação de vocês, eu vi aquela que tem agora uma ação das cestas, né? Eu queria até perguntar se vocês têm apoio de outras organizações para a logística desses trampos. Vocês recebem algum apoio pra poder realizar as ações?

**Kenai:** Então, uma das últimas ações que a gente fez eu imagino que você deve ter acompanhado é o do agrocestas de Xingu, né? A gente conseguiu um financiamento com o pessoal do SOS Amazônia Found que tá relacionado também com o Fridays, mas isso é uma

organização a parte que financiou a gente, então a gente teve o apoio monetário mesmo pra aquisição dos alimentos. A gente comprou os alimentos da reserva, uma forma de incentivo a agroecologia de cultura familiar. Aqui a gente tem a Resex Xingu e a Resex Ariri e gente adquiriu esses alimentos e a distribuição, principalmente a gente articulou com várias organizações daqui da cidade. Então por exemplo, associações de moradores a gente entrou em contato. A gente conseguiu contemplar doze bairros daqui da cidade Eu acho que a gente tá numa comunicação mais regional. Foi até um projeto muito legal pra gente conseguir conhecer mesmo os bairros. Então a gente onseguiu articular com doze bairros diferentes, movimentos sociais como o pessoal do MAB - movimentos atingidos por barragens, no coletivo de mulheres do Xingu que tá dando até mesmo um apoio logístico pra gente agora nessa questão de finanças, o Coletivo de Juventude do Médio Xingu que é um outro coletivo que divide a sala com a gente, então a gente sempre tá atuando com eles e o também tem um outro projeto muito interessante que é o o Aldeias, Aldeias Infantis.

**Ana:** Você vai pra sede de vocês todo dia?

**Kenai:** Nem todo dia. Na verdade eu estudo integral, né? Então fica meio complicado pra você conseguir. As ações se dão aos finais de semana, principalmente nos dias de sábado que a gente consegue se reunir. Mas a maioria das coisas a gente faz mais online. Por exemplo saindo daqui eu vou pra outra reunião com o pessoal pra gente terminar de preencher, a gente tem que mandar um formulário hoje, terminar de organizar o drive, fazer umas coisinhas, então a gente consegue ir tocando a maioria das coisas durante a semana de forma on-line e durante o final de semana justamente porque cem por cento assim dos membros JBF são estudantes então durante a semana é sempre complicado pra todo mundo, então a gente consegue articular, tirar duas, três horinhas por dia as vezes pra gente tá trabalhando e articulando alguma coisinha. Por exemplo, eu to indo pra UFPA, vou ter aula de tal a tal hora, saindo de lá vou falar uns lambes por ali ou distribuir, fazer uma panfletagem ou divulgar o evento e sei lá, final de semana a gente faz essas ações presenciais que demoram mais tempo, como mesmas ações do Xingu limpo.

**Ana:** E como você cuida da sua saúde mental, você consegue conciliar tudo? O que que pega mais?

**Kenai:** Então, está bem difícil, principalmente conciliar mesmo com os estudos. Porque eu tô agora no segundo ano do ensino médio, eu estudo pela manhã e durante a tarde eu também estudo num cursinho pré-vestibular e o projeto, por exemplo, do Agrocesta, ele demanda muito foco, muito esforço, né? Um projeto muito grande, então a gente precisou dedicar bastante tempo, bastante preocupação e por exemplo, essa eu tô em semana de provas agora então fazer esse projeto pré-véspera de prova. Sempre foi aquela agonia, tanto que eu não eu não tenho nenhum problema psicológico diagnosticado, não sofro com nenhum transtorno de ansiedade, depressão ou nenhum quadro clínico mas durante por exemplo sexta-feira que eu estava estava na escola e tive uma mini crise de ansiedade. Enfim, provocado mesmo por questões do projeto, medo de dar errado, Meu Deus, será que vai dar? Mas deu tudo certo. Mas essa questão de saúde mental é uma coisa que tem me preocupado principalmente depois desse caso, porque eu nunca tinha me visto tanto nessa situação. Eu vou dar uma desacelerada mesmo. Ano que vem que vai ser meu ano de vestibular, porque enfim, o estudante ele já é meio perturbado ainda mais em tempo de vestibular que já pega muito. Então, por exemplo, ano que vem eu pretendo passar a coordenação geral, né? Do JPF pra outra pessoa e ficar atuando mais pontualmente pra eu conseguir dedicar mais tempo pros estudos mesmo.

**Ana:** Já sabe o que você vai prestar de universidade?

**Kenai:** Sim, indo na onda do pessoal do JPF também vou prestar medicina. Porque assim, aqui na cidade mesmo de Altamira, a gente tem, não tem tantas opções de curso assim. Por exemplo, eu gosto muito de relações internacionais. Porém, eu quero morar aqui em Altamira, eu não me vejo fora do meu território e aqui eu não teria um mercado de trabalho pra isso. Teria que se mudar pra, por exemplo, ah, no mínimo pra capital Belém, sabe? Pra eu ter um mercado de trabalho que eu conseguia me inserir. Então, pra uma das coisas que, principalmente, se aproximando mesmo do pessoal que tá cursando, conseguir conhecer mais o curso, meu namorado tá no oitavo semestre agora. Tem uma outra organização aqui que é muito legal, que é o Saúde e Harmonia, Health Harmony. Eles atuam justamente com essa pauta social relacionada a saúde, saúde ribeirinha, saúde da população e é uma coisa muito bonita lidar diretamente com as pessoas, eu acho que essa é uma profissão que vai permitir lidar diretamente com isso e paralelamente não vai acabar o meu trabalho com ativismo. Então vou conseguir levar essa essa minha vida de ativista mesmo pra minha vida profissional.

**Ana:** Seu trabalho ativista começou muito cedo. Você falou treze anos mas por que? Que que te deu?

**Kenai:** Essa questão de proximidade foi mais uma questão mesmo de despertar, por mais que o ativismo não seja uma coisa por exemplo da minha família tem uma coisa mesmo de proatividade. Tem uma coisa que eu aprendi desde muito cedo que é, se eu posso fazer porque eu vou deixar pra outra pessoa fazer. Se eu estou disponível pra fazer, se eu tenho a capacidade pra fazer aquilo, por que que eu vou passar pra outra pessoa? Sendo que eu posso fazer, entendeu? Então eu sempre tive muita proximidade com a pauta ambiental, que foi uma das coisas que mais me aproximou assim, que mais me encantou. Desde muito cedo eu sempre fui apaixonado pelo meio ambiente pela fauna mesmo, a minha mãe ela é pedagoga e eu cresci dentro de escolas e universidades desde os meus cinco seis sete anos porque ela cursou também Ciências Biológicas, ela é formada em ciências biológicas e não tinha com quem me deixar e ela me levava pra universidade, pras aulas dela, pras aulas de campo também que eu era apaixonado, eu ainda tenho muita memórias dessa época e eu sempre tive uma proximidade muito legal nessa questão ambiental e também quando eu era pequeno mesmo eu nasci aqui em Altamira, porém a minha família ela veio de uma origem muito muito humilde. Hoje em dia a gente está com uma boa condição de vida. Mas eu lembro que a gente morava nos primeiros anos de vida foram em um vicinal. Você sabe o que que é?

**Ana:** Uh hm.

**Kenai:** Sim pois é então a gente vivia em casinha de madeira.

**Ana:** Em Altamira mesmo?

**Kenai:** Eu nasci em Altamira mas essa vicinal era perto da Vila Nazaré que foi um outro local que a gente morou. São vários vicinais. Então assim esses primeiros anos de vida eu tenho algumas memórias muito vividas. Meu pai ele caçava também. Que é uma prática muito mais comum assim pro interior e enfim sempre tive muito contato também com essa questão de animais silvestres. Não é uma coisa muito legal observando agora mas era

encantado quando era criança. Mais próximo do interior, olhando assim com uma visão mais crítica eu consigo ver plenamente os impactos que eu presenciava. De ver mesmo a mata pegando fogo de ver as árvores sendo derrubadas, de realmente tá ali sabe? Presenciando aquilo e é uma das coisas que a gente presencia até hoje. Acontece frequentemente assim de fuligens caírem próximas da cidade porque tem áreas próximas que estão sendo primadas. Então é uma coisa assim tão mais próxima do meu dia a dia. Então eu sempre tive mais essa proximidade com a área ambiental principalmente graças a minha mãe. E eu sempre tive esse interesse. Então quando eu fui pesquisar sobre aquele problema porque me bateu um desespero aquela coisa que o pessoal fala tipo meu Deus o que que está acontecendo e como que eu posso ajudar? Assim com treze anos eu comecei a tentar ver realmente o que que eu precisava fazer, o que que eu poderia fazer e eu lembro assim sem juízo nenhum, vendo aquelas coisas de bombeiros voluntários que não sei o quê, sabe? Realmente não sabia muito bem como funcionava. Mas desde essa época eu sou vegano. Nessa época foi a época que eu parei de comer carne, eu comecei a pesquisar mesmo sobre os impactos da agropecuária no desmatamento da Amazônia. Foi uma das principais pesquisas. Enfim uma das principais problemáticas na Amazonia é a questão da agropecuária. Eu tomei a decisão de tentar diminuir aquilo e parar de consumir proteína de origem animal, eh porque eu sabia que era uma coisa prejudicial ao meio ambiente e deu certo, enfim, já estou aqui veganismo há quase três anos. Eu acho que isso aí foi quando eu tinha uns quatorze anos assim. Pois é, aí eu eu fiz assim mudanças mesmo inicialmente no meu dia a dia antes de se engajar, com grandes organizações, de tá participando e conforme eu fui amadurecendo e aprendendo vendo mesmo dentro do ativismo a gente foi fazendo essas formações de advocacia, de campanhas, de formação, de eh enfim, tá participando mais ativamente, mas como posso dizer, mais articuladamente desses espaços.

**Ana:** Incrível. E pra encerrar também, que eu tô preocupada contigo também, e com as suas próximas atividades. Eu li em algum lugar que um dos projetos que cês fazem é sobre o resgate de uma memória de Altamira. Porque muitas pessoas que moram nos assentamentos não conhecem, não sei nem se é diretamente com você, mas eu lembro de ver numa matéria do Uol sobre Escolas pelo Futuro.

**Kenai:** É um dos projetos que a gente está desenvolvendo. Ele trata principalmente de educação ambiental, mas um dos principais focos dele vai ser fazer esse trabalho nas escolas das RUCs que é pra tu realmente trabalhar por essas crianças porque hoje em dia a gente tem uma geração de crianças que por exemplo cresceram dentro dos RUCs então se mudaram muito cedo e não tem memórias. Então a única realidade que elas conhecem é aquela que lhes é apresentada. Então tem muita gente com uma nova geração crescendo agora sem saber o que era Altamira antes de Belo Monte. Eu mesmo inclusive me mudei pra cá, a gente morava vicinal, depois a gente se mudou pra Nazaré depois mudamos pra Papajá e com sete anos eu vim aqui pra Altamira, isso foi em dois mil e quatorze e dois mil e quinze.

**Ana:** Foi bem na época de Belo Monte

**Kenai:** Foi bem na época assim que estava aquela loucura, sabe? Foi um dos motivos da gente se mudar pra cá por conta, enfim, tinha muito dinheiro rolando na região, oportunidade de emprego, oportunidade de crescimento, então a minha família veio pra cá. É assim, né? Uma das coisas também, nessa questão de Altamira, nesse contexto de Belo Monte, é uma questão de violência social também que ficou muito evidenciada. Foi um dos motivos também que mais me motivaram assim a criar o jovens pelo futuro, que é uma coisa que eu não sinto totalmente contemplada hoje dentro da nossa área de atuação, que é tentar

fazer o mesmo o resgate dessa juventude no contexto de violência. Eu acho que tem muita coisa que aconteceu de Belo Monte, dos impactos mesmo aqui na cidade eu acho que uma das principais dela foi o roubo mesmo da infância das crianças. Altamira é uma das cidades mais violentas do mundo, por muito tempo ela ocupou o primeiro lugar a quantidade mais violenta, mais violenta do mundo não, mais violenta do Brasil. E eu acho que hoje é a segunda cidade ou é a terceira com maior número de assassinatos por cem mil habitantes. Então assim, tem muita essa questão da insegurança mesmo aqui na região desde de muito cedo, então principalmente as crianças aqui da região não tiveram tanto aquele contato de estar brincando na rua sabe? Isso desde muito cedo. Hoje a gente, hoje em dia, a gente já vê isso refletido por conta de todas as mudanças geracionais mesmo, mas a questão de segurança mesmo dos jovens de poder fazer aquilo, sabe? Então assim, a gente teve muito com toda movimentação financeira, o crescimento populacional assim, foi uma loucura, o Belo Monte foi uma loucura, e foram mais de oitenta mil pessoas trabalhando no pico da obra na sua grande maioria, pessoas vindas de fora. Então, foi como se colocassem a cidade dentro de outra cidade. E Altamira após o fim de Belo Monte mesmo da construção, ela teve um aumento populacional de trinta mil pessoas. Após o fim da construção, enfim, basicamente foram oitenta mil pessoas demitidas. Imagina, acabou o serviço, que que você vai fazer agora? Você se mudou pra uma nova região, e o que que isso ocasionou? Isso refletiu muito na questão da pobreza mesmo na região. Teve muita pessoa, muito desemprego e isso ocasionou o aumento da violência na região. Consequência de tudo que aconteceu. A gente vê hoje uma geração que já tá crescendo com as consequências de tudo isso. E eu acho que assim, Belo Monte é um dos maiores crimes ambientais e sociais deste século, sabe? Senão da história do Brasil. Porque foi uma coisa que teve um impacto muito severo sobre a população e a gente tentar ajudar pelo menos um pouco foi um dos motivos que eh que impulsiona mesmo a nossa luta, impulsiona os nossos projetos. Então assim, o Escolas pelo Futuro é um projeto que a gente tá eh tentando conseguir financiamento, a gente vai, na verdade já tá tudo escrito, a gente fez ali modelo universitário, tudo bonitinho, aquelas coisas e a gente tá finalizando o orçamento justamente porque agora a gente tá no Agrocestras, a gente não pegou um dois projetos ao mesmo tempo grandes e agora a gente vai dar uma atenção mais especial pra ele, pra gente tá montando todo esse material pra gente começar a executar ele. A ideia inicial é que eles sejam formações de seis meses em escolas. Então pra gente fazer um acompanhamento por exemplo de escolas de ensino fundamental, a gente quer fazer por exemplo pegar um tempo ou dois tempos a cada, sei lá, quinze dias ou a cada semana, depende muito da disponibilidade da escola, e oferecer essas formações, essas oficinas pra esses jovens dentro mesmo do ambiente escolar.

**Ana:** Você se sente realizado ou sente que a luta vale a pena?

**Kenai:** Olha eu fico muito feliz assim às vezes de ver o que o JPF está se tornando. De como isso tem impactado mesmo. Porque assim mesmo numa versão micro, né? Impactando por exemplo, cada membro. Até mesmo do crescimento pessoal. Eu acho que o projeto do Agrocestras foi um dos projetos que me fizeram chorar, porque eu vi que por mais que não seja uma ação a longo prazo, que a gente não vai resolver um problema, a gente conseguiu ajudar muita gente Nem que seja com pouquinho. Mas assim eu fico muito feliz de ver o crescimento mesmo das pessoas do JPF, dessa experiência de como participar e se engajar em projetos mudou de certa forma a visão de mundo e a vida de alguns jovens. Por exemplo principalmente jovens que estão no ensino médio, a Júlia por exemplo, uma das nossas membras. Ela falou assim que uma das melhores coisas que ela fez na vida dela foi entrar pro coletivo porque assim dá um propósito, te dá uma uma razão pra tu pra estar lutando por algo que tu acredita tu sabe que tu está tendo um impacto real e até mesmo

nessa questão de desenvolvimentos, por exemplo, uma das questões de mais me deu realmente crescimento pessoal dentro do ativismo, foi ter participado do Fridays, foi ter me aberto para se comunicar, foi ter mesmo ter essa oportunidade por exemplo de dar palestras, de dar formações, de tá participando, de ter uma voz mais ativa, de realmente saber falar, estudar sobre essas essas pautas de maneira correta, foi muita formação pra chegar no ativismo. Ativismo tem muito estudo também. Apesar de não ser o ensino formal, mas a gente tem que saber do que a gente tá falando especificamente, a gente tem que saber defender as nossas ideias Então é mesmo questão de coisas que eu vou levar pra vida assim. Eu sou um é uma pessoa eh por exemplo olhar quem eu era antes de entrar pro Fridays e quem eu sou hoje. É uma coisa que realmente mudou o rumo da minha vida. Eu não imaginaria onde iria parar hoje, o que seria o JPF?

**Ana:** Tem amizade no JPF?

**Kenai:** Uai, com certeza, não tem como não ter. Ah, assim, principalmente, eh, por exemplo, com o Agro Cestas, a gente teve que escolher três mobilizadores pra gente tá trabalhando. Então assim, a gente se aproximou muito da Olivânia que é minha vice-coordenadora e tal, a gente já tinha contato obviamente, mas assim, a gente realmente cria esse vínculo de amizade. Porque a gente não tem como trabalhar com a pessoa, sei lá, vinte horas por semana, teve semana que a gente já trabalhou assim tipo continuamente quando eu estava de férias a gente ia todo dia eh pela tarde ou então pela manhã algum período pra gente ir pra pra sede do coletivo pra gente estar trabalhando ou então a gente tá mesmo em reuniões conversando. Então uma coisa que fortalece muito esses vínculos de amizade. A Olivânia também é uma que fico feliz mesmo de ver o crescimento porque ela era muito tímida, ela não falava em público então assim vê que a hoje ela se sente confortável e ela se sente a vontade de primeiro tá falando sobre essas pautas, tá expressando a voz dela. Coisas muito legais que a gente vê mesmo de como o ativismo pode transformar a vida dos ativistas também além de todo impacto que a gente tem pra comunidade.

**Ana:** E participar da política, vocês pensam? Você pensa nisso? Em algum momento, como médico formado?

**Kenai:** Eu imagino, na verdade assim uma das coisas que nessa questão mesmo de escolha de profissões, não era nem tanto essa questão de faculdade que me preocupava, era com o que eu queria trabalhar. Então assim pra mim eu sempre selecionei dois caminhos pra eu seguir na minha vida. Ou eu vou pra área ambiental, vou pra área da política. Ou, por exemplo, se eu faço direito, por exemplo, passei pra direito. Eu tinha ganhado bolsa. E se eu fosse pra essa carreira política eu seguiria uma fazer, faria uma faculdade que me capacitaria pra isso, como faria direito, relações internacionais, ciências políticas ou ciências sociais. Eu sempre tive muita vontade de trabalhar com a área da saúde. Eu queria muito ser biomédico também, mas também não, a gente não tem universidade pública de biomedicina aqui. Então medicina é o curso que mais se encaixaria com o que eu quero trabalhar.

**Ana:** Muito obrigada pelo papo eu vou te deixar aí fazer suas tarefas. Agradeço muito sua disponibilidade numa terça à noite falar comigo, assim tanta coisa. É muito incrível mesmo o seu trampo. Todas as notícias que eu tiver da minha pesquisa eu te mando também. Será que te nomeio como Kenai ou Gabriel dos Santos, talvez seja melhor, talvez até os dois, né? Seu nome, em ambos, porque todas as pessoas que te conhecem de jeitos diferentes vão saber que é a mesma.

**Kenai:** Ana mas assim muito obrigado foi um prazer falar contigo e até desculpa mesmo sobre essa questão de enfim ter demorado tanto meu estava corridíssimo nesses últimos dias mas a gente conseguiu se encontrar deu tudo certo e eu vou falar com a Oli te passo qualquer outra informação sua pesquisa for publicada pode mandar que vai ser um prazer ler também, tá?

**ENTREVISTA TRANSCRITA n° 3**

**Entrevistado(a):** Renata Padilha e Mikaelle Farias

**Data:** 17 de agosto de 2022

**Entrevista realizada online, via aplicativo Zoom**

**Ana:** Vocês querem começar se apresentando, e contar de que grupo vocês fazem parte? Talvez, assim, fazemos primeiro a Renata, depois a Mikaelle.

**Renata:** Claro, pode ser. Bom, eu sou Renata Padilha, eu sou advogada pelo clima do Rio Grande do Sul. Faço parte do Eco pelo Clima, que é um movimento, é um grupo estadual do Fridays for Future lá no sul do país. Eu tenho vinte e sete anos, sou formada em Relações Internacionais e trabalhei as agendas, acordo de Paris e os objetivos de desenvolvimento sustentáveis da ONU.

**Mikaelle:** Ah, agora sou eu.

**Renata:** Sim. Você que comentou alguma coisa, né? A Mika fala bastante, tá? Então às vezes dá uns cortes, né?

**Mikaelle:** Meu nome é Mikaelle Farias, eu tenho vinte e um anos, sou de João Pessoa na Paraíba. Eu sou ativista e militante, hoje eu atuo em justiça climática dentro de transição energética. Também sou estudante eu faço graduação em engenharia de energias renováveis na UFPB é ah eu hoje eu atuo dentro do Fridays for Future MAPA que é o pessoas e áreas e mais afetadas. E também atuo dentro do Nordeste pelo Clima, que é como se fosse uma coalização do Fridays na região do nordeste pra gente realmente se entender como pessoas de uma área afetada aqui no Brasil eh que é uma das áreas mais afetadas pelos impactos da mudança do clima e acho que resumindo muito é isso sabe? No ativismo eu estou dentro do meu território no nordeste pelo clima e também dentro do FFF MAPA.

**Ana:** O que vocês estão fazendo juntas no mesmo quarto de hotel, só por curiosidade?

**Renata:** Então, nós fomos convidadas para fazer parte de um projeto que se chama Geração Reels onde nós somos mentoras a gente vai contar a nossa história no ativismo pra inspirar outros jovens a serem ativistas socioambientais também é através da tecnologia. Então vai ter todo um processo onde o pessoal vai aprender a usar as redes sociais pra fazer ativismo.

**Mikaelle:** Engraçado é que eh esses eventos acabam conectando muita gente. Foi a segunda vez que eu encontrei a Renata pessoalmente. por conta desses eventos que acabam conectando a gente de alguma forma. Eu acho que esse em específico que é o festival do Movimento Cidade acho que tem uma proposta muito legal que o que inspira a gente a pensar em um futuro e o que pode levar também a inspirar outras pessoas outros jovens a pensar em um futuro sabe? A principalmente a ver outros mundos, a ter outras visões.

**Ana:** E no caso de vocês duas, vocês entendem que a entrada no ativismo foi pelo Fridays for Future? Vocês conseguem meio que contar um pouco qual foi a trajetória?

**Renata:** A minha relação com o meio ambiente e querer proteger o meio ambiente começou durante as minhas aulas no ensino fundamental e no ensino médio onde eu felizmente tive acesso a educação ambiental. Então foi lá aonde eu aprendi eh o que que é aquecimento global, o que que era as mudanças climáticas, nós fazemos projetos na escola pra acabar com os lixões, eh marchas dentro do meu bairro eh eu sou de um bairro periférico de Porto Alegre que se chama Restinga que fica uma hora, quase uma hora e meia do centro de Porto Alegre e então a minha relação com eh meio ambiente começou aí o meu primeiro ativismo com questão ambiental foi quando eu fiz parte do grupo Greenpeace de Porto Alegre. Antes eu já tinha feito alguns outros trabalhos voluntários, mas não era tão focados na questão do meio ambiente. Fiz parte do Greenpeace, depois eu comecei a estudar relações internacionais. Pra trabalhar com assuntos ambientais internacionais, pra trabalhar com agendas internacionais que eu sempre eh eu sempre vi que pra gente conseguir transformar, pra conseguir tá dentro desses espaços de debates de acordo de Paris, de demandar, de encher o saco mesmo dos nossos legisladores. A gente teria que estar nesse espaço e também se organizar eh dentro do nosso espaço local também, e então fui pra Pelotas aonde eu fiz toda a minha graduação lá na UFEPEL. Minha graduação uma parte dela na gestão ambiental aonde eu desenvolvi pesquisa com base nos objetivos da ONU, gênero, eh juventude e meio ambiente. Então entender se existem esses jovens, essas jovens mulheres dentro desses espaços de tomada de decisões focado nessas questões das agendas socioambientais. Foi onde eu me conectei com o grupo AIESEC. Fiz parte da AIESEC. Fui diretora de marketing e de (inaudível) lá e logo depois eu fui pra Youth Assembly que é um evento lá em Nova Iorque que reúne jovens de várias partes do mundo pra debater os desafios do mundo e como nós como juventude organizada dentro do nosso território nós conseguimos transformar né esse cenário que a gente se encontra. Depois que eu voltei desse evento, eu não sabia que existia um FFF Brasil, acho que era algo muito novo ainda.

**Ana:** Isso em 2019 ou 2020?

**Renata:** Foi fevereiro de 2020. Estava iniciando. E eu peguei e fiz uma plaquinha. Vamos falar sobre mudanças climáticas e fui pra frente da maior praça lá de Pelotas. Três semanas depois o meu colega Jonathan eh sentou ali comigo, ele não me conhecia, ele me viu nas redes sociais, sentou ali e falou vamos fazer isso juntos. Era ainda Fridays for Future Pelotas que a gente chamava, eh depois né dessas três semanas um colega meu o Daniel que fazia parte do Fridays Brasil disse 'Renata existe isso aqui vamos cola junto vamos trabalhar juntos' e tudo mais mas foi esse momento em que eu e o Jonathan e depois tinha chegado a Geane também, gente acaba conseguindo eh outras pessoas no movimento lá em Pelotas A gente acabou pensando, nossa, quais são os nossos objetivos, né? Então, primeiro que a gente quer falar com as pessoas mais afetadas pela crise climática, a gente não pode simplesmente jogar essas pessoas com o nome em inglês, né? Com o nome que não me diz nada. Fridays for Future não me diz nada. Não precisa entender o que que é aquilo. Então, nós começamos a criar outros objetivos. O que que a gente quer? A gente quer ecoar pelo clima do nosso estado. Então a gente quer que cada vez mais jovens estejam organizados pra demandar soluções pro nosso futuro comum. A gente quer tá em debate com nossos legisladores, a gente quer exigir eh medidas, a gente quer pressionar essas pessoas e o terceiro é levar essa educação climática pras pessoas, seja através de workshops, seja através das marchas que a gente faz, seja através dos conteúdos que a gente cria pras redes sociais, a gente vai estar em contato com essas pessoas, estarem em contato com as nossas comunidades trabalhando pra trazer cada vez mais medidas, pressionando, tivemos já várias vitórias e também muitas derrotas no Rio Grande do Sul mas eh a gente nunca desiste, entraram membros novos agora a gente está com bastante coisa pra fazer e agora na última

semana eu voltei pra Youth Assembly como uma das dez finalistas no prêmio Young Global Citizens do evento aonde eu apresentei o projeto pelo clima, que se chama periferia pelo clima, onde o nosso objetivo é apresentar a cidade a cidade de São Sepé, ela foi a segunda cidade no Brasil a decretar emergência climática e foi onde a gente fez uma marcha, a maior marcha do da greve global pelo clima no Brasil foi lá com mais de quinhentas pessoas. Do Rio Grande do Sul inteiro numa cidade de vinte mil habitantes pra gente trazer visibilidade pra esse decreto e o nosso projeto, um dos nossos projetos que a gente está tocando agora é pra fazer que São Sepé seja um exemplo de como outras cidades, inclusive capitais, devem combater a crise climática. e agora nós estamos aqui pra representar o Eco pelo Clima e fazer com que outros jovens se engajem nos desenvolvimentos socioambientais.

**Ana:** O que se passava em São Sepé? Pode contar um pouquinho?

**Renata:** São Sepé é uma cidade que fica a quatro horas de Porto Alegre e uma meia hora de Santa Maria. São Sepé é uma cidade onde é um território indígena, né? Tem toda uma história indígena ali. E é uma cidade que vem sofrendo com mineração ao redor. Lá tem um grupo que se chama São Sepé Sustentável, que é um grupo que sempre batalhou por mudanças dentro da cidade e o prefeito de São Sepé é um prefeito que realmente quer trabalhar para justiça social. Quer fazer coisas diferentes dos prefeitos que a gente vê hoje em dia, inclusive dos de Porto Alegre. E aí no ano passado, com o apoio técnico da 350org, eu esqueci de falar que eu também faço parte da 350.org A gente ajudou eles a fazerem esse decreto de emergência climática e através desse decreto agora olha tudo que a gente fizer, todas as modificações que nós fizermos na nossa cidade agora nós vamos levar em consideração o contexto de crise climática. Através desse decreto a cidade conseguiu barrar um projeto de mineração que ia acontecer ali ao redor e felizmente hoje a cidade continua trabalhando pelo decreto. Nós fizemos uma visita agora nesse ano lá. Tem muita coisa acontecendo e tem muita coisa pra acontecer e o projeto do Eco Pelo Clima visa voltar pra lá pra fortalecer cada vez mais, criar um núcleo do Eco lá pra fortalecer, dar esse apoio pra prefeitura e ficar de olho também nessas empresas, porque por mais que tenha um decreto, por mais que a gente tenha feito a maior greve global do Brasil lá, essas empresas ainda querem conseguir suas licitações pra esses projetos destrutivos.

**Ana:** E vocês têm diálogo direto com essas empresas? Vocês sentam na mesa pra conversar, já chegaram a ter alguma conversa direta? Como vocês fazem isso?

**Renata:** No eco pelo clima a gente tem pessoas de quatorze a vinte e sete anos (inaudível) e esses encontros que a gente tem com essas empresas ou ele se dá por por uma parte uma via online né? A gente manda e-mail, a gente manda cartas e tudo mais, ou vai em espaços e eventos onde eles estão também. Ou através da 350.org. Então por exemplo, no ano passado a gente estava junto da campanha contra a Mina Guaíba que seria a maior mina de carvão a céu aberto da América Latina que estaria dez quilômetros de Porto Alegre. E isso dentro de um território indígena também. Eh então dentro dessa campanha junto com outras organizações nós fizemos diversas pressões ah tentamos conversar com o governador Eduardo Leite mas ele falou assim olha né a gente não vai conseguir eu não vou conseguir me reunir contigo mas ves podem conversar com o nosso secretário de infraestrutura e meio ambiente que é amigo de petroleiras, a gente pode conversar com vocês no dia doze de outubro que é o dia das crianças. A gente achou isso um absurdo, né? Enfim, até hoje não teve esse diálogo, talvez agora se a gente tentar um diálogo com o Eduardo Leite, talvez ele ia querer, né? Porque está tentando se reeleger lá no nosso estado. Mas aí são nesses espaços assim, sabe? Ou como nós temos ativistas muito jovens, a gente se preocupa muito com isso

também né? Então até que ponto eu posso cobrar uma coisa de uma pessoa de quatorze anos e o quanto eu posso cobrar uma coisa de uma pessoa de vinte anos, né? Então a gente também tem isso muito claro.

**Ana:** E você Mikaelle? Vários ativistas com quem eu conversei falavam, ‘ah, eu comecei a organizar por conta própria, mas eu vi que já tinha um movimento no Brasil rolando’ e eu não consigo achar o rastro de quem começou o movimento, sabe? Não sei se você tem essa informação.

**Mikaelle:** Acho que antes de contar a minha história eu só vou pegar um gancho sobre o Fridays aqui no Brasil. Não sei se vocês sabem, mas tem o Engajamundo, que já é um movimento de jovens que atua há alguns anos aqui no Brasil. E algumas pessoas que faziam parte do Engaja começaram a ver as movimentações do Fridays for Future na Europa e a Greta em Estocolmo, né? E tudo começou com a greve global pelo clima que aconteceu em dois mil e dezenove porque a gente faz duas greves globais anualmente, e aí essa última greve global que aconteceu em dois mil e dezenove foi o início do movimento aqui no Brasil, realmente fechou o movimento aqui no Brasil vamos fazer essa greve aqui e foi a que a gente começou a fazer articulações com organizações e começar a movimentar como é que a gente poderia consolidar um movimento de jovem para além do Engajamundo, no caso, o FFF aqui do Brasil. Eu acho que foi a partir disso que tudo começou. Eu não tenho nomes de pessoas em específico que começaram o movimento aqui, das greves, né? Que passou por essa da primeira greve aqui no Brasil, mas foram alguns ativistas da organização do Engajamundo.

**Renata:** Então, podemos falar da Naiara pra ela.

**Mikaelle:** É que a Naiara que também é uma amiga nossa, ela fez parte de toda essa articulação né? E pra puxar essa dobradinha que foi que. Travou?! Foi. Sua internet tá ruim. Talvez a Mikaelle tem que chegar um pouquinho mais perto da tela.

**Renata:** Agora vai.

**Mikaelle:** Tá, e aí foram essas pessoas que iniciaram o movimento aqui no Brasil. E como eu comentei, a Naiara, que é uma amiga nossa, foi uma dessas pessoas que estavam à frente da articulação dessa greve em 2019 aqui. E foi a partir disso. Mas, assim, eu costumo falar que eu comecei nessa jornada, eu consigo falar que meu ativismo começou muito antes de eu estar aqui em vida, sabe? Porque enfim sou mulher negra, eu acredito que é uma história que veio muito antes. De eu estar aqui presente mas eu realmente comecei a ser ativa nessas pautas de 2019, e foi também quando o Fridays iniciou aqui no Brasil, mas foi mais por algo territorial, quando houve o derramamento de petróleo no litoral Nordeste e a minha cidade que é João Pessoa onde eu moro foi uma das cidades atingidas. Eu moro perto de uma comunidade pesqueira que foi super afetada e eu eu comecei a me perguntar porque ninguém está fazendo nada pra reverter essa situação, sabe? As pessoas tinham que estar indo à praia pra retirar aquele resíduo com a as próprias mãos porque o governo não estava fazendo nada em relação, e foi significativo pra mim tentar ajudar aquelas pessoas pra tentar ajudar também os animais que estavam sofrendo né? Por conta do óleo. E eu comecei a pesquisar mais sobre aquilo o que foi que tinha feito aquilo acontecer e porque as pessoas estavam fazendo isso? Porque o governo não estava agindo, como é que faz? E aí foi que eu entrei no termo ‘climático’, e também veio a questão da transição energética, e também eco ansiedade, que foram termos que eu pesquisei muito e daí foi que encontrei o racismo

ambiental, que até então é um tema um pouco falado mas que eu acredito que por conta da pandemia foi um tema que foi se intensificando muito, o racismo ambiental né? Quais são as comunidades mais vulneráveis e quem são as pessoas mais afetadas por isso? Eu comecei a me articular muito aqui dentro do meu território e começar a ver os problemas que existem no nordeste brasileiro, sobretudo na minha região, e ver como é que eu poderia fazer alguma coisa pra tentar mudar ou pra tentar mobilizar mais jovens pra conseguir fazer uma mudança. Aí eu conheci o movimento do Fridays for Future e eu falei, cara, eu acho que eu quero fazer parte desse movimento, é um movimento de jovens, um movimento de pessoas que pensam e agem como eu, e eu quero me conectar com essas pessoas. Aí eu entrei pro Fridays e comecei a fazer parte do Greenpeace, colaborar com o pessoal do Brasil, e comecei a postar essas conexões. Hoje, especificamente, eu tô atuando mais dentro do Fridays for Future MAPA, que é o mais voltado ao Sul Global, que são as pessoas mais afetadas no sul global. E também dentro do meu território. Quando eu iniciei, eu era a única representante do Fridays Brasil, era a única pessoa da Paraíba, e eu falei, cara, não dá pra mim fazer alguma coisa aqui sozinha, né? Então eu iniciei a criação de um núcleo do Fridays Paraíba lá na minha cidade lá em João Pessoa, e aí hoje a gente tem mais de trinta e cinco ativistas que colaboram dentro do Fridays for Future Paraíba. Tem articulações de projetos, de campanhas e uma coisa bem ética que a gente conseguiu fazer, que eu acredito que foi uma das maiores coisas que já aconteceu no Nordeste, em relação assim ao ativismo, a ação foi em 2021, no caso ano passado, a gente fez a primeira conferência do Nordeste pelo clima onde a gente reuniu mais de cem ativistas de todas as regiões nordeste pra falar sobre território, sobre áreas mais afetadas, e como é que a gente poderia reverter toda essa situação. Um exemplo disso é que o nordeste brasileiro é a segunda região do país com o pior índice de saneamento básico. Isso é um caso gravíssimo de racismo ambiental, porque a gente não tem o básico pra conseguir suportar tudo que vem por aí, tipo pandemias, crises e várias outras coisas. E a gente se reuniu pra ver o como é que a o que a gente poderia fazer pra reverter essa situação, pra tentar ajeitar agora em um ano nas vésperas de um ano de uma eleição nacional. Como é que a gente pode fazer pra ver candidato, ver pessoas que tem um cargo maior dentro da política e que possam nos ajudar a mudar toda essa nossa realidade que a gente vive hoje lá dentro do nordeste brasileiro. Eu acho que dando uma resumida foi isso assim que eu comecei e é nisso que eu estou até hoje.

**Ana:** O MAPA é um núcleo internacional? Tem outros países envolvidos ou está focado no Brasil?

**Mikaelle:** Então, todos os países que compõem o Sul Global hoje fazem parte do MAPA. A gente entende que o norte global é os países que mais poluem, e o sul global é os países que mais são afetados por essas crises. Então dentro do contexto do internacional a gente decidiu se dividir em dois, então existe o LAPA, que são os países e as áreas menos afetadas do mundo, que são os países norte global, e tem um MAPA, que são as pessoas e as áreas mais afetadas. A gente fez essa divisão mesmo que pra gente se entender como pessoas jovens mais afetadas, e o que a gente poderia fazer pra avançar dentro da nossa luta, tendo que existir várias realidades e vários contextos territoriais dentro do sul global. Por exemplo, o Brasil é totalmente diferente do continente africano em relação à lutas, né? Mas tem coisas que nos conectam de alguma forma. As lutas que a gente tem são transversais por mais que elas tenham nomenclaturas diferentes a gente se consegue enfim conectar de várias formas. Então assim, a gente criou realmente o MAPA pra se entender, né? Pois como é que a gente poderia se fortalecer dentro do Sul global, criando um movimento pra gente realmente cobrar dos países que mais poluem, sabe? Que são os países de norte global, como é que a

gente faz essa movimentação em cima pra realmente colocar nossos corpos presentes dentro desses espaços.

**Ana:** E tem um diálogo bom entre LAPA e MAPA? Por que eu fico pensando na figura do Fridays for Future global, a figura da Greta, da Luiza, esses nomes que acabam roubando a cena. Como que vocês vem essa relação? É bom trabalhar junto ou não?

**Renata:** É benefício, é.

**Mikaelle:** Eu acho que, levando em conta as imagens, a mídia é muito mediática, né? Ela sempre precisa de um herói ali pra puxar todas as outras coisas. Eles colocam dentro do ativismo a Greta como heroína, né? Eles precisam de uma pessoa de uma figura pra conseguir custar todas as outras. Isso é uma coisa muito ruim porque a gente não tem só ela dentro do movimento, é algo que a gente já vem discutindo há muito tempo, inclusive é motivo de brigas dentro do movimento. Como é que a gente desconstrói todo esse pensamento, essas ideias coloniais, né? Que existe uma pessoa branca ali, que ganha mais visibilidade do que outras pessoas que são mais afetadas, do que outras pessoas que tem narrativas totalmente diferentes. Então a gente tem muitas discussões sobre isso também. Porque o nosso movimento é um movimento elitista, com a maioria das pessoas brancas, um movimento que tem um berço europeu, então a gente encontra muitas dificuldades em discutir esses temas, porque são pessoas que têm culturas que as vezes que não se abrem tanto para conhecer sabe (inaudível) ativistas que trabalham com essa pauta, mas talvez não por conta da cultura mas por conta do país que vivem, às vezes não se dá muita abertura pra conhecer outras realidades. A gente acaba encontrando várias barreiras ali, sabe, pra tentar conversar com essas pessoas. Inclusive está tendo uma discussão agora que tem um grupo (inaudível) que são as pessoas não brancas, negras, indígenas, pessoas LGBTQIA+. A gente está tentando ver como é que a gente faz isso, porque existe o MAPA, e algumas dessas pessoas também fazem parte do norte global, pessoas negras, e como é que a gente faz colocar essas pessoas dentro do contexto do MAPA porque querendo ou não são pessoas que tem o histórico, são pessoas marginalizadas, pessoas não brancas, tem um histórico eh enfim que não é assim contextualizado de uma pessoa branca e europeia e como é que a gente ouve essas pessoas dentro do mapa, como pessoas afetadas também. Então assim, a gente tem vários contextos com isso dentro da relação entre mapa e lapa a gente não tem uma relação assim tão legal porque às vezes a gente quer impor coisas tipo temas de greves globais, o mapa tenta mas sempre tem uns europeus tipo movimento dado pra isso, o Fridays Alemanha que tem a Luiza é muito consolidado e ele sempre tem um poder maior dentro do Fridays do que os outros movimentos então eles sempre acabam se sobressaindo em muitas coisas. Então a gente acaba tendo muitas questões em relação a isso sabe? E até um contexto que esses movimentos da Europa principalmente é o da Alemanha é a Alemanha acabam conseguindo mais coisas e às vezes eles já foram coisas deles conseguirem sei lá como foi pra cop, a conferência do clima lá, a cop26 eles conseguiram uma quantidade absurda de credenciais e era para eles distribuírem essas credenciais entre os países do mapa, sendo que eles não distribuíram nada, que ficaram pra distribuir entre os europeus, sabe? Entre os amigos deles. Então eu vi várias questões dentro disso sabe A gente tem essas sub divisões entre o mapa e o lapa mas é algo que a gente ainda tenta brigar todos os dias pra tentar se conectar de alguma forma, pra tentar falar olha a gente está aqui, a gente não quer que vocês entendam a gente, a gente quer que vocês compreendam todas as nossas realidades porque não só basta assim sabe.

**Renata:** A gente tem que entender que tem espaço pra todo mundo, né. A gente tem que estar junto numa causa só. E é muito do que a Mika falou, sabe? Porque nesses espaços as pessoas geralmente não querem perder o seu espaço de privilégio. e é isso acaba criando uma barreira de compreender porque que também é importante eu dar espaço para a pessoa da América Latina falar essa é uma barreira que existe ainda dentro. Acho que em todos os movimentos existem essas barreiras de um querer mais protagonismo que o outro, e infelizmente é uma coisa que a gente vê dentro do movimento ambientalista

**Mikaelle:** é porque infelizmente a gente eu costumo dizer que a bolha do clima assim é uma bolha ainda muito colonialista, é uma bolha muito branca, muito elitista e talvez essas pessoas elas só queiram perder o privilégio delas de acessarem tantos espaços, sabe? que a gente está se organizando agora pra ir pra cop 27, e a gente desde o final do ano passado quando a gente viu os problemas que a gente estava com a Cop vinte e seis dentro do movimento do Fridays Internacional a gente esse ano a gente está priorizando pra dar prioridade pra COP27 pra ter pessoas ativistas do continente africano e da ásia. Então a gente está tentando trabalhar muito com o Lapa tentando várias brigas aí, quebrando várias barreiras pra tentar eh conseguir o máximo de apoio pra esses ativistas, sabe? Do ponto de vista africano e do continente asiático também Porque assim, é uma coisa que não dá sabe? Pra pessoas brancas conseguirem ter esse privilégio

**Ana:** Quando você diz sobre decidir junto dar visibilidade pro continente africano e asiático, você diz no sentido de quem vai ser o jovem por exemplo que vai falar?

**Mikaelle:** É, no sentido de levar o máximo de pessoas que moram nesses lugares, sabe? E não de ter apenas uma pessoa que vai lá e falar, mas se como é que a gente consegue fazer com que não só uma pessoa desse continente mas que sei lá um grupo de pessoas desse continente consigam chegar e consigam ter acesso a esse espaço, que é um espaço de muito privilégio que é a COP e nem todo mundo consegue estar. Sabe, como é que a gente faz com que mais pessoas desses lugares tenham acesso a esse espaço.

**Ana:** E como se dá essa negociação, essas conversas? São conversas de Zoom que vocês fazem?

**Mikaelle:** Sim, são conversas de Zoom. Nossas reuniões do Fridays nacional, enfim, são via Zoom que onde a gente sempre se reúne, sempre está se articulando. Quando a gente chega dentro desses espaços presencialmente, que a gente se conhece, a gente costuma ter reuniões presenciais até pra discutir alguns assuntos mais a fundo né? Que a gente está ali cara a cara então a gente gosta também quando chega dentro desses espaços tentar se reunir o máximo possível presencialmente, pra gente ver o como é que a gente está indo, como é que a gente está avançando dentro do movimento, o que a gente tem que melhorar.

**Ana:** Eu vejo vocês sempre sendo convidados pra falar em diversos eventos pra representar. Vocês sentem uma cooptação ou uma tentativa ou uma tentativa de usar a imagem de vocês pra limpar a barra, ou pra usar a imagem de vocês, vocês sentem isso?

**Renata:** Eu posso falar mas acho que isso vai mais pra ti (Mika) assim. Porque eu nunca fui numa cop, nunca fui convidada pra ir pra COP, os eventos internacionais assim, os eventos internacionais que eu vou é mais Youth Assembly e tudo mais. Mas eu acho que isso se dá muito porque eu não atuo tanto no Fridays for Future por exemplo. Né? Eu não estou lá dentro porque eu escolhi me conectar mais com o meu estado no Rio Grande do Sul. Porque

tocar o eco pelo clima eh já era algo muito forte, é algo que tem que estar ali todos os dias e é um trabalho não remunerado que às vezes tu né? Ou tu surta né? Então tem que escolher em quais espaços tu quer se mobilizar. Então eu acabo escolhendo por eh transformar mais a minha realidade, o meu local e eu por exemplo eu não me coloco tanto o objetivo, né? De ir pra cop, ir pra eventos internacionais, sempre representar o Brasil. Se eu não estou fazendo tipo, se eu não estou me engajando a minha juventude na minha cidade, no meu estado, sabe? Então pra mim, claro, seria muito incrível ir pra uma cop porque é um momento histórico, né? A gente está lá, a gente vê a a história acontecendo. Mas é algo que pra mim, por exemplo, não faz muito sentido. porque o lugar que eu quero estar é ali no Rio Grande do Sul, é ali com o eco pelo clima, é ali com as comunidades periféricas, é ali com o meu bairro, nas escolas, sabe? Então eu sou uma pessoa que eu não eu não dou muito valor pra aparecer em jornal, pra aparecer em alguma coisa, sabe? Isso não faz muito sentido assim na minha vida, mas ao mesmo tempo eu vejo que existem realmente organizações, existem jornais, existem diversas instituições que se utilizam dos jovens pra trazer uma pauta. Mas olha estamos trabalhando com os jovens. Ah e vamos fazer um protesto aqui e vamos chamar o pessoal pra fazer isso aqui não necessariamente tem uma responsabilidade, tem um comprometimento com a causa eh jovem eh socioambientalista climática. Mas é mais porque quer ter uma (inaudível) oportunidade, quer ter oportunidade de engrandecer cada vez mais a sua instituição, a sua organização. Então infelizmente isso é uma coisa que existiu muito. Mas a Mika pode falar mais sobre isso porque ela esteve presente em mais espaços e eu acho que ela teria mais propriedade.

**Mikaelle:** Eu acho que é isso mesmo. Eh eu já passei por outras situações, acho que uma delas me marcou muito foi ano passado inclusive na COP. Eh eu e outros ativistas e a gente escreveu o manifesto sobre a educação climática no qual a gente reivindicava educação climática dentro das instituições de ensino aqui do Brasil e a gente fez todo um trabalho dentro da COP com repressão dos políticos brasileiros e muitos desses representantes não eram representantes que estavam ali eh de fato querendo promover uma agenda ambiental. Eles só estavam querendo se aproveitar da situação do contexto de conferência sobre mudanças climáticas pra se autopromover, sabe? Eles como pessoas e não como candidatos a serviço da população. ela chegou muitos representantes políticos perto da gente só porque a gente tava com esse manifesto que era um manifesto que viralizou muito dentro da Cop porque as pessoas olhavam pra gente e pensava poxa o Brasil tem a maior biodiversidade do mundo e vocês não tem educação climática dentro das escolas sabe? Chegavam pessoas perguntando isso pra gente. Então muitas situações que a gente estava vendo que eram as pessoas que a gente estava conversando porque muita das vezes falava ah deixa eu bater uma foto com vocês e não passava de uma foto batida, sabe? Só pra eles postarem lá e promoverem que sim há um manifesto, vai ter educação climática agora aqui, sabe? Em outras situações. Inclusive é só pra terminar a minha fala sobre uma questão Eh a gente conseguiu fazer uma articulação tão boa e foi tão importante esse trabalho da gente prestar atenção quem são as pessoas que não vão se apropriar e não vão se aproveitar dessa nossa ação que a gente conseguiu trazer esse manifesto pro Brasil e hoje sei lá passa de vinte mil assinaturas desse manifesto e a gente conseguiu fazer com que esse manifesto se tornasse um projeto de lei pra Rio de Janeiro ser a primeira cidade do Brasil até a educação climática dentro das escolas e é um projeto de lei que já foi aprovado e tá em sanção agora. Então, e também a gente pretende ainda mais um projeto de lei, a gente agora tá trabalhando pra levar ele pro Mato Grosso do Sul, inclusive pra Paraíba, que já foi até que a gente eh já foi meio encaminhado com o governador da Paraíba na conferência que a gente fez nordeste pelo no ano passado e a gente agora tá tocando mais pra frente depois que Rio de Janeiro já deu o primeiro passo né? De ser aprovado na câmara né? No município do Rio de Janeiro e

assim e com certeza assim a gente sempre é convidado pra muitos eventos e muitas enfim eventos e conferências eu sempre fico me perguntando sabe qual é esse espaço que eu ocupo dentro disso porque muitas das vezes eu sou convidada mas é só por uma questão precisamos ter uma mulher negra aqui dentro mas às vezes eu não me sinto incluída dentro do evento, eu não me sinto incluída em lugares de trabalho, sabe? Que eu sou convidada. Eu acho isso muito desrespeitoso, porque é uma coisa que acontece com muita frequência, principalmente na bolha dentro do ativismo sabe? Organizações querendo se aproveitar disso, sou uma mulher negra da Paraíba, eh pessoas convidando pro evento pra se apropriar disso, é uma coisa que sempre eu fico bastante atento dentro do meu trabalho e entendo sempre prestar atenção nisso o máximo possível pra ser uma coisa que sei lá também não vai me prejudicar daqui a um tempo sabe? no futuro. Mas é uma coisa coisa que acontece sempre com muita frequência. Eu tenho até convites que eu recuso sabe? Que eu vejo logo de cara que que não vai. Cara é uma coisa bem que aconteceu comigo e recentemente eu fui convidada pra dar uma palestra numa empresa que era uma empresa da China esqueci o nome dela agora depois eu fui ver ali no e-mail, que é a empresa da China mas que ela tem uma sede aqui no Brasil e ela constrói eh hidrelétricas, é uma construtora de hidroelétrica Eu falei eu vou fazer isso. Cara você sabe o impacto que uma hidroelétrica causa? A gente vê Belo Monte a gente vê tipo eu vou falar o que, que que eu vou falar de bom pra essa pras pessoas das empresas sabe? Não tem condição.

**Ana:** E quando vocês participam desses eventos uma outra pergunta é sobre remuneração né? Porque as pessoas acham que ativista tem que ser voluntária o tempo todo. E sendo que se vocês vão calcular aí vocês estão o tempo todo trabalhando. Vocês recebem remunerações pela participação de vocês nesses eventos.? E uma outra pergunta é qual que é a relação do movimento que vocês atuam com grandes ONGs como o Greenpeace e a 350.org. O quanto vocês tem autonomia pra vocês atuarem ou quanto vocês tem que prestar contas.

**Renata:** Essas organizações geralmente entram eh eu vejo que o Greenpeace tem muito um papel de ahm de apoio, de ajudar dentro das ideias, eh tem até uma certa influência às vezes, sabe? Quando eles chegam com alguma coisa e aí a gente vai lá e ah legal, vamos fazer juntos, eh financiamento também, né? Isso é uma coisa que essas grandes organizações sempre ajudam bastante o nosso desenvolvimento. A 350.org é uma organização que umas das bases é apoiar o movimento. Seja com workshop, seja com rede social, seja com financiamento e ah o eco pelo clima desde a gente começou a nossa relação com a 350 na campanha contra mim na Mina Guariba e acho que hoje assim a gente fez uma consolidação, uma parceria muito boa e a 350 é uma organização que é isso aí. Eh eles vivem vida deles, a gente chega com uma ideia e eles são apoia, sabe? É muito aberta, muito aberta, sabe? E eles não, eles não nunca pediram nada em troca, nunca pediram nada em troca. É como a gente quer da forma que a gente quer, do tempo que a gente quer e claro que no final do dia a gente tem que prestar contas. Eles sempre nos apoiam nas nossas greves globais por exemplo. Então quando ele vai fazer marcha, tem que comprar camisa, tem que comprar material, tem que comprar isso, comprar aquilo. Eh então ele sempre nos apoiam isso e a gente a única coisa que a gente faz é prestar contas da onde e pra onde foi esse dinheiro. não tem que entregar uma coisa a mais pra eles. Eh e uma coisa que aconteceu recentemente foi que a 350, o Green Grants Fund (?) Eles tinham uma verba pra financiar movimentos e organizações da América Latina e a 350 aconselhou a investirem no Eco pelo Clima através do nosso projeto de decreto climático em São Sapé. Então esses apoios também são muito importantes eh essas organizações, depende muito delas algumas a gente

chega com ideias, a gente trabalha juntos, ou tem essas que realmente apoiem e e não vai cobrar nada em troca.

**Mikaelle:** Eh falando sobre a tua primeira pergunta, a gente acaba recebendo muito convite e muitos desses convites sim eh as pessoas remuneram a gente pela nossa participação eh pra gente tá presente dentro desses eventos até porque é um trabalho que a gente tem né? E que a gente acaba assumindo a responsabilidade de falar com outros públicos de levar informações que sejam realmente verídicas e pra causar alguma diferença. Mas outra parte desses outros trabalhos são trabalhos voluntários que a gente faz porque enfim é o nosso ativismo né? Nem tudo que a gente faz é remunerado. É mesmo da questão da militância. Mas uma outra parte é, eu acho que em questão de parceria com organizações é muito disso que a Re falou eh as organizações que eu já venho tendo alguma parceria como o Greenpeace às vezes eu sinto um pouco mais de abertura, sabe? Com eles, também com o pessoal da 350. São muito abertas e dão muito espaço pra juventude realmente ser protagonista. Existem muitas organizações, muitas organizações mesmo que trabalham com a pauta ambiental e gostam apenas de se promover com a imagem da juventude, sabe? Que às vezes sei lá, já teve muitas organizações em tempo de greves globais aqui do Fridays for Future Brasil que sempre tão se promovendo eh por meio da nossa imagem nem sequer entrem em contato com a gente pra perguntar sei lá se a gente precisa de alguma ajuda ou não. acontece muito isso mas existem organizações que a gente sempre trabalha nas greves que são realmente parceiras da gente se a gente chegar pra pedir qualquer coisa seja auxílio em algum projeto, workshop ou mentoria ou até um financiamento eles eh estão ali dispostos a querer nos ajudar de alguma forma. Porque eu acho que o trabalho que eles fazem é muito importante mas o trabalho que a gente faz enquanto juventude enquanto também trabalham de base que a gente está ali sempre no nosso território é mais importante ainda, e eles acabam visibilizando muito esse trabalho que a gente faz.

**Ana:** Gente vocês falaram coisas incríveis tem muita muita informação que vocês trouxeram eu achei muito simbólico essa reunião acontecer e no mesmo quarto de hotel está uma no Nordeste uma do sul e as duas num quarto de hotel em Vitória eu acho que isso tem muito é meio que um símbolo um pouco da luta climática assim né? Que são questões locais mas que estão conectadas né? E a meu grande dilema e talvez até umas perguntas um pouco mais poéticas ou utópicas, não sei. Minha pergunta é se vocês se sentem realizadas com esse momento, se colocando como um lugar de ativistas, se vocês sentem que estamos indo pra algum lugar eh de mudança necessária. E o que precisamos fazer

**Renata:** Bom, eu vejo que o movimento ambientalista é na minha percepção, eu divido ele em duas partes, né? Uma parte é antes e uma parte pós-greta, por quê? Porque eu acredito que a partir da greta foi quando o movimento ambientalista deixou de ser algo de adultos De ser algo de pessoas de vinte e cinco anos, de trinta anos, que já tinham a sua faculdade, já tinha seu emprego e a partir da greta começou a engajar jovens. E bom, a gente pode ver as marchas que aconteceram em dois mil e dezenove e depois em dois mil e vinte quando ainda assim na pandemia nós continuamos organizados, continuamos dando pressão ãh então acho que ali a gente conseguiu renovar essa luta ambientalista mas e ali parecia que estava caminhando pra alguma coisa. A gente estava caminhando pra alguma coisa. Mas eu vejo que agora, nesse momento, o movimento principalmente ambientalista, jovem, deu uma estagnada. Por quê? Porque a gente não tem mais o elemento surpresa que é uma marcha. A gente não tem mais esse elemento surpresa que é uma Greta salvadora, heroína do mundo. Então agora a gente está num momento que OK temos jovens organizados em várias cidades do mundo. Temos jovens que entendem como o norte global influencia no sul global.

Temos a mídia que está falando sobre a cop26 e a partir da cop 26, jovens primeiro jovens do eco pelo clima, inclusive entraram no movimento depois de ver crise climática na televisão. Então hoje a gente vê que está circulando mais sobre isso até porque estamos vendo as coisas acontecendo ah na cop no ano passado foi uma cop realmente fraquíssima mas foi a primeira cop que se falou sobre carvão, sobre carvão como um dos principais causadores do aquecimento global, então a expectativa é que na próxima Cop eh isso seja cada vez eh mais falado, que realmente seja retirado né? A utilização do carvão como combustível fóssil. Claro que a esperança a gente sempre tem né? Ainda mais como ativista socioambiental né? Eu como ecossocialista a gente trabalha pra uma ideia, tá? Uma ideia que não está concreta ainda, mas tem uma ideia, a gente vai caminhando pra aquela ideia. Mas é algo muito difícil, é muito difícil. No momento em que a gente tá agora, eh, e principalmente eu, eu tenho vinte e sete anos. Então, o meu momento é, eu tenho o meu trabalho, eu tenho o meu mestrado, eu tenho o meu ativismo e eu tenho que pagar minhas contas, então é algo muito pesado e que me puxa, mas ao mesmo tempo eu tenho que tá ali liderando outras trinta jovens e que de várias idades pra diversos momentos e tudo isso de forma muito rápida. Agora a gente vai se reestruturar. Como que é? A gente tem a gente está nessa fase de como a gente estruturar esse movimento de jovem que iniciou com a greta pra gente fazer pressão forte e exigir mudanças ainda mais rápido. sabe? Então a esperança sempre tem eh a luta sempre vai tá acontecendo, a luta vai tá sempre se renovando, a gente vai tá sempre trazendo mais jovens pro movimento acho que isso é uma coisa que vai seguir acontecendo mas ao mesmo tempo vai tá mudando ali do nosso lado, né? E a ansiedade climática. Que tá todos os dias ali com a gente. O que torna o nosso trabalho cada vez mais difícil. Então eu vejo que sim, estamos caminhando pra mudanças, estamos estamos conseguindo várias mudanças. Eh ao mesmo tempo só que também a gente tem que entender que ao mesmo tempo em que países da Europa por exemplo estão eh acabando com o projeto de combustíveis fósseis ou subsídios pra combustíveis fósseis eles são tirando esse investimento lá pro Norte Global e investindo na América Latina que é o que a gente vê acontecendo hoje no Nordeste brasileiro, na Amazônia e na Argentina então é também nós como jovem entender que Não, vamos pressionar esses bancos, vamos pressionar esses governos também, porque não adianta lá a Cop acontecer na Europa e acabarem com tudo lá, mas transferir tudo pra América Latina, então ainda tem mais essa luta né? Anti imperialista que acaba caindo dentro dos nossos ombros. Mas que a luta continua, a gente tem esperança e não é só a gente desistir, né? A gente não tem como desistir, é difícil mesmo, mas eu acredito que muitas mudanças estão acontecendo assim gente cada vez mais pessoas estão tendo consciência até porque a crise climática já bateu na nossa porta, já entrou na nossa casa ahm e

**Mikaelle:** A fala da Renata me lembra uma frase que é muito épica e eu acredito que ela seja até da Greta (risos) mas fala que a gente é a primeira geração a sofrer com todas essas impactos e a gente vai ser a última geração a tentar reverter tudo isso. Então assim, a gente não tem mais que estar fazendo discursos ou que está a gente realmente tem que partir pra ação, sabe? Acho que já chegou um ponto que ou a gente age, ou a gente, sei lá, vai sofrer com esses impactos dez vezes mais do que a gente iria sofrer há dez anos atrás sabe? Tem um relatório de IPCC que saiu um dos últimos inclusive que saiu final do ano passado né? Já saíram outros pra esse ano que fala que o Nordeste brasileiro (inaudível) pra dois mil e cinquenta na verdade o nordeste possa tornar um deserto equivalente ao tamanho da Inglaterra. Isso é muita coisa porque pegando o contexto da Paraíba que é o estado onde eu moro é o segundo estado da região nordeste que mais sofre com áreas desertificadas. Sabe? Como é que vai estar as pessoas que moram no semi árido daqui pra dois mil e cinquenta cinquenta vou ter quarenta e nove horas sabe? Meu futuro é muito incerto daqui pra lá mas

eu acredito que o que me mantém nessa luta é sim esperança que sabe a esperança de que a gente possa alcançar o mundo possível não é fácil porque a gente com a juventude enquanto comunidade de territórios marginalizados a gente encontra muitas barreiras pela frente mas o que nos mantém aqui na luta é que a gente possa sim conseguir algo até porque as maiores revoluções que aconteceram aconteceram por conta do povo por conta da população. Então acho que se apegar nisso, vem saber que a gente consegue fazer mudanças e principalmente agora no Brasil que a gente está nas vésperas de uma eleição, sabe? Que a gente pode fazer acontecer muita coisa, que a gente pode criar novas narrativas, né? Que a gente pode construir um novo rumo. Eu acho que isso é super importante pra gente. Eu acho que é isso que nos mantém de pé, sabe? Ver essas possibilidades e saber que a gente consegue se alcançar num mundo utópico porque eu acho que isso seria muito difícil a gente sabe chegar a um mundo maravilhoso mas o mundo possível onde as pessoas elas consigam ter um mínimo de humanidade e consigam viver no mínimo de harmonia sabe?

**Ana:** Foi incrível, nem consigo falar boa sorte pra vocês porque quer dizer boa sorte pra todos nós né. Só pra encerrar, tem algo que vocês querem falar?

**Mikaelle:** A comunicação é a base do nosso ativismo, sabe? Acho que ela é o princípio do nosso ativismo, como é que a gente comunica. Eu estava até falando pra Re antes dessa reunião que tem uma formação do climate reality que eles falam que tem uma pessoa, né? Que cuida dessa parte da formação, que ela explica o que é crise climática em três minutos, é como se fosse um pitch, sabe? Ela chega em qualquer lugar que você tiver explica sobre crise climática de uma forma ludica que você vai entender o que é em três minutos, sabe como é que acontece tudo isso porque às vezes as pessoas acham que é algo distante ou algo que é fora da realidade delas. No que a gente traz muito enquanto ativistas é como a gente faz com que as pessoas entendam o que é crise climática a partir dos seus territórios, sabe? a partir de uma visão de dos europeus, mas como elas entendem esquemática ali no dia a dia delas dia a dia, sabe? E como o saneamento básico ou como um deslizamento de barreira ou com chuvas intensas ou como sol extremamente quente. sabe? Até porque também cria esse contexto climático não é apenas sobre um planeta super quente ou frio. A gente está falando sobre a humanidade e sobre pessoas que não vão conseguir sobreviver sobre um planeta menos habitável.

**ENTREVISTA TRANSCRITA n° 4****Entrevistado(a):** Naiara Almeida**Data:** 29 de agosto de 2022**Entrevista realizada online, via aplicativo Zoom**

**Ana:** Naiara, você pode começar me contando a sua idade, de onde você está falando e contar um pouco sobre você?

Naiara: Bom, eu sou a Naiara Almeida, tenho vinte e quatro anos, nasci em 1997. Faço aniversário ainda esse ano, então vou fazer vinte e cinco. Eu sou formada em biologia pela UFRJ, mas eu digo que é só um diploma no papel, sabe? É só um papel porque a biologia pra mim é muito um símbolo, é o tema que eu me que eu me encontro mas não necessariamente é um formato ou meio que eu acho que eu vou seguir trabalhando. Hoje em dia eu trabalho com comunicação climática e trabalho com comunicação socioambiental, formação, dentre outras coisas. Em 2019 eu tive um ponto de virada pra mim, porque muita coisa estava acontecendo. Eu nunca fui aquela pessoa que se você fosse numa universidade fosse ver aquela pessoa que se destaca, eu nunca fui essa pessoa, nunca quis ser e não me esforçava muito pra isso, porque, enfim, a universidade é um ambiente bem excludente e bem difícil, né. Sempre estudei em escola pública, então acho que isso também traz aí um bom recorte social. Nunca fui uma pessoa de muita grana, inclusive muito pelo contrário. Sempre fui muito dos perrengues, assim, sempre fui classe baixa. De 2019 pra cá eu falei "Cara, eu preciso fazer alguma coisa". Então eu entrei no ativismo e desde que eu entrei no ativismo, o Fridays foi um espaço onde eu adentrei muito, porque eu vi que era um espaço que eu podia construir, um espaço que eu tinha liberdade. E um espaço que me permitiu errar muito, porque eu não sabia nada de ativismo. Hoje eu olho pra trás e eu fico "Caralho mano, eu fiz aquilo, aquilo é tão errado...". Mas, enfim, eu acho que fez muito do que eu sou. De lá pra cá eu fiquei no Fridays mais ativamente, construindo nacionalmente até 2020. Paralelamente eu também era do Engajamundo. Então no Engaja eu já coordenei projeto, já atuei principalmente na pauta climática. Além disso eu já passei por outras organizações. Eu já fui campaigner, inclusive de uma campanha que está ativa de eleições do Vote Pelo Clima, e do Clima de Eleição. Também já trabalhei no Living Mundi, fazendo curadoria de um festival socioambiental e trazendo curadoria também, que eu acho que é uma boa característica minha. Eu sou uma boa curadora. E trabalho atualmente na Escola de Ativismo. Então, eu acho que a escola é um espaço meio obscuro pra muita gente que não sabe o que faz, porque faz muita coisa, é muito múltiplo e tá sempre nos bastidores. Lá eu trabalho com comunicação climática, trabalho com ativismo, defensores ambientais, ativismo e juventudes também. Eu sou uma das pessoas que mais toca essa pauta. Além disso eu já fui pra duas conferências do clima, eu fui na COP25 pelo Engajamundo, que seria no Chile, mas acabou indo pra Madrid. Ano passado eu fui por um coletivo que tava caminhando pra ser fundado, que é o Desenrola pelo Clima. Tem muita gente do Fridays atualmente nele também. E esse ano a gente tá pretendendo ir também, a gente tá reestruturando melhor como a gente vai fazer isso, porque é uma grana. Mas tamo aí nessa luta, inclusive Mikaelle, que acho que você conheceu também, ela tá nesse coletivo, Marina que também é Fridays, a Adri, a Amália e outras pessoas que não necessariamente são do Fridays. Eu acho que esse é um pouco da minha trajetória. Além disso, sei lá, gosto de praia, adoro cachoeira, como toda defensora ambiental e enfim, amo férias. Descansar pra mim é uma das melhores coisas do mundo.

**Ana:** O que veio antes, sua formação em biologia ou sua vontade de ser ativista?

**Naiara:** Olha, é engraçado. Muita gente na faculdade, enquanto estudante, já se definia como ativista. Mas eu nunca me encaixei direito nesse rótulo. Eu acho que esse rótulo veio pra mim quando o jornalista chegava e falava "Ah você é ativista do Fridays", eu ficava "É... eu sou", sabe? Eu nunca me identifiquei muito bem com essa palavra mas a faculdade veio antes. Eu me formei em 2019 na faculdade, eu me formei muito nova, então eu entrei na faculdade primeiro e depois fui fazer isso, muito porque eu vim de um lugar em que a gente, sei lá, na minha escola a gente não era incentivado a nada, sabe? E quando era incentivado era sempre a galera que tinha um poder aquisitivo mais alto né? E aí dando um contexto, no ensino médio eu estudei em escola pública mas estudei no Pedro II, não sei se você conhece, é um colégio centenário federal no Rio, que mistura muitos as turmas. Tem gente desde que mora na Zona Sul super-rica, filha de milionário, tipo filha da Fátima Bernardes, por exemplo, até sei lá, uma pessoa que passou na prova e era de escola pública a vida toda. Então assim, veio antes e na faculdade e eu tinha essa ideia de tipo, "Ah, eu preciso ter um rótulo pra ser alguma coisa". Hoje em dia eu olho e falo "Caramba, eu tinha tanta vontade de fazer coisa e eu tava esperando ter o diploma".

**Ana:** E o que seus pais fazem? Sua família?

**Naiara:** Eu fui criada pela minha avó e pelo meu avô, majoritariamente. Com os meus pais mesmo eu tinha pouca proximidade. Minha vó era “explicadora” e meu avô, quando eu nasci já era aposentado, mas ele era porteiro, ascensorista, enfim. Ambos não eram do Rio. Meu vô era daqui de Feira de Santana, da Bahia, minha avó era Juiz de Fora de Minas. Se conheceram no Rio por acaso, se juntaram e ficaram por lá. A minha mãe é feirante, meu pai trabalha numa loja de material de construção. Meu pai é atendente em loja, minha mãe é feirante desde que eu me conheço por gente. Minha mãe trabalha com artesanato. Meu pai também já foi feirante, então assim eu acho que eu venho muito desses espaços. Da feira, do povo, da conversa. Da interação, da venda. Então meus pais fazem isso atualmente.

**Ana:** Você acha que veio daí a sua vontade de estudar biologia?

**Naiara:** Não! Sabe de onde veio minha vontade de fazer biologia? Olha, desde que eu estava no ensino médio eu falava assim, “Não, eu quero fazer alguma coisa que tem que ser a coisa mais importante do mundo”. Não que eu vá ser a melhor pessoa, mas eu vou fazer. Aí na época eu queria muito fazer psicologia até o terceiro ano do ensino médio. E aí uma professora minha de biologia ela falou pra gente “Hoje a gente não vai ter aula.: Surpresa. Vamos ter uma palestra. Aí eu falei tá. Bora lá. Vamos aí ter essa palestra. E aí foi uma palestra com Fernando Fernandez que é um pesquisador da UFRJ, depois ele foi meu professor na UFRJ. Ele deu aquela palestra em que ele falava sobre o as Ilhas Maurício, na África. Tinha uma espécie que era os falcões de Maurício, e essa espécie tinha poucos indivíduos na face da terra dela, e era endêmica. Ou seja, só acontecia ali mesmo nas Ilhas Maurício. E essa é uma ilha que, cara, está no olho do furacão, literalmente. Passou por diversos eventos climáticos extremos por conta disso a espécie estava tipo quase morrendo. Aí ele contou a história de um pesquisador que foi até as Ilhas Maurício fechar o projeto e falou "Cara, não vamos investir mais dinheiro em salvar essa espécie porque não tem mais jeito" Chegou lá, ele falou "Não, eu vou tentar". E ele tentou tanto que ele conseguiu fazer com que a espécie, enfim, que tinha tipo três indivíduos, vários problemas genéticos, conseguisse se reproduzir e ter maior número de espécies. Aumentar a população. E aquilo foi muito fascinante. Ele falou uma coisa que eu guardei pra mim até hoje. "Eu não sei

vocês mas se tem uma coisa que esse cara (o pesquisador) pode fazer é deitar a cabeça no travesseiro todos os dias e pensar 'Cara, eu salvei uma espécie, eu fiz alguma coisa.' E aquilo me tocou. Aí eu fiquei uma semana enchendo o saco dos meus colegas de turma falando, gente, aquela palestra foi muito incrível. Meu Deus, alguém conseguiu salvar uma espécie assim, você pode fazer isso. E o pessoal ficou assim, "Cara, para de falar e vai fazer biologia ou alguma coisa do tipo". Aí eu passei a ponderar. Aí eu fiz o SISU e ENEM e eu passei pra biologia. E me decepcionei obviamente, né? Porque o Fernando Fernandez sabe contar uma história, ele sabe te envolver. O storytelling é o próprio Fernando Fernandez. E a biologia é um porre quando você vai estudar e eu sou uma pessoa muito do socioambiental. Eu queria saber como as pessoas interagem com aquilo. Tanto que na história dele, o que me comoveu foi como a pessoa pensou uma estratégia, como ela se dedicou, como ela se envolveu, como ela se relacionou com aquele ambiente pra conseguir salvar uma espécie. E na biologia não tem isso. A gente estuda a célula, a gente estuda uns troços muito teóricos, uns troços muito difíceis de falar, difíceis de compreender. Enfim... uma coisa que eu também acho válido trazer nessa trajetória, é que quando eu me dei conta que não tinha *gente* no meio da biologia. A gente estudava todos os animais, plantas, isso quer dizer que o ser humano também era um animal. Então eu passei a puxar matérias fora da biologia. Então eu fiz bacharelado em ecologia em que a maior parte das matérias que eu fiz foi em comunicação, em Relações Internacionais, tentei fazer Direito, mas não me deixaram porque eu tinha que pegar Direito constitucional, e eu fiquei, gente, não vou fazer essa loucura. Peguei em gestão estratégica e defesa internacional, em geografia.... Então eu tentava mudar um pouco pra trazer um pouco mais do humano, né? Então acho que foi mais ou menos aí essa trajetória.

**Ana:** Eu ia comentar justamente isso...você foi cativada por uma história, e hoje você trabalha com comunicação. O que é fazer curadoria socioambiental, ou como é o seu trabalho como comunicadora nessas redes todas as que você faz parte?

**Naiara:** Tem um ponto fundamental disso tudo que eu não gosto nem de falar, porque parece que eu me acho, só que não é bem assim. Eu tenho uma leitura, um pensamento muito rápido sobre as coisas. Minha psicóloga até fala que isso é uma coisa do TDAH, que você olha sem saber, é uma condição que você utiliza pro seu trabalho, e você faz isso muito bem. Eu consigo pensar em muita coisa ao mesmo tempo, fazer muitas conexões ao mesmo tempo. Não que eu faça todas elas bem, né? Por exemplo, eu sou péssima fazendo duas coisas ao mesmo tempo, eu não conseguiria falar com você e escrever uma mensagem, porque eu ia me embananar toda... Mas eu tenho uma leitura muito boa do campo socioambiental no Brasil e do campo socioambiental no mundo. Então eu acho que boa parte do meu trabalho hoje em dia, primeiro, é fazer conexões entre as pessoas. Eu acho que a comunicação ali tem um bom trabalho sobre isso. E por conexões, envolve também mobilização, envolve engajar as pessoas, manter relações, tudo isso. Mas também é uma questão de você descomplicar a palavra e levar isso para as pessoas. Eu trabalho muito com formações, trabalho muito produzindo conteúdo para redes sociais, e dentro de todo esse caminho foi algo que eu fui aprendendo muito na prática. Então eu acho que ela (comunicação) vem muito nesse sentido, muito no tom, por eu ter um conhecimento muito vasto e ter tido muitas oportunidades. Em 2019, se tem uma coisa que o Fridays me proporcionou, e depois que eu fui contabilizar isso, foram as oportunidades de conhecer muitas realidades no Brasil. Eu conheci muito do Brasil. Eu tive muita oportunidade de conhecer, de conversar com pessoas e eu acho que isso também traz pra mim uma visão que poucas pessoas tem, sabe? Eu sou uma pessoa que é chamada às vezes pra arrematar um projeto. Uma pessoa pra arrematar a visão de alguma coisa que está acontecendo. E é muito

um trabalho de bastidor...do tipo Cara, qual é a treta que tem entre uma organização e outro movimento, principalmente de juventude no clima. Então eu estou sempre ali sabe, olhando pra isso, lendo entrelinhas, olhando muito pra estratégia, que obviamente envolve comunicação, né? E eu também trabalho com ação direta, né? De fazer essas construções, de trabalhar com jogos de palavra, de influenciar pessoas, de influenciar ativistas, envolver as pessoas nisso pra gente ver se consegue mudar a realidade do Brasil e mudar também um pouco do cenário. Do que a gente tá acontecendo, tirar as pessoas da inércia, né? Eu acho que é muito isso.

**Ana:** Já que você mencionou o Fridays for Future e essa possibilidade de conhecer várias realidades, me conta um pouco do que você lembra, ou a partir da sua experiência, como tudo começou? Pensando desde o movimento Greta Thunberg até formar essa mobilização no Brasil?

**Naiara:** Boa. Olha, a primeira vez que eu ouvi falar da Greta foi em 2018. Eu ouvi falar dela através da Paloma Costa. Na época, um amigo da faculdade que eu era zero próxima, eu acho que a vida une as pessoas por coisas aleatórias, né? A gente caiu numa monitoria, a gente era monitor bolsista, e um dia ele falou 'Cara eu estou numa ONG, o Engajamundo, eu virei coordenador de não sei quê do Eixo Biodiversidade, pô, eu acho que é muito legal tem como atuar localmente...' E aquilo pra mim foi uma coisa, tipo, caramba, eu nunca pensei em atuar numa ONG, mas isso é muito irado, eu pensava muito isso. E aí eu falei, beleza, vou me inscrever. O Engajamundo na época, não que hoje seja diferente, era uma zona, era uma ba-gun-ça. Então, pra você se engajar você tem que dar muito de si pra se engajar em algo. A proatividade nas questões sociais envolve você ser cara de pau, e isso foi uma coisa que eu sempre fui. E eu fui muito cara de pau e entrei. Mas eu levei muito tempo pra entrar no grupo de clima. Porque, indiretamente, eu não entrei na faculdade por conta de mudanças climáticas. Os falcões de Maurício podiam simplesmente sumir no meio de todo o processo ali que estava acontecendo se tivesse um novo evento climático extremo e que estava sendo mais frequente né? Tinha um estudo sobre isso e e daí foi um grupo que eu demorei muito pra entrar. E quando eu entrei foi bem na época que o pessoal tava indo pra COP24, na Polônia, galera fazendo vaquinha e tal. E aí eu lembro que a Paloma postou uma foto dela e de um menino chamado Daniel, com a Greta. E eles falavam que estavam fazendo greve com aquela menina, que ela tá mobilizando na Europa e tal. Na época a Greta era pouquíssima conhecida à nível mundial, né? Aí eu falei, caramba, a Greta existe. Aí eu dei uma pesquisada e tal e aí passou o tempo eu não era engajada porque enfim né? Esse grupo de trabalho assim como o a organização do Engaja, e isso é uma leitura pessoal tá? Eu acho que ele é muito fechado em panelas. Então se você é amigo de alguém, você consegue as coisas. Se você é favorito de alguém que é do administrativo, você consegue as coisas também, é muito mais fácil. Então é uma coisa que eu não sei se é das juventudes, não sei se é da própria organização, não sei dizer, e enfim, não quero nem saber nesse sentido também. E daí eu fiquei, cara, eu vou entrar nesse troço aqui, eu vou entrar, aí eu lembro que eu fiz várias estratégias, eu fiz planilhas pra identificar, tipo, o que eu tenho em comum com essa pessoa, ou o que eu tenho de comum com aquela... Depois eu fui entender que isso é uma ferramenta do ativismo, e eu nem sabia. Aí eu consegui me engajar, consegui entrar, e aí beleza, eu estava ali. Mas assim, sei lá, meio exógeno ainda, meio solto, porque eu não era da panelinha, nem nada do tipo. Aí a galera foi pra COP, eu acompanhei tudo que todo mundo falou, e falei, gente, por que essa conferência é tão importante? Toda ativista climática hoje em dia quer estar nesse espaço. De fato, é um espaço que abre muitas portas. Aí eu soube, não vou te dizer porque eu não lembro exatamente como, que ia rolar greve global pelo clima. Eu lembro que não foi pelo Engaja porque o Engaja nunca nunca foi

muito conectado com Fridays. Acho que é por questões de tipo, eu sou o primeiro no Brasil que está falando sobre isso, aí chega um movimento de fora com a galera que não era engajada, que começou ontem, e tá sentando na janelinha? Eu sempre senti que tinha isso e tem isso até hoje, com esse movimento e com outros. Aí tá, eu falei, cara, eu vou fazer alguma coisa aqui no Rio. E não conheço ninguém da pauta socioambiental nem nada e aí o que eu fiz foi pesquisar no INSTAGRAM e eu vi que tinha um perfil criado do Fridays for Future Brasil e tinha na descrição do perfil um grupo do WhatsApp. Eu entrei no grupo, que foi criado por um menino de Juazeiro, no Ceará. O menino criou isso, depois sumiu. A gente nem sabe direito quem ele é. Ele só fez essa primeira greve e nunca mais apareceu. A gente não ouve falar dele, não ouve mesmo. Aí o que aconteceu foi que eu entrei e a gente se organizou, fez peças gráficas, fez um monte de coisa, criou outros grupos.

**Ana:** Quem seria 'a gente', quando você fala a gente?

**Naiara:** A gente, são as pessoas que estavam no grupo. A gente se auto organizava mesmo. E a gente mobilizou 24 cidades ao redor do Brasil. Muitas cidades foram no sul, teve no sudeste, teve São Paulo, Rio, Minas, teve eu acho que em Brasília e teve em regiões do Nordeste, na Amazônia teve, mas teve menos gente. E aí a gente fez essa greve, eu fui na greve do Rio na época. Nunca fiz greve em Caxias, porque no Rio tinha mais gente e no Rio você tem mais visibilidade do que na Baixada Fluminense, né? Se você fala em uma coisa dessas, a galera vai ficar tipo 'Hein, clima? Que isso gente?'. Enfim, a gente fez greve no Rio, na ALERJ e ali eu conheci algumas pessoas. Na época também tinha uma outra menina, que era a Milena Batista, e ela puxou muita coisa comigo também por um bom tempo, depois ela saiu. Foi também essa galera, uns amigos meus da faculdade. Foi esse menino que me apresentou o Engajamundo também na época, que era o Carlos. Foram também outras pessoas, como o Climate Reality que é um pessoal de política, enfim. Ali me deparei com todo cenário socioambiental, entre aspas "climático", que tinha no Rio e as pessoas que atuavam. E foi também uma jornalista que é a Beatriz Diniz, que pra mim, foi uma pessoa que mudou muito a minha perspectiva e visão de engajamento também. Depois dali a gente trocou muito, a gente conversou bastante, e a gente falou cara vamos ver o que que vai ser, acabou aquela greve a gente tipo ficou assim aí eu fiquei cara tem que fazer alguma coisa, tem que fazer alguma coisa, e aí passou uma semana, na semana seguinte a gente não fez, depois eu me reconectei com a Bia, com a Milena, com outras pessoas e eu falei, cara, vamos fazer de novo. Aí a gente foi fazer de novo greve. E a gente fazia toda sexta-feira no Rio, a gente fazia greve em algum lugar, geralmente de manhã ou de tarde. É, a gente fazia perto da Alerj e às vezes em outros pontos, porque é isso, né? A gente importa o movimento, o movimento vem importado com as suas regras. Então lá fora, a gente tinha que a sexta-feira era um dia que Câmara e Parlamento funcionam. Sexta-feira no Rio ninguém trabalha na ALERJ, né? E também tinha uma questão. A Alerj tem um prédio principal e tem o Alerjão, que é onde realmente as coisas acontecem. Então, tem um lugar simbólico que hoje em dia tá até se estruturando pra virar um museu, pras pessoas visitarem. E tinha um outro. Então a gente ficava, caramba, pra que lado a gente vai, onde a gente vai fazer? Na época a gente não tinha muita visão de tipo, vou mobilizar muita gente. Ali era mais um ponto de encontro. E o que a gente fazia nesses encontros? A gente ia conversar com as pessoas na rua. A gente ia trocar com um trabalhador que estava ali passando sem saber. Cara, como que isso está acontecendo? Tá percebendo isso? Em abril de 2019 teve uma grande chuva no Rio e essa chuva fez com que, se eu não me engano, 23 pessoas morressem. Alagou a cidade, principalmente a zona sul ela foi devastada. Eu lembro que no dia tinha até uma ação da Ben & Jerrys que o Engajamundo estava tocando junto com a WWF e eu falei gente eu não vou porque não tem previsão do trem ir. E a galera da WWF

ficou puta, como assim, cê não vai sair de casa? Dá pra ir, eu consegui, falou a mulher morava no Flamengo e que era pertinho de onde ia ser ação, que ia ser em Botafogo. Enfim, a cidade ficou destruída, muita gente morreu de muitas classes sociais. Então, acho que ali também chamou muita atenção das pessoas pra esse tema. E aí junto a isso também eu tocava nacionalmente (o Fridays for Future). A gente fazia reuniões, a gente tentava articular, a gente tentava fazer com que as coisas funcionassem. Era muito eu, era a Milena, era um uma era uma menina, pô agora eu não vou lembrar, mas era um pessoal de São Paulo, era um pessoal também daqui de Feira de Santana que ia nessas reuniões, tentava tocar, enfim. Paralelamente a isso também tinha essas organizações tipo locais. Por exemplo, no Rio Grande do Sul eu lembro muito bem de duas meninas que fundaram o núcleo do Rio Grande do Sul. Foi a Amália e foi uma menina chamada Elisa, que estuda estatística hoje em dia. E elas faziam greve. Se você ver as primeiras fotos você vai ver fotos delas lá mobilizando. Eu acho que esse surgimento (do movimento) ele se deu assim, alguém criou um Instagram, alguém criou um grupo de WhatsApp. Também tinham umas tretas na época, porque entrou uma galera adulta, tipo assim, uma a galera de 50 anos querendo participar, querendo fazer acontecer. Eu fui uma das pessoas que, eu passei por um período assim no Fridays pra mim de muita resistência, porque tipo eu tinha acabado de entrar nos rolês e eu fui a pessoa falar cara o que que você está fazendo aqui? Você tem, sei lá, você já tem filho de quinze anos e você quer estar tomando lugar de jovem? E aí nossa eu lembro que no dia que eu fiz essa treta no grupo eu fiquei tão mal mas tão mal, que eu fiquei assim, eu vou desativar minhas mensagens eu não quero ver eu não vou responder porque a galera ficou assim ‘você está sendo etarista’. E eu gente pelo amor de Deus pra tomar lugar de jovem enfim né? e eu sempre fui essa pessoa assim eu aquela pessoa que vou dizer pra você. Eu era muito assim então eu falava o que as pessoas não tinham coragem de falar. Eu não tinha nem muito jeito pra falar, eu confesso, acho que provavelmente eu falei de forma muito rude com as pessoas. Aí o que a gente fez foi, vamos criar um outro grupo, e vamos levar gente jovem pra funcionar. Esse outro grupo (dos adultos) eu saí porque eu fiquei, eu não vou ficar aqui, pelo amor de Deus não faz sentido. Não sei mais como anda esse grupo, se ainda as pessoas conversam, se rola alguma coisa Mas depois disso o Fridays mudou, né? Porque passou só realmente a ter jovens no debate e ter jovens ali conversando. Era o que a gente fazia. A gente se articulava muito por WhatsApp, reunião on-line e produzia artes no Canva pra divulgar. Porque eu acho que o Canva estava surgindo, né? Então acho que foi uma grande ferramenta pra gente também.

**Ana:** Você falou uma coisa importante aqui, que quando você importa um movimento, você importa as regras junto. Essa coisa da sexta-feira eu achei muito simbólico. No Parlamento de Estocolmo a sexta-feira é um dia importante, mas aqui ninguém quer saber de trabalhar na sexta-feira né? Então você tenta reproduzir um modelo que não faz sentido em certos contextos. Gostaria de saber de você se tinha articulação ou tem articulação do FFF Brasil com outros ativistas de outros países? Como se dá essa troca de informações, e se haviam outros modelos a serem seguidos, como esse de protestar às sextas-feiras.

**Naiara:** Então o que rolava, eu não falava inglês. Até hoje eu não falo muito bem inglês. Já ocupei muitos espaços fora, mas sempre com pessoas traduzindo pra mim. Então eu não tinha muita conexão internacional. E isso era horrível, porque tinha muita oportunidade, tanto que as pessoas que chegavam depois nem faziam nada do movimento e às vezes pegavam oportunidade porque faziam relações e a galera lá de fora que não questionava muito. Inclusive essa é a grande treta dentro do movimento atualmente. Eu não tinha muitas conexões. Mas na época, em 2019, aconteceram alguns eventos marcantes que uma galera do Fridays foi, uma galera do Engaja também, a gente conseguiu articular com outras

organizações no Brasil, que fizeram com que a gente conseguisse ter uma mínima articulação internacional e nacional. Uma delas foi, eu acho que em agosto de 2019, quando aconteceu um Acampamento pelo Clima. Ali foi o primeiro momento em que as organizações de sociedade civil falaram, cara, tem movimento de juventude aí que não necessariamente é o Engajamundo, que não necessariamente é uma organização mas que precisa de apoio. Então vamos apoiar essa galera. Então o Instituto Alana, Greenpeace, a gente do Fridays, o Engajamundo, a Escola de Ativismo, eu acho que colaborou na época mas eu não estava, a WWF também, enfim. Essas organizações se uniram e a gente reuniu quarenta jovens pra gente fazer uma boa mobilização em setembro. Ia ter tipo a segunda greve global pelo clima. Então ali foi o momento que a gente conseguiu primeiro se articular nacionalmente. Então foi uma boa articulação que a gente fez né? Foi um primeiro momento em que ativistas do movimento de outros Estados se encontraram assim, e obviamente foi bancado. Além disso, a gente teve um outro evento que aconteceu. e aí no caso eu fui na época. Essa é uma questão também muito importante, por quê? Como eu era do Engaja, e eu tocava as coisas e isso era estratégico pro Engajamundo. Hoje em dia eu vejo, na época não pensava nessas coisas, não tinha essa leitura, num tinha essa cabeça. Que se fosse uma pessoa do Fridays que fosse também do Engaja, isso levantava a moral do Engaja. Porque o Engaja nunca puxou uma greve global porque ele não fazia essas coisas. Não faz até hoje. Se faz, é um candango ou outro que vai, sabe? Uma pessoa ou outra que cola. E aí eu fui chamada pra um evento que estava acontecendo e eu era da delegação do Engajamundo pra COP também. Que eu era da Amazônia Centro do Mundo, que foi puxado pelo Instituto Socioambiental, financiado acho que pelo Ibirapitanga, tinha uma das fundadoras do Engaja que tava organizando na época, enfim, esse encontro (Amazônia Centro do Mundo) aconteceu em Altamira no Pará e que a ideia era: vai vir COP no Chile, e esse evento era Pré-COP. E sendo Pré-COP, o que ia acontecer? Ia vir a Greta, que estava vindo ali com o barquinho dela, né? Sem emitir carbono. Estava vindo uns outros ativistas também que eu acho que era do Sailor alguma coisa, eu não me recordo. Enfim, era uma galera que estava vindo de barco, sabe? Pro Brasil. E essa galera vindo de barco pro Brasil, elas iam atracar ali em Belém e de Belém a gente ia se encontrar em Altamira, que também é no Pará, e a gente ia ter esse encontro Amazônia Centro do Mundo. íamos pegar um ônibus fretado, íamos fazer a loucura de ir de ônibus pra COP, no Chile. E algumas pessoas iam, né? E eu era uma dessas pessoas, porque enfim, se tem uma coisa muito doida, muito maluca, eu vou me enfiar no meio, né? E eu sempre me enfiei. E ali tinha essa composição. Ia vir o Fridays daa Bélgica, do Reino Unido, uma pessoa no caso, né? A Greta também, e viriam os ativistas do Extinction Rebellion, uma da Espanha e uma do Reino Unido, mais a menina da Espanha, da Colômbia, veio também uma outra moça do Reino Unido que era do XR, nesse encontro, também veio a vocalista do Pussy Riot. Veio ela e o namorado dela também. Enfim, vieram outras pessoas e foi um encontro que também foi organizado pela Eliane Brum. Tinha dedo da Eliane Brum isso também. Aí a gente foi pra uma comunidade lá que eu não me lembro o nome, de cabeça péssima, lembrando, mas posso te passar depois. E aí lá gente, eu acho que foi assim, as primeiras conexões de pessoas que eram do movimento, que no caso eu fui a única representante do Fridays. E foi um encontro ali que foi fechado e depois teve um encontro aberto que foi o Amazônia Centro do Mundo, na UFPA de Altamira, eu acho que é UFPA, não me recordo. Enfim, foi um encontro caótico que foi um monte de bolsominion, foi o tal do Edward Luz que é aquele entre aspas antropólogo contra os indígenas né? Enfim cara sem noção nenhuma e foi uma trupe do MBL, enfim, a galera de direita e ali foi esse primeiro encontro desses movimentos. A Greta não veio, porque quando ela chegou nos Estados Unidos e ela ia descer e conforme ela ia descendo teve a revolução social no Chile e ficou esse impasse. Cara, um mês antes eu já tinha até passagem comprada de volta pro Chile, porque eu ia de ônibus mas ia voltar de avião. Estava tudo tranquilo, tudo organizado

quando de repente, cara, a COP ia ser em outro lugar. Vamos ver onde vai ser, ficou dias aí mudou pra outro continente, foi pra Espanha. E aí novamente fomos captar dinheiro pra levar todo mundo pra lá. O Fridays nesse ano não conseguiu ir por motivos de, a gente não tinha muita noção de gestão, eu não tinha muita organização de contatos. Então na época, eu, a gente, não se organizou pra ir, mas o pessoal tipo semanas antes falou 'se a gente fosse?' e eu fiquei, gente, o Engaja levou seis meses pra ir, e agora vocês querem ir pra ontem, sabe? Não rola. E aí a gente conseguiu através de organizações, na época o Greenpeace que pagou a minha passagem e a gente foi pra Espanha, mas ficou muito um dilema de tipo ah vamos pro Chile mesmo assim ou não. Mas acabamos não indo. E aí tudo mudou né? A Greta não veio, a gente tinha vários planos, eu acho que a América Latina em peso estava indo pra essa conferência. Muita gente não foi, porque além de mudar a moeda totalmente desvalorizada pra uma moeda valorizada, cê tinha que recomprar tudo de novo, ninguém devolveu nada, nenhuma companhia aérea devolveu o dinheiro, enfim, foi um caos assim, hospedagem a gente perdeu, a gente perdeu muito dinheiro nesse processo. E ali foi essa primeira conexão, depois se manteve, a galera trocou bastante, mas enfim, né? Tem muito atrito, porque o que eu mais ouvi nesse evento (COP25) foram atrocidades, muita coisa de sul global, de sudestino falando. Lembro muito bem que Eliane Brum escreveu uma matéria, nossa, falando que eram os barcos da descolonização, chegando o Brasil. Chegou uma galera que interagiu com os povos indígenas que estavam lá, tipo tirava uma foto e não queria interagir mais, super *tokenizava* sabe? Os jovens indígenas que estavam no evento, a Eliane Brum a mesma coisa. Enfim, foi assim bem caótico nesse sentido, porque a gente enquanto juventude brasileira teve pouquíssimo protagonismo nesse evento, a galera da Amazônia também ficou muito incomodada porque foi muito exógeno, sabe? Porque acabou colocando essa galera no centro das coisas enquanto...não era a Amazonia centro do mundo? Cadê a Amazônia, né? Começa por aí, né? E enfim, depois disso também teve uma outra conexão e eu digo um pouco depois, porque essas articulações desse evento da Amazônia Centro do Mundo, elas estavam sendo feitas tipo, desde agosto, mas junho, julho, agosto teve também a conferência brasileira de mudanças climáticas. Foi a primeira vez que aconteceu, foi em Recife. E aí o YCL resolveu fazer uma mesa, né? Juventude e clima. Nessa organização da conferência tinham vários jovens engajados em construir, tinham Fridays, tinha o Engaja na época. Só que o que aconteceu? A organização prometeu muita coisa, que é feito pelo Ethos, que no final das contas não financiou ninguém pra ir pro evento. Todo mundo ficou muito frustrado, muito decepcionado, viu que o evento era muito um caráter empresarial até e aí o YCL resolveu fazer uma mesa, e aí enfim, eu construí junto com eles uma mesa, a gente conseguiu trazer uma menina da Colômbia, ia trazer uma menina do da Bélgica, só que não conseguiu. Porque é isso, a da Colômbia tava cheia de coisa e falou, cara, eu não consigo e a da Bélgica falou, 'não consigo ir, porque eu não pego o avião'. Aí a gente conseguiu uma menina da Alemanha que era ativista, ela veio, não me recordo o nome dela agora, mas ela era do movimento da Alemanha e a gente conseguiu uma moça do Paraguai, que é a Joice, pra vir e ela veio também. Então a gente ali também teve essa conexão, a gente trocou bastante. Tinha uma galera do Fridays que era de Recife. Agora eu não me lembro quem é, mas eu lembro que tinha duas pessoas. E ali foi um desses momentos que a gente passou também três dias juntos, trocando, conversando sobre clima, enfim eu lembro até que esse encontro em específico foi um encontro de muitas organizações que não trabalhavam com clima que estavam lá e começaram a pautar clima, sabe? Então também foi um evento ali de muitas conexões de financiamento, de movimento também. Não necessariamente com, mas com pessoas internacionais da agenda climática que estavam ali acontecendo. Depois disso virou o ano, veio a COP25, teve conexões, mas assim, a galera de lá tinha um problema muito grande de entender nossa realidade. Então, a gente trocou muito pouco, assim, e mesmo com pessoas sempre tinha gente traduzindo

Tanto que, tipo, a gente pediu pra ser incluído nos grupos, a gente não foi incluído nos grupos, então a gente descobriu as reuniões de última hora. Era muito confuso, a gente saía correndo. Depois disso, o que aconteceu? Entrou muita gente no movimento interessada em fazer ponte no Fridays internacional. Então muita gente passou a se conectar mais com o Fridays internacional. Dessa parte eu acho que eu sou a pior pessoa pra te falar sobre isso. Eu acho que uma pessoa que pode te ajudar nisso é a Adri e a Mikaelle também, a Marina, que eram pessoas bem conectadas com o internacional, são até hoje e que enfim, elas faziam muito essas pontes, essas conexões. Porque depois disso eu não fiquei muito no Fridays nacional por vários motivos. E enfim eu acho que foi mais ou menos isso assim dessa conexão com o Nacional.

**Ana:** E por que você decidiu sair?

Naiara Almeida: Eu saí por muitos motivos. Se teve uma coisa naquele ano era que a gente não tinha apoio. Volta e meia o Greenpeace ou Alana, as pessoas chegavam faziam apoios financeiros, de formação. A 350 org. também apoiava. Só que assim, nunca teve galera pra chegar e apoiar tipo, cara, vamos aqui que a gente vai ajudar vocês a se estruturarem. A gente já teve alguns momentos que a gente pensou nisso. Mas não rolou. Acabou não rolando. Outro motivo que me fez sair foi que eu acabava ficando muito na frente das coisas, porque é isso. Inclusive hoje em dia é uma coisa que eu sou super crítica no sentido de não é porque você está saindo numa matéria que você representa o movimento. Muitos ativistas hoje saem capa de matéria e fazem nada pelo Fridays. Só saem fotos, são influenciadores digitais, mas não são ativistas. Começa por aí. E na época, eu acho que você que é da comunicação deve entender bem. Você chama uma pessoa pra uma matéria, outro jornalista vai ver e falar, vou chamar também. Vou chamar também. Vou chamar também. E com isso sempre me chamavam. Então eu era a pessoa assim que eu passava muita coisa adiante porque eu falava cara, não faz sentido ser sempre eu. Essa narrativa não é minha. Esse movimento não é meu. e também por muito de achar, tipo, cara, eu não sou suficiente, eu não sou boa o suficiente pra cá. Eu acho que sabe, não é meu momento e tal. E também uma questão de tipo Chegou um ponto que eu comecei a olhar pras greves e eu falava, cara, só isso não basta. Eu acho que nem lá fora só isso basta. Tem que ter coisas além. E eu sentia que as pessoas que estavam ali no Fridays estavam entrando, e eu não estava na mesma vibe que elas. Então eu fiquei assim, cara, eu acho que eu preciso ir pra um outro espaço e nesse outro espaço talvez eu possa construir outras coisas, né? Então, acho que vem muito de insegurança, veio muito de tretas que eu já estava cansada de resolver treta. Movimento é feito por pessoas. Tem gente que só está ali pra tretar. Tem gente que só está ali só pra causar. E eu estava cansada disso. Eu fiquei, gente, a minha saúde mental está sendo consumida. E eu acho que assim, o fato de não ter apoio, o fato de ter muitas questões mínimas mas que juntando tudo era muita coisa pra minha cabeça, na época, isso me consumiu muito. Eu falei assim, cara, eu vou sair e eu vou me retirando e vou deixar outras pessoas assumirem isso. E acho que não vai morrer, como não morreu. Vai se bagunçar obviamente, se bagunçou até hoje, tem uma organização assim muito difusa, de certa forma, diferentemente da época, mas assim, não tá nas minhas mãos, sabe? Eu acho que pra mim foi muito sobre isso, assim, eu precisei olhar pra mim principalmente porque eu não tinha nenhum apoio e isso pra mim simbolizava muito pra mim na época, sabe? Enfim, hoje em dia eu até paro e penso, cara, eu não precisava ter me retirado de cena. Eu não precisava ter me colocado nos bastidores, porque era muito isso, né? Principalmente homens chegavam pra mim e chegavam e davam tipo, não chegava e falava tipo, pô cara, bora trocar sobre isso, mas dava indireta, ficava fazendo várias coisas no sentido de, Ah, isso aqui tem que acontecer, ah, isso aqui não está perfeito, ah, isso aqui não sei quê. Várias críticas que eram

obviamente só um tipo de ataque direto a pessoa. Hoje em dia eu vejo quão machista isso era. Hoje em dia eu olho pra essas pessoas e eu até falo, gente, não sei como tem tanto IBOPE, provavelmente é porque jornalista não sabe que faz porra nenhuma dentro do movimento atualmente, só dá entrevista e pega oportunidade, né? E isso na época me consumiu muito. Eu acho que, assim, se eu tivesse até um apoio psicológico na época. se de outras pessoas e de outras organizações. Eu teria continuado, sabe? E aí depois eu fiz algumas coisas pelo meu núcleo local. Só que também é aquilo. Eu nunca fui uma pessoa com grana. Então pra eu me manter em algo voluntário, cara, não é sobre só eu querer, sabe? Em 2019 eu consegui, porque eu recebi uma bolsa da faculdade de 400 reais. E também, nossa, eu já passei de perrengue assim, de viajar e não ter nada, e ninguém sabe disso né? Porque a pessoa só vê você em outro Estado. Eu fui bancada com uma passagem que o Climate Reality pagou pra mim na época, eu acho que nem saiu deles, foi uma das moças que a gente trocava bastante, eu auxiliava ela na época em algumas coisas e ela falou, cara, você vai pra esse evento, eu vou bancar vai ser muito importante pra você, e de fato foi muito importante. Eu fui do Rio pra Salvador de ônibus, mais de quarenta horas, porque deu problema na ida. deu problema na volta, eu no ônibus sozinha sem nunca ter viajado pra outro estado, eu mal tinha saído do Rio de Janeiro, e eu me vi com dez reais pra comer, me transportar e ainda fiquei na casa de pessoas. Então assim foi muito perrengue. Na época eu pedi dinheiro emprestado pras pessoas porque eu disse, gente, eu vou passar fome aqui. Eu não vou conseguir me locomover porque por mais que Salvador fosse uma cidade mais barata. Não era de graça, né? Dez reais por dia não dava. Ou era a alimentação que às vezes não dava com o transporte. Então depois disso eu falei, cara, eu me formei em 2019 e falei, vou tentar procurar emprego, então eu só fui conseguir emprego em 2020, no início 2021. Eu fiquei 2020 todo sem emprego, veio a pandemia também, eu acho que a pandemia também fez com que eu saísse (do Fridays for Future), sabe? Porque passou a ser muito digital. E pra mim achei, novamente, com essa questão da imagem, eu fiquei, assim, gente isso vai vir muito pra cima de mim. Eu acho que eu não estou num momento de ficar me expondo o tempo inteiro por tudo, todos os ataques vistos em 2019, né? Então eu fiquei, cara, vou ficar mais na minha, vou tentar entender o que tá acontecendo porque ninguém tá sabendo o que tá acontecendo direito porque tá todo mundo isolado, né? Enfim, então foi muito por isso assim. E 2020 foi um ano que eu passei muito perrengue financeiro. Eu falei, cara, eu vou tentar fazer bico, minha mãe trabalhava na feira, eu vou ajudar minha mãe pra gente conseguir mais grana. Porque era isso, cara, não era uma questão sou ativista, mas meu ativismo agora é sobreviver, sabe? Botar comida na mesa, conseguir comer.

**Ana:** Você tocou num ponto que eu também achei importante, que é essa coisa da visibilidade de alguns ativistas. A gente vê mil matérias de 'conheça cinco jovens ativistas brasileiros que estão mudando o mundo' e aí é essa coisa volta um pouco para o que você me contou lá no começo sobre narrativa, né? Sobre a contação de histórias pessoais. Você acha que isso atrapalha ou tem algo positivo nesse excesso de visibilidade de algumas pessoas? Qual é a sua leitura pensando na estratégia do ativismo?

**Naiara:** Eu acho que isso auxilia quando bem feito. Auxilia muito assim porque, novamente, em 2019 eu tive muita visibilidade, outros jovens também tiveram muita visibilidade porque teve jornalista que foi a fundo, pesquisou sobre aquela pessoa, mas muita coisa até hoje a gente olha, assim, eu acompanho notícia, eu monitoro pra entender também discursos e narrativas né? Pros trabalhos que eu faço, entender do que a juventude está falando. Primeiro você vê que tem ativista que tem um perfil no Instagram, dá palestra, fala em evento e isso é o ativismo da galera. Não estou aqui pra diminuir ninguém, mas o que isso muda no território? Sabe o que que isso muda no dia a dia? O que isso muda pro

seu vizinho? Tem gente que conta um milhão de contos, um milhão de histórias, mas você conhece a pessoa, sabe que a pessoa não é pobre. Cê sabe que a pessoa mora até na periferia, mas sabe? Então tu conhece a pessoa, tu sabe que ela tem um carro, só que ela não conta isso nas redes sociais, ela ganhou um carro quando entrou na faculdade. Tem gente que é isso o ativismo. E essa galera ganha visibilidade, né? Porque no final das contas é sobre quem tem cara de pau e sobre quem faz mais amizade com jornalistas, sabe? Quem se mostra, quem se vende mais, né? E eu acho que, assim, isso pro movimento pode auxiliar quando a pessoa realmente tem uma trajetória verídica. Quando ela realmente faz coisas no território. Tem ativista que tem visibilidade à beça, mas vai mexer um pouco na história da pessoa. Você vai ver que a pessoa hoje em dia é influenciadora digital, ela não é ativista. Ela vende a imagem do ativista, ela lucra com ativismo, né? É tipo é um *greenwashing* de social, de ativismo, sabe? Porque enfim, se a gente vai pra campo, volta e meia eu vou pra alguns espaços e eu conheço uma pessoa que, mano, ela nem sabe que ela é ativista, mas ela tá ali, sabe? Lutando pela terra dela, pelo território dela, sendo ameaçada diariamente. Ninguém está falando disso, está falando de meia dúzia de ativistas que são influenciadores digital, né? Então assim eu acho que atrapalha quando você desvia o foco. Quando você cria esse tipo de matéria, você cria imaginário nas pessoas. Você dá outra proporção. Então quando você dá essa outra proporção pras pessoas pensarem, imaginarem, algumas pessoas não se identificam com aquilo, sabe? Outras podem até se identificar, serem influenciados, tornarem-se ativistas por conta disso. Eu acho que é um ponto positivo. Mas a pessoa também não vai ter essa profundidade, porque ela vai olhar e não vai pensar, cara, olha essa luta aqui. Por exemplo, pra mim uma das grandes ativistas que eu não tenho um pingão de dúvida que é ativista climática desse país é a Txai (Suruí), porque você vai ver, ela fez uma fala no evento (COP26), que foi acertadíssima. Ela fala bem, ela tem muito o que contar. mas você vê a trajetória de luta dela, a trajetória dos pais dela, dos irmãos dela, você vê o que tá acontecendo, você vê na fala dela legitimidade, sabe? Não é legitimidade como do Sudeste, mas legitimidade de ação sabe? Não é só levantar um cartaz ou fazer uma postagem no Instagram, sabe? Ou querer lacrar nas redes sociais ou você contar com uma rede muito grande de contatos, né? E é isso, tem muita gente assim. E muita gente dentro do Fridays tem essa narrativa. Tem muitas tretas, tem muitas pessoas que usam muita cortina de fumaça atualmente, né? Pra trazer uma coisa, pra não dar visibilidade pra outra. Então eu acho que muita das vezes atrapalha, sabe? E porque não tem esse trabalho de checagem.

**Ana:** Pensando no seu trabalho, nessa curadoria socioambiental, comunicação socioambiental, eu fiquei muito interessada nessa sua forma de encontrar conexões entre as coisas. E aí pensando menos nas tretas do movimento, mas na função das juventudes ou no que as juventudes estão querendo dizer, o que que você acha que é a nossa narrativa sobre as questões climáticas no Brasil? Que tipo de narrativa funciona ou o que você acha deve ser aprofundada, a partir da sua experiência? Como falar desse assunto com legitimidade e profundidade?

**Naiara:** Primeiro, eu acho que têm ativista muito incrível mas que não sabe como contar a sua história. Mas eu sempre fui essa pessoa, que se você pedir pra eu contar a sua história eu vou contar, mas contar a minha história, nossa. Isso era uma coisa que eu via e que eu vejo muito no jovem de hoje em dia, sabe? Eu acho que tem nas entrelinhas meio que uma coisa, assim, de tipo, você pode se mostrar mas não pode se mostrar tanto porque senão você está se achando, sabe? E isso é uma coisa que eu vejo conversando com muitos jovens do Fridays, fora do Fridays, jovens ativistas climáticos. Pra você criar essa liderança e propagar sua voz, propagar uma mensagem, primeiro essa pessoa tem que ter muita coragem pra se colocar e ela sabe ela tem que ter sabe muita certeza do que quer, muita firmeza disso e

muita resiliência, porque isso vai virar ataque dentro do próprio movimento, de todos os lados, porque, enfim, falta de apoio de você ter que as vezes competir pra você conseguir uma bolsa ou competir, pra conseguir alguma coisa. Muitos processos eles são processos de fachada, porque você já sabe exatamente quem vai entrar e quem é próximo de quem tá selecionando. O campo socioambiental e o terceiro setor fazem muito isso. E isso fica muito nítido, se você tipo analisar quem a pessoa tá postando no INSTAGRAM, e outra pessoa ali conseguir uma vaga nesse programa aqui que é incrível. Coincidência, né? Isso é uma coisa assim que a pessoa, ela precisa ter muita resiliência e obviamente ela precisa conseguir se manter financeiramente. Uma pessoa de classe social muito baixa, eu não sei se ela consegue se manter fácil, sabe? No final eu acho que é sobre ter essas redes, né? E agora falando sobre mensagem, tem muitas mensagens que eu vejo sendo passadas mas tem muitas mensagens também que elas ficam ali nos entraves. Por quê? Tem gente que quer pautar localmente, e eu vejo muito isso tipo no Rio Grande do Sul e no Nordeste, mas a galera tenta construir uma narrativa muito voltada pra Amazônia e contra o desmatamento. Eu sinto muito isso. Só que as vezes as pessoas falam muito de territórios que elas não conhecem e não põe no chão, sabe? Elas não estão enraizadas. Então, quando as pessoas trazem suas narrativas, como por exemplo o Nordeste, que é uma das regiões mais afetadas, vai ser, continuar sendo uma das regiões mais impactadas pela crise climática. Só que essa legitimidade tem que vir de quem vive aqui. Então não adianta uma pessoa de outro lugar falar. A mesma coisa sobre o discurso sobre periferias. Esse discurso está muito crescente entre muitas e muitas áreas, parece que entrou na moda, sabe? Você fala sobre os mais vulneráveis só que no meio disso nem sempre quem está pautando é de periferia sabe? Então, assim, primeiro vem um discurso esvaziado, e um discurso distante. porque você não põe os pé no chão de lá. E é isso. Às vezes. por exemplo, no Rio Grande do Sul, eu vejo a galera pautando muitas coisas locais, fazendo ação local. Só que essas mensagens não são propagadas. Por quê? Porque nacionalmente não tá todo mundo lutando pelo Rio Grande do Sul. Por quê? Porque a narrativa é a Amazônia. Eu vejo muito isso. A Amazônia, o Cerrado são pautas. Descolonização é uma coisa que entre a juventude eu vejo muito sendo pautada do tipo, cara, vamos descolonizar as ideias, a forma que a gente pensa o mundo, a forma que as coisas acontecem porque a gente precisa trazer nossas pautas e não só importar as pautas do Fridays internacional. Porque tem coisa que não faz sentido. Você vai traduzir, não vai colar. As pessoas não vão ouvir isso, né? A mesma coisa, cê você falar Fridays for Future, gente, mas você falar Greve pelo Clima já é outra coisa, Jovens pelo Clima outra coisa completamente diferente, né? As pessoas vão entender o que é, vão ter uma breve noção do que é, apesar de ainda ser complexo, falar de clima. Então, acho que assim, as principais narrativas que eu vejo, eu vejo essa disputa vigente, mas eu vejo essas narrativas muito por esses lugares mais afetados, né?

**Ana:** Tenho uma outra dúvida. Se tem um grupo no Rio Grande do Sul atuando localmente. Outro em no Maranhão, onde que vai existir o cruzamento entre eles, quando são realidades tão diferentes? Pensando que o Brasil tem biomas completamente diferentes, o que você acha que conecta todo mundo?

**Naiara:** Você diz onde coloca todo mundo na mesma página, em discurso, ou em conexão?

**Ana:** Pensando em discursos que levem a algum tipo de ação.

**Naiara:** É porque, assim, eu acho que o que mobiliza no Fridays a todo mundo se unir são as grandes greves globais pelo clima. E as COPs. Porque as COPs têm uma delegação formada, ano passado teve também, e são processos muito conectados ao internacional que

dá suporte pras pessoas irem pra conferência e para as greves globais. Porque primeiro o Fridays é um movimento sem grana, então quando vem greve global as organizações vão chegando e dizem ‘o que vocês precisam?’ e e aí ‘ah então tá faz um orçamento e me manda’, então tem muito disso e eu acho que isso mobiliza primeiro você ter recurso pra fazer as coisas. Segundo, é um momento pras pessoas se unirem, fazerem uma única narrativa. Eu acho que desde sempre foi assim. Quando elas podem ter um espaço de protagonismo de alguma forma, então beleza, você vai ser a pessoa responsável por atender a imprensa. Cara, isso mobiliza as pessoas sabe? Eu acho que isso é outra coisa que mobiliza as narrativas a se unirem a questões tipo, cara, a Amazônia está pegando fogo a gente precisa fazer alguma coisa ou está tendo óleo no nordeste, vamos se unir e falar sobre isso. Eu acho que a urgência une as pessoas em convergir numa narrativa. Mas assim, o que faz as pessoas estarem no movimento, e isso eu percebo não só no Fridays mas em todos os outros que eu já passei, é a amizade. As pessoas ficam no movimento não porque necessariamente são ativistas. Mas porque elas encontram acolhimento em outra pessoa. E acolhimento não só de um acolhimento psicológico, mas um acolhimento de, nossa, estou me divertindo com você. A gente está fazendo isso junto. Eu sempre tive essa percepção dentro do ativismo. As pessoas ficam quando elas têm um círculo de amizades. Quando elas sentem com quem elas podem contar. Quando ela cria entre aspas até em várias vezes a panelinha delas. Então ela tem amigos naquele espaço. A amizade também é esse vínculo de conexão, sabe? E obviamente, vínculo de disputa, né? Elemento de disputa, porque se tem uma narrativa aqui, uma narrativa aqui, qual é a hashtag desse movimento? A galera vota, né?

**Ana:** Ah é votação? Essa aí era a minha dúvida, como chegar no consenso?

**Naiara:** Geralmente é como as pessoas fazem, né? Eu não tô atualmente no Fridays muito ativa, mas eu acompanho os grupos, até o nacional, mas a galera hoje em dia se organiza pelo Telegram. Eu acho que outras pessoas podem falar melhor dessa organização que eu, e geralmente é votação. Tipo, gente, tirou isso do Internacional e traduzido pode ficar assim mas e isso e isso e isso, então geralmente são votações e reuniões online que a galera discute conversa, faz release, se organiza, faz se conectar com organizações, recebe apoio, divulga, chama pessoas, entendeu? Eu acho que é mais assim, sabe?

**Ana:** Não sei se tem algo que você gostaria de falar, que não foi falado, uma angústia, uma celebração, o que que você acha que dá errado, ou te frustra.

**Naiara:** Boa, boa. Olha, eu acho que assim, uma coisa que não sei se é importante mas que me vem na cabeça é como o nome do movimento foi traduzido. Eu lembro que a gente fez um formulário, e a gente fez todas as opções possíveis num grupo de WhatsApp mesmo, e aí dentro dessas opções a gente ficou com Greve pelo Clima que foi mais votado. e a gente passou a lutar acho que foi a partir de abril de 2019. Acho que isso é um fato relevante que pouca gente lembra, pouca gente sabe disso. E a gente foi e muito chamado pra falar em escola. Em 2019, pelo menos. Pra falar em escola, pra tá em evento, pra participar das coisas, mas uma coisa que sempre tinha era, isso é uma coisa que acontece muito, até hoje, assim. A gente não vai expor o nosso lado. A gente tem crítica, por exemplo, ao Lula, mas eu vou votar no Lula. Lula é o meu candidato cem por cento, né? E nos movimentos é muito isso, muita ação ativista que você vê por aí, isso acontece muito, não é a gente que pensa. Chega as vezes uma organização, não vou citar nomes, que dá tipo assim ‘ó eu te financio mas você vai fazer isso’.

[Trecho extraído a pedido da entrevistada]

Como é uma narrativa forte a gente falar de juventude, a gente ter juventude no centro das coisas, juventude importa. Acho que é o discurso do século. A juventude não tem representação no Governo Federal, a gente não tem representação em muitos espaços, a galera usa muito a gente como trofeuzinho. No Fridays, o que mais a gente é? Troféu. Ah e vou chamar aqui um jovem pra minha mesa. Tem um jovem com mais umas pessoas nada a ver e aí batem palma pra tudo que a gente fala porque é isso, mas ninguém colabora, ninguém ajuda depois. E eu acho que é algo que é que vem da juventude em si é a gente se conecta muito sabe? Porque, além de ser ativista climático, a gente é ativista climático jovem. Esse rótulo chega antes de muita coisa. E a mesma coisa é quando a gente vai pra outro tipo de diversidade, como ativista climático negro. Porque, enfim, você precisa trazer diversidades pras mesas, né? Então essas leituras estereotipadas, essas *tokenizações* da gente, isso acontece desde sempre, e eu acho que hoje até alguns espaços são assim ainda bem. No fundo eu acho que o rolê é, não vou me importar com a forma como você tá me lendo ali, mas eu vou ocupar, eu vou estar nesse espaço, porque esse espaço é meu de direito, né? Por mais que seja evento privado ou qualquer coisa desse tipo.

**Ana:** Você falou da tradução do movimento? Eu que não entendi, foi uma frustração, a forma como foi traduzido? Só pra ver se eu entendi bem.

**Naiara:** Não, eu só trouxe como um histórico. Como foi traduzido sabe? Pessoas selecionaram nome, votação e foi escolhido. Outra coisa também que tem muito no Fridays né? Eu sinto isso. Que o Engajamundo era uma organização já estruturada que surgiu antes, mas muitos processos são inspirados por eles e por outras organizações né? Porque é isso, são jovens que não necessariamente passaram por mega formações ou tem currículo muito extenso, eu acho que nem a proposta deve ser essa, mas que precisam de referências e por precisar de referências o Engajamundo é uma referência. Então muita coisa assim, de organização, eu acho que veio dali. No início eu acho que veio muito por eu também estar na época nesses dois espaços. Cê fala, cara, cês funcionam aqui, eu acho que pode funcionar aqui também. Então, as referências vêm de muitas outras fontes, de outras organizações, de outros espaços. Na organização enquanto tipo pessoas se organizaram num num nome, né? Num num rótulo, né? Uhum. Que é muito criativo. Então eu sinto muito isso quando vem tipo na forma de se colocar pro mundo, na forma de trabalhar a linguagem. Eu acho que dá pra ver isso muito pelas coisas que vem, né? Então acho que criatividade ali não falta, né? Tem muito, né? E eu acho que é por esse encontro coletivo. Eu acho que é isso assim que tem pra falar assim

**Ana:** No Engaja vocês recebem alguma bolsa, algum incentivo, ou é tudo voluntário?

**Naiara:** O Engajamundo mudou bastante. Em 2019 quase todo mundo era voluntário, até quem coordena projeto no Engaja era voluntário, cê não recebe nada. As únicas pessoas que recebem são do comitê facilitador, que é basicamente o administrativo da organização Ou seja, galera que vai captar dinheiro, que vai cuidar da comunicação institucional, ver parcerias, gerir a rede. Então essas pessoas recebem, na época eram seis pessoas, hoje em dia também. E hoje em dia, no Engajamundo tem um programa de permanência que tem tipo trinta pessoas, só que, sendo muito franca, eu me questiono muito até que ponto é um programa de permanência porque é um programa de permanência que você tem que passar por uma série de formações, ele tem uma vaga para cada coordenador de projeto, atualmente eu coordeno um projeto no Engaja Mundo, que é um laboratório de comunicação que é o

Lab Pimenta. Eu tô saindo pois tem rotatividade. Tipo cara, não vai ficar muito tempo no mesmo cargo. Então fica dois, três anos, quatro anos no máximo dependendo se for do administrativo. Mas voltando a esse programa de permanência, você passa por um processo, tem que criar um projeto, tem que fazer um monte de coisa, enfim é a permanência até que ponto porque isso tá demandando muito tempo ali pra receber um rolê, né? Mas existe esse programa tem processo seletivo. Você entra, passa, faz as coisas. No Fridays não tem né? Não que eu saiba. Se tiver é porque tem algum projeto que por acaso você representa e recebe um dinheiro.

**Ana:** Quem são suas referências sobre a questão socioambiental, em influenciadores, comunicadores, cientistas, livros. Por onde você se informa?

**Naiara:** Vamos começar por ativistas. Cara, pra mim ativistas que são referências pra mim, é a Txai. Eu acho que ela é uma super ativista Eu acho que ela contribui demais assim com as palavras dela, com o que ela faz. Pra mim a Paloma é uma grande ativista, Paloma Costa. Ela sempre foi da pauta indígena e climática. E ela é uma pessoa que ela mobiliza, né? Então eu acho que eu aprendi muito com ela, assim de dividir o mesmo espaço que ela. Outra pessoa que me inspira muito, é a diretora da Escola de Ativismo atualmente, que é a Luciana Ferreira, ela escreve inclusive pro site da escola. Ela é uma educadora incrível, eu acho que, assim, por mais Lucianas no mundo. Ela é super criativa também. E outras pessoas que me inspiram. Eu acho que a Paulina Chamorro, eu gosto muito da forma que ela comunica as coisas. Ela é uma das poucas que existem ali enquanto mídia alternativa em podcast pra falar da pauta climática e da pauta socioambiental. A Sueli também, que eu acho que é a vice-presidente ou vice-coordenadora executiva do Observatório do Clima. Outra pessoa de comunicação e clima também que me inspira muito é ah oh meu Deus esqueci o nome dela. Não é Alessandra não. Oh meu Deus. Deixa eu ver aqui que eu sou péssima de nome. Isso é uma coisa que eu sou, é péssima de nome. Mas enfim, de forma geral eu trabalho no GT do Observatório do Clima, né? Eles são incríveis, incríveis, incríveis no que fazem.

**Ana:** E tem algum livro que foi marcante pra você?

**Naiara:** Andréa Coutinho, o nome dela. Cara, um livro marcante pra mim com certeza o Bela Baderna, eu me sinto fazendo merchan o tempo inteiro da escola de ativismo mas o Bela Baderna ele é um livro que vem do Beautiful Trouble, que é um site de referência ativista. A gente é parceiro dele enquanto escola e eles ensinam táticas de ativismo, traz histórias, traz ferramentas, traz inspiração. Então, pra mim, é um livro, assim, super inspiração. Além disso, eu acho que outro livro que me inspira muito é o as os escritos de Aílton Krenak, né. Gente, o que é aquilo dos paraquedas coloridos em A vida não é útil, né? Eu acho fantástico. E eu acho que outros livros também, como Davi Kopenawa. A Queda do céu acho que pra ter sensibilidade pra entender, né? Os povos ianomamis, a forma de pensar, a forma de envolvimento. Ó, outro grupo pra mim que é muita inspiração, são as Suraras do Tapajós. Elas são uma associação, uma organização mesmo, mas elas encontraram como estratégia de pautar a agenda delas através da música. Então elas são o primeiro grupo de carimbó composto só por mulheres, assim, é fantástico. Elas trazem muito da ancestralidade delas, as coisas do povo delas, né? E enfim, populariza, né? Que tá acontecendo, as pautas, passa mensagem. E outras pessoas também, alguns ativistas que a gente nem sabe o nome, que eu acho que eu não vou citar aqui também. mas que fazem muitas ações que a gente vê por aí. Acho que esses ativistas também me inspiram muito assim de pensar estratégia, de viação, de ver tipo, cara, que caminho a gente segue, que

caminho a gente não segue, poxa, vamos tentar fazer isso, né? São pessoas que me inspiram muito a pensar, ser, a fazer e que eu acho que hoje em dia me apoio muito também nesse sentido.

**Ana:** Você se sente hoje realizada no que você faz?

**Naiara:** Olha sim, eu gosto muito do que eu faço, eu já passei por algumas organizações. Hoje em dia, eu tô trabalhando só na escola de ativismo, eu gosto muito de lá. Eu acho que eu dei muita sorte assim de trabalhar lá, gosto muito, muito mesmo, assim, é um espaço onde eu acredito muito. Eu acho que é muito bom quando você acredita num espaço não que seja perfeito, acho que nenhum lugar vai ser, né? Mas eu acho que é um espaço que me acolhe, é um espaço que dá espaço pra minha criatividade, como nenhum outro forneceu. Colaboração, parceria e espaços sinceros e verídicos, né? Eu acho que é muito sobre isso.

**Ana:** E como você trabalha a sua criatividade? Você tem alguma metodologia própria?

**Naiara:** Cara, isso é uma coisa que, enfim, é tema de terapia há seis meses. Uma coisa que eu sempre faço é que eu tô o tempo todo criando coisas, sabe? Tipo converso com as pessoas o que está sempre vindo ideia na cabeça, eu sempre anoto porque eu esqueço com o TDAH, então provavelmente eles focam muito no que tá rolando. Mas uma coisa que eu sempre tento fazer é tipo escrever coisas pra esvaziar a cabeça. Geralmente eu não publico, elas são coisas pessoais. E eu sou muito do desenho, né? Não que eu seja desenhista, mas eu sou muito de desenhar, fazer mapa mental, facilitação gráfica das coisas. E com isso eu acho que vem muita ideia. E eu acho que a minha criatividade vem muito de eu me colocar muito num espaço de inspiração, sabe? Porque assim. Meus amigos são ativistas, eles também me inspiram de alguma forma, o que eles fazem, o que eles pensam, a gente tá sempre conversando sobre ativismo, né? Porque, enfim, ser ativista é muito solitário, né? Como eu falei, eu saí do que eu me sentia sozinha, porque eu me sentia não acolhida, eu acho que tipo estar com amigos que sejam ativistas, meu namorado hoje em dia é ativista também. Eu acho que vou falar isso porque a gente está o tempo todo falando de ativismo, não tem como. Às vezes a gente fala oh esse domingo a gente não vai falar de nada sobre isso porque vamos dar uma pausa, vamos falar de uma coisa nada a ver, né? e eu acho que a própria natureza assim eu acho que a biologia nesse sentido aí eu acho que ela retoma a minha vida né? Eh muitas vezes elas ela volta como inspiração sabe? Desses processos de olhar os processos da natureza e entender cara a gente tem pra aprender, o quanto a gente tem assim pra quebrar a mente, sabe? Então, acho que minha inspiração vem desses espaços, né? E sei lá, eu sou uma pessoa muito feliz, assim. É até estranho, é muito raro eu ficar triste alguma coisa. Então, eu tô sempre vendo o lado bom das coisas, né? E tentando tirar o bom das coisas e os ruins também, né? Porque eu acho que isso move muito, né? Então, eu sou uma pessoa também muito movida por raiva, né? Uma coisa até que meus amigos falam, nossa, Naiara é movida por raiva, arroz, arroz e feijão. Tipo, eu fico com raiva das coisas e a minha solução é de criar coisas, pensar nos sonhos das coisas, né? E aí, novamente, eu acho que o fato de, e aí, por favor, isso aí não usa pra nada, hein? Tá. O engaja mundo é um lugar que tem problemas de governança e assim eu fiquei muito tempo lá, eu ainda tô lá, né? Como eu disse, tô coordenando um projeto ainda e um projeto experimental. Então, lá como é um espaço que assim, cara, tem muito problema, eu sou a pessoa que eu gosto de resolver os problemas. Então estou sempre propondo solução. Não que eu seja ouvida. Não. Passo muita raiva com isso também, mas enfim, eu acho que é um espaço que assim, o caos e a não solução também eu acho que é um que é um que me motiva, sabe? A pensar coisas, a criar coisas, a pensar outras coisas, enfim faz quase nenhuma delas ou são executadas por

outras pessoas porque eu tenho as ideias, compartilho e muita das vezes outras pessoas as fazem ou eu executo enfim não não não uso muito os meus créditos porque É isso, né? Eu acho que dois mil e vinte pra mim e isso é que é muito pessoal, assim, muito compartilhando. Foi muito traumático no sentido de tipo, dois mil e dezenove, dois mil e vinte, sabe o preço de você se expor, de você estar sendo vista, sabe? E o fato de eu estar nesse espaço de visibilidade, de muita exposição, me fez achar que isso não era pra mim, né? Então assim, de diversas narrativas, essas vozes construírem na minha cabeça que olha, você não é possível pra estar à frente das coisas, mas não necessariamente é isso, sabe? Hoje em dia eu paro e penso, cara eu queira sim estar a frente de alguma coisa mas eu acabei não me colocando isso como sei lá uma estratégia de defesa de certa forma. Uhum. Então sei lá assim eu acho que vem muito daí essas coisas. Sim. Tem essa coisa né? De é aonde você tem mais medo, é pra onde você tem que ir né? Tipo se é isso que te pega então é aí que está que você tem que ir aí é como você chega nisso é uma questão, uma jornada né? Mas Eh e se você é uma comunicadora, talvez você precisa se organizar internamente antes de assumir que você quer essa visibilidade, né? Mas acho que sim. Ela parece já está meio que dada sim. E também descobri, né? Se por exemplo se o seu lugar é estrategista, a sua visibilidade pode ser justamente nessa ser referência nisso, né? Enfim, acho que tem tudo, tem tempo pra tudo assim, mas é bom você já fazer essas questões. Eh se se questionar sim.

**Ana:** Muito incrível, poxa eu desejo tudo de bom pra você e que você alcance tudo que você desejar, que você vá atrás dos seus medos porque eu achei sensacional tudo que você falou assim, espero que essa pesquisa possa contribuir de alguma forma. Assim que eu tiver atualizações disso eu também te encaminho Muito obrigada mesmo a gente pode encerrar , se tudo bem por você.

**Naiara:** Acho que a gente já passou um bom tempo, né? Hora de almoçar